

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO**

**FRANCISCA ALAÍNE PINHEIRO**

**A REPRESENTAÇÃO DE FILOSOFIA NA OPINIÃO DOS DISCENTES DO  
ENSINO MÉDIO: UMA INTERVENÇÃO FILOSÓFICA**

**TERESINA – PIAUÍ  
2019**

FRANCISCA ALAÍNE PINHEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DE FILOSOFIA NA OPINIÃO DOS DISCENTES DO  
ENSINO MÉDIO: UMA INTERVENÇÃO FILOSÓFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Ensino de Filosofia

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Maria Magalhães do Nascimento

TERESINA – PIAUÍ  
MAIO – 2019

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

P645r Pinheiro, Francisca Alaíne.  
A representação de filosofia na opinião dos discentes do ensino médio: uma intervenção filosófica / Francisca Alaíne Pinheiro. – 2019.  
133 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Mestrado Profissional em Filosofia, Teresina, 2019.

“Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edna Maria Magalhães do Nascimento”.

1. Filosofia – estudo e ensino (Segundo Grau). 2. Filosofia – aspectos educacionais.I. Título.

CDD 107

FRANCISCA ALAÍNE PINHEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DE FILOSOFIA NA OPINIÃO DOS DISCENTES DO  
ENSINO MÉDIO: UMA INTERVENÇÃO FILOSÓFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-  
FILO da Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
como requisito para a obtenção do título de  
Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 10 de abril de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

*Edna Maria Magalhães do Nascimento*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Magalhães do Nascimento - UFPI (Orientadora)

*Heraldo Aparecido Silva*

Prof. Dr. Heraldo Aparecido Silva - UFPI (Examinador interno)

*Solange Aparecida de Campos Costa*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Solange Aparecida de Campos Costa - UESPI (Examinador externo à  
Instituição)

*Francisca Alaine Pinheiro*

Francisca Alaine Pinheiro - Mestranda

Dedico esse trabalho a meu esposo, a meus pais e a meus sobrinhos. Companheiros de vida e de luta que me inspiram, apoiam e suportam minhas ausências enquanto busco meus sonhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao PROF-FILOSOFIA UFPI, na pessoa de todos que contribuíram para que eu tivesse essa oportunidade de realização pessoal e profissional.

Agradeço em especial, à minha orientadora Profa. Dra. Edna Maria Magalhães do Nascimento (UFPI), que acreditou em mim e me inspirou por seu próprio exemplo de estudiosa, por sua paciência e orientação, sem a qual seria impossível a superação que empreendi para chegar até aqui.

Agradeço a meu esposo Daniel Bezerra Samuel, pelo apoio incondicional em todos os momentos e pelo estímulo, quando os obstáculos e dores do caminho me enfraqueciam.

Agradeço aos meus onze sobrinhos amados, filhos do coração, que me inspiram a aprender sempre e superar os limites postos pela vida.

Agradeço aos meus colegas da turma de mestrado, sempre solícitos e atentos em ajudar e apoiar em momentos de dúvidas e insegurança.

Quando a mente está pensando, está falando consigo mesma (Platão).

A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento (Platão).

## RESUMO

A presente Dissertação de Mestrado foi intitulada “A representação de Filosofia na opinião dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica. Trata-se de um estudo sobre o ensino de Filosofia e a recepção desta disciplina segundo discentes do Ensino Médio. Esse estudo fundamenta-se na percepção de que as opiniões vigentes sobre a Filosofia, produzem uma representação negativa acerca dessa área de conhecimento, que interfere na recepção dos discentes em relação ao componente curricular Filosofia. Constata-se que isto inviabiliza o trabalho docente e prejudica o desempenho acadêmico dos discentes. Esta problemática, certamente, é vivenciada na experiência daqueles que lidam com ensino de Filosofia, o que leva a frequentes dificuldades em efetivar um trabalho pedagógico satisfatório. Este estudo tem como objetivo compreender como se dá a representação de Filosofia pelos discentes e, neste sentido, verificar se tal representação ou opinião tem interferido efetivamente na consolidação da Filosofia como componente curricular do ensino médio. A Filosofia enquanto saber detentor de conteúdo crítico está envolvida em controvérsias, questionamentos, isto é, trata-se de um conhecimento que tem em si mesmo seu objeto de estudo enquanto fundamento do método e da crítica radical. Com base neste entendimento, para realizar a presente pesquisa, parte-se de uma concepção de Filosofia que adota a perspectiva socrático-platônica de “busca amorosa do saber” cuja natureza é a discussão de problemas e questões da experiência humana (opiniões) que, submetida ao exercício da razão e do diálogo (dialética) propicie um conhecimento que amplie e/ou fundamente as opiniões (quando consideradas verdadeiras) ou as supere (quando consideradas falsas). Desse modo, a finalidade desta pesquisa é entender como as opiniões sobre a Filosofia, presentes no senso comum, compõem uma representação social acerca deste ensino para o currículo do ensino médio que impactam em sua real efetivação.

Palavras chave: Opinião. Conhecimento. Diálogo. Ensino de Filosofia.

## **ABSTRACT**

This Master's Dissertation was entitled "The representation of Philosophy in the opinion of high school students: a philosophical intervention. It is a study about the teaching of philosophy and the reception of this discipline according to high school students. This study is based on the perception that the current opinions about philosophy produce a negative representation about this area of knowledge, which interferes with the reception of the students in relation to the curricular component philosophy. It is verified that this makes the teaching work unfeasible and impairs the academic performance of the students. This problem is certainly experienced in the experience of those who deal with teaching philosophy, which leads to frequent difficulties in carrying out satisfactory pedagogical work. This study aims to understand how to give the representation of philosophy by students and, in this sense, to verify if such representation or opinion has effectively interfered with the consolidation of philosophy as a component of high school curriculum. Philosophy as a knowledge of critical content is involved in controversies, questions, that is, it is a knowledge that has in itself its object of study as the foundation of method and radical criticism. Based on this understanding, the present research is based on a conception of Philosophy that adopts the Socratic-Platonic perspective of the "loving search for knowledge", whose nature is the discussion of problems and questions of human experience (opinions) subject to the exercise of reason and dialogue (dialectic) provides a knowledge that broadens and / or substantiates opinions (when considered true) or surpasses them (when considered false). Thus, the purpose of this research is to understand how opinions about philosophy, present in common sense, make up a social representation about philosophy and its importance to the high school curriculum, which constitute the opinions of the students and impact their effectiveness.

Keywords: Opinion. Knowledge. Dialogue. Teaching Philosophy

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 A OPINIÃO, A FILOSOFIA E O ENSINO DE FILOSOFIA</b> .....	17
2.1 Opinião: explicitando o conceito .....	17
2.2 Diálogo como método de pesquisa e de ensino de filosofia.....	22
2.3 A opinião como instrumento metodológico do diálogo .....	27
2.4 Algumas faces da opinião nos diálogos platônicos .....	30
2.5 O filosofar entre o opinar e o conhecer.....	34
2.6 O ensino de filosofia: saindo da caverna para voltar depois .....	38
<b>3 O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E A EXPERIÊNCIA DO PENSAR</b> .....	42
3.1 A Filosofia e a educabilidade humana.....	42
3.2 A filosofia e o ensino de filosofia: conceitos e problemas.....	46
3.3 A filosofia e o ensino médio no Brasil: entre a presença e a ausência.....	50
3.4. Por que a filosofia importa para a escola.....	57
3.5 A filosofia: vida e cotidiano.....	62
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	66
4.1 Da a natureza da pesquisa .....	67
4.2 Campo de pesquisa.....	69
4.3 Os sujeitos da pesquisa .....	71
4.4 Dos procedimentos metodológicos .....	72
4.4.1 Questões de investigação .....	74
4.4.2 Procedimentos de coleta, organização e análise de dados.....	75
<b>5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO PROJETO DA INTERVENÇÃO</b> .....	77
5.1 O contexto da intervenção .....	77
5.2 Os passos da intervenção .....	78
5.2.1 O plano de curso – planejamento.....	78
5.2.2 A sala de aula – o processo .....	79
5.2.3 O Fórum Filosófico – a culminância .....	81
5.3 A análise e interpretação da intervenção .....	83
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	89

<b>APÊNDICES</b> .....	93
APÊNDICE A – PROJETO DE INTERVENÇÃO FILOSÓFICA.....	94
APÊNDICE B – PROJETO FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS.....	104
APÊNDICE C – PLANO DE CURSO 2018 – FILOSOFIA PARA OS 3º ANO (A, B e C) – TURMAS ENVOLVIDAS NO PROJETO .....	108
APÊNDICE D – I FÓRUM FILOSÓFICO UEFS / PROGRAMAÇÃO.....	114
APÊNDICE E – ATIVIDADE SOBRE A GREVE E A QUESTÃO DA JUSTIÇA .....	115
 <b>ANEXOS</b> .....	 117
ANEXO 1- REGISTRO FOTOGRÁFICO DA ESCOLA CAMPO DA PESQUISA ....	118
ANEXO 2- REGISTRO FOTOGRÁFICO DO I FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS ...	119
ANEXO 3 - REGISTRO FOTOGRÁFICO DO DIÁRIO DE CLASSE – AULAS .....	123
ANEXO 4 – CERTIFICADO DO I FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS .....	127
ANEXO 5 – REGISTRO DE ALGUMAS FALAS DOS PARTICIPANTES NA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM 2017 .....	128
ANEXO 6 - TRECHOS DE TRABALHOS ESCRITOS APRESENTADOS NO I FÓRUM FILOSÓFICO UEFS .....	130
ANEXO 7 - MODELOS DE TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E TERMOS DE ASSENTIMENTO UTILIZADOS.....	131



## 1 INTRODUÇÃO

A representação<sup>1</sup> de Filosofia na opinião<sup>2</sup> dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica<sup>3</sup> é o tema da presente Dissertação de Mestrado. Trata-se de um estudo sobre o ensino de Filosofia e a recepção desta disciplina pelos discentes do Ensino Médio da Unidade Escolar Firmina Sobreira, Teresina – Piauí.

Esse estudo fundamenta-se na percepção de que as opiniões vigentes a respeito da Filosofia produzem uma representação negativa dessa área, que interfere na recepção dos discentes em relação ao componente curricular Filosofia. Percebe-se que isto inviabiliza o trabalho docente e prejudica o desempenho acadêmico dos discentes.

Essa percepção decorre da constatação no trabalho cotidiano em turmas de Ensino Médio e de discursos de alguns docentes em conversas livres sobre suas experiências pedagógicas com o ensino de Filosofia em turmas de Ensino Médio. Pode-se averiguar isso a partir da experiência de 20 anos, da pesquisadora, com ensino de Filosofia em turmas de ensino médio na escola pública da rede estadual do Piauí, e em depoimentos de outros docentes que atuam na mesma rede de ensino.

Ao consultar a literatura da área pode-se identificar, no que se refere ao ensino de Filosofia, que a busca por uma metodologia voltada para o Ensino Médio é uma preocupação de diversos estudiosos na atualidade. Isto decorre, por um lado, da especificidade e complexidade da Filosofia como campo de conhecimento; e por outro lado, de sua recente inserção no ensino médio das escolas públicas no Brasil, que causa certa instabilidade de sua presença e de sua receptividade pela comunidade discente.

---

<sup>1</sup> A utilização do termo 'representação' foi empregada para designar a imagem ou ideia que os estudantes possuem sobre o ensino de filosofia. Este termo tem origem medieval e foi sugerido pelos escolásticos para designar o conceito ou semelhança com o objeto (ABBAGNANO, 2003).

<sup>2</sup> O termo remonta à filosofia grega no qual o seu primeiro significado se encontra em Parmênides que contrapõe "as opiniões dos mortais à verdade". Em Platão, a opinião é algo de intermédio entre o conhecimento e a ignorância, sendo que compreende a esfera do conhecimento sensível. Entretanto, há controvérsias, pois, no *Teeteto*, Platão também afirma que a opinião é o discurso que a alma faz consigo mesma (ABBAGNANO, 2003).

<sup>3</sup> O projeto de intervenção filosófica tem por desafio compreender o aluno e suas necessidades educacionais no que diz respeito ao ensino de Filosofia, bem como verificar a atuação do professor e suas práticas pedagógicas. Trata-se de uma metodologia que constata uma dificuldade e articula teoria e prática, na medida em que aplica no campo de investigação uma intervenção cujos resultados visam modificar uma dada realidade.

Gelamo (2009, p.25) declara que mesmo no ensino superior há um “desprezo pela disciplina Filosofia, que podia ser notada na maioria dos alunos”. Não se pode esquecer que a cultura (com seus valores e costumes) que o indivíduo carrega para a universidade é a cultura introjetada durante um processo contínuo de socialização desde sua infância, presente nos vários grupos sociais e situações de aprendizagem que constituem suas vivências e relações interpessoais e, como consequência de uma cultura utilitarista, a Filosofia acaba não sendo prestigiada.

Por outro lado, pode-se observar também o testemunho de circunstâncias semelhantes, em Benetti (2006, p. 35) quando lembra que “o ato de filosofar tem por característica desacomodar, gerar conflito” e ainda (idem. p. 48) “o inconsciente está presente nos efeitos produzidos no processo de ensino-aprendizagem, tanto na dificuldade de aprender como na vontade de aprender”. Quando se considera que esse inconsciente se constitui de crenças e hábitos, por sua vez, assimilados em um processo de socialização, pode-se então inferir o quanto estas crenças têm impactado na formação das opiniões em relação à Filosofia e ao seu ensino, sobretudo no Ensino Médio.

Também importa ressaltar, que ao pensar formas de intervenção filosófica no ensino de Filosofia para o Ensino Médio, não se pode deixar de lado a reflexão sobre o papel da Filosofia e do professor desta disciplina nesse nível de ensino. Como lembra Silvio Gallo, no prefácio de *Filosofia em sala de aula*, “O problema é que o ensino de filosofia na educação média tem suas especificidades e não pode ser simplesmente a transposição do ensino universitário simplificado e/ou diminuído” (RODRIGO, 2014).

É digno de nota também, quando se trata do ensino de Filosofia na escola, White (2010) quando examina as características que constituem uma disciplina com motivação para o pensamento filosófico, tais como: pensamento divergente, insight interativo, criatividade e desejo por conhecimento. Este autor enfatiza que estas competências podem ser melhor aproveitadas a partir do ensino de Filosofia. Ele demonstra ainda que, o ensino de Filosofia é propício para desenvolver habilidades como: pensamento crítico, respeito às diferenças culturais e aplicação prática do conhecimento adquirido.

Compreende-se que Filosofia é um saber dotado de um conteúdo crítico. E, em vista da sua criticidade, está envolvida em controvérsias e questionamentos. Trata-se de um conhecimento que tem em si mesmo seu objeto de estudo enquanto

fundamento do método e da crítica radical, pois a teoria em que se fundamenta a concepção de método através do qual se filosofa, é ela mesma Filosofia. Com respaldo neste entendimento, para realizar a presente pesquisa, parte-se de uma concepção de Filosofia numa perspectiva socrático-platônica cujo procedimento metodológico é a atitude de espanto e da admiração em relação à realidade circundante e a aplicação do exercício da crítica racional.

Intenta-se, a partir deste esforço metodológico, despertar os estudantes para que tenham uma maior sensibilidade aos problemas e questões da experiência humana muitas vezes banalizados e ocultados por opiniões cristalizadas pelo costume. Na verdade, espera-se que os estudantes do ensino médio, através do exercício da razão interrogativa e do diálogo, ampliem e/ou fundamente as opiniões quando consideradas verdadeiras ou as supere quando consideradas falsas; inclusive a opinião sobre a Filosofia e o seu ensino na escola.

Este estudo, portanto, tem como objeto de pesquisa a opinião e a representação que os discentes têm da Filosofia, consideradas fundamentais em sua efetivação como componente curricular do Ensino Médio nas escolas públicas. A intenção é, à moda socrática presente nos diálogos, não defender uma verdade definitiva e absoluta sobre a Filosofia, suas questões ou sua importância para a educação escolar ou para a vida, mas provocar o espanto, propondo possibilidades de crítica às opiniões dos discentes e promovendo o exercício do pensar por meio do diálogo.

No *Teeteto*, Sócrates adverte que a pedagogia no ensino de Filosofia não está incumbida de transmitir um conjunto de conteúdos previamente adquiridos, não se trata da posse de conhecimentos a serem compartilhados, mas de uma intervenção filosófica, no processo que é por si mesmo um exercício filosófico de elaboração das próprias opiniões do interlocutor.

Sócrates – Já esqueceste, amigo, que eu não só não conheço nada disso como não presumo conhecer? Nesses assuntos sou estéril a conta inteira. O que faço é ajudar-te no trabalho do parto; daí, recorrer a encantamentos e oferecer ao teu paladar as opiniões dos sábios, até que, com o meu auxílio, venha à tua própria opinião. (PLATÃO, 2001, 157c-d, p. 57).

Nesse sentido, o conteúdo, ou seja, “as opiniões dos sábios” oferecidas ao paladar do discente (ou interlocutor) é um estímulo ao apetite por conhecimento não o conhecimento sendo transmitido. Portanto, aí não importa se tais opiniões são

verdadeiras ou falsas, importa o método como serão degustadas e até que ponto serão úteis para despertar o maravilhamento e a acuidade de espírito no interlocutor. Assim, rumando ao conhecimento pelo caminho da Filosofia, método dialético, talvez este chegue em sua própria opinião.

Na esteira dessa perspectiva, ao tempo que se desenvolveu a pesquisa, buscou-se intervir filosoficamente e promover uma ampliação das visões de mundo e representações acerca da filosofia e do filosofar, partindo das opiniões postas pelos próprios discentes. E, desse modo, entender como as opiniões sobre a Filosofia, presentes no senso comum, compõem uma representação sobre a mesma e sobre sua importância para o currículo do ensino médio. Nesse ínterim, interfere-se na constituição dessas representações e modifica-se conseqüentemente, de forma qualitativa, as opiniões dos discentes – indo do senso comum para a Filosofia.

Parte-se da hipótese que esta representação, que está difusa na sociedade, influencia as opiniões dos discentes e impactam na efetivação da Filosofia como componente curricular do ensino médio, em escolas da rede estadual do Piauí, contexto em que se situa a escola onde desenvolveu-se o estudo. Assim, identifica-se uma dupla finalidade neste trabalho: identificar e compreender as representações sobre a Filosofia presentes nas opiniões expressadas pelos discentes; e intervir filosoficamente a partir do contexto de sala de aula nestas representações.

Busca-se, então, ultrapassar algumas representações recorrentes e disseminadas nas opiniões dos discentes, sobretudo, as de cunho negativo e que são meramente obtidas pelo senso comum. A intervenção incluiu a utilização de um conjunto de estratégias pedagógicas e filosóficas, visando possibilitar uma representação mais elaborada sobre a Filosofia pelos discentes, por meio do despertar crítico e do estímulo para a reflexão.

Ao fazer referência a estratégias pedagógicas e filosóficas, tem-se em mente que o ensino de Filosofia como parte do currículo do Ensino Médio tem sua especificidade metodológica e teórica, mas também integra as relações de ensino-aprendizagem comuns a outros componentes curriculares. Estratégias pedagógicas que favorecem o relacionamento professor-aluno, acompanhamento de frequência e participação em atividades durante a aula, encaminhamento de leituras, entre outros; inclusive com a exposição de conteúdos e aplicação de atividades diversas próprias do cotidiano escolar. A estratégia filosófica, por sua vez, implicou no modo proposto para a transmissão do conteúdo que deveria ser, também, filosófica.

Ao se imprimir na prática de sala de aula uma proposta de transmissão filosófica de conteúdo, imprime-se a crítica do conteúdo e, neste caso, a crítica interna do conteúdo. A estratégia filosófica, por meio da pedagógica, configurou-se então, pelo uso do exercício do filosofar inspirado nos diálogos platônicos, como método para o ensino de Filosofia.

A perspectiva teórico-metodológica adotada, portanto, é o diálogo, por meio da discussão em sala de aula, da leitura de trechos dos diálogos platônicos e da adoção de um método semelhante a maiêutica como referencial. A dialética como processo lógico (interno) provocada pela condução problematizadora do (a) professor (a) ao apresentar questões e teorias contrárias ou simplesmente diferentes das opiniões comuns, pode, de algum modo levar o discente (interlocutor) à ascensão (saída da caverna) e a reelaboração de sua opinião.

A metodologia aplicada fora composta de técnicas diversas e complementares, tendo em vista o cunho qualitativo e social da pesquisa e a intervenção, tais como: a observação participante e aplicação de instrumentais como entrevistas semiestruturadas e propostas de atividades escritas de cunho dissertativo e subjetivo. Estas técnicas, ao nosso ver, permitiram identificar opiniões comuns acerca da Filosofia mais recorrentes entre os discentes para identificar possíveis modificações nas representações que compõem essas opiniões, durante e após a intervenção.

Ainda que não haja, necessidade de quantificação de dados, as informações colhidas e os dados construídos, são a base para a avaliação da intervenção, cuja culminância fora empreendida na realização do I Fórum Filosófico da UEFS – Unidade Escolar Firmina Sobreira.

Os estudos sobre a Filosofia e seu ensino, bem como aqueles que possibilitem empreender uma proposta de intervenção como a que ora se apresenta neste estudo, requereu um referencial teórico de base para sistematizar a concepção de Filosofia e de ensinar Filosofia que se pretendeu desenvolver em conexão com a intervenção filosófica.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica teve como objetivo fundamentar teoricamente, analisar e compreender categorias diversas como: Opinião, Conhecimento e Filosofia. O autor principal desta análise foi Platão, sob o qual a pesquisa concentrou-se nos seguintes diálogos: *O Banquete*, *Fédon*, *Sofista*, *Político*, *A República*, *Crátilo* e *Teeteto*. Além da leitura dos diálogos platônicos,

buscou-se também a fundamentação teórica complementar em textos de comentadores de Platão e textos de referência sobre a história e cultura grega.

A escolha destes textos fora motivada, sobretudo, tendo em vista os temas foco investigados na pesquisa: opinião, conhecimento e filosofia, e devido à tarefa gigantesca que seria dar conta da quantidade e da complexidade da obra platônica. No entanto, o foco nestes diálogos não excluiu a consulta ou possibilidade de referência a outros textos platônicos, como complemento para a pesquisa ou recurso para o trabalho pedagógico no âmbito da intervenção em sala de aula. Buscou-se analisar, também, o modelo pedagógico do diálogo platônico como forma de intervir filosoficamente na aula tradicional centrada no discurso retórico e monológico.

Nestes termos, o modelo do diálogo platônico se configura como método de ensino centrado na conversação (argumentação/dialética) buscando despertar no discente o maravilhamento diante daquilo que é visto como banal e a crítica diante daquilo considerado conhecido. Em consequência, ainda que a dialética mantenha um ponto de ligação com a retórica como recurso para despertar o maravilhamento nos interlocutores, a ênfase se dá no exercício de revisão das opiniões e não na imposição de novas opiniões. Isto é, a promoção da reflexão e da crítica das opiniões, ao tempo que se estimula o pensar filosófico, praticando o filosofar.

No âmbito da discussão sobre 'Ensino de Filosofia', a pesquisa concentrou-se nas contribuições da literatura pertinente em autores como Galo, Gelamo, Kohan, dentre outros. No que diz respeito aos documentos oficiais foram examinados aqueles que expressam e fundamentam legalmente políticas educacionais brasileiras das últimas 2 (duas) décadas (entre 1996 e 2016) e seus desdobramentos em documentos acerca das políticas educacionais da Rede Estadual do Piauí; considerou-se como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) e a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017<sup>4</sup> – e seus desdobramentos até a conclusão desse trabalho (2018) com a Proposta da BNCC (base nacional curricular comum do ensino médio) enviada para a análise do Conselho Nacional de Educação (CNE).

A pesquisa em tela orienta-se por uma abordagem denominada de pesquisa-ação, uma vez que se trata de uma intervenção filosófica que implica na modificação

---

<sup>4</sup> Esta Lei representou mais um retrocesso na luta pela consolidação do Ensino de Filosofia no Ensino Médio, pois volta à etapas já superadas pelo movimento de educadores e filósofos quando passa a novamente obter o caráter de uma disciplina não mais obrigatória.

de práticas pedagógicas no espaço e tempo da aula nas turmas envolvidas, e em práticas sociais envolvendo o comportamento dos discentes. Nesse sentido, a metodologia demandou modificações de planos e práticas de ensino, tendo em vista a transmissão filosófica de conteúdos como resultado e interface para a intervenção filosófica proposta; e em implementar projetos pedagógicos, para promover a pesquisa e o debate, acerca da importância e do lugar da Filosofia no currículo do ensino médio.

A Dissertação recebeu a seguinte estruturação: consta desta introdução apresentando o tema, a problemática, a justificativa e os objetivos da pesquisa da intervenção, que constitui o primeiro capítulo.

O segundo capítulo foi denominado A opinião, a filosofia e o ensino de filosofia e dividido nas seguintes seções: Opinião: explicitando o conceito; O diálogo como método de pesquisa e de ensino de filosofia; A opinião como instrumento metodológico do diálogo; algumas faces da opinião nos diálogos platônicos; O filosofar entre o opinar e o conhecer; O ensino de filosofia: saindo da caverna para voltar depois.

O terceiro capítulo foi intitulado O ensino de filosofia no ensino médio e a experiência do pensar, nele foram desenvolvidos alguns tópicos que abordam temas sobre a problemática do ensino de filosofia em seus aspectos conceituais e legais: A filosofia e a educabilidade humana; A filosofia e o ensino de filosofia: conceitos e problemas; A filosofia e o ensino médio no Brasil: entre a presença e a ausência; Porque a filosofia importa para a escola; A filosofia: vida e cotidiano.

O quarto capítulo foi dedicado à Metodologia e se desenvolve em itens como: Da natureza da pesquisa; Campo de pesquisa; Sujeitos da pesquisa; Dos procedimentos metodológicos, este estendido no subitem Questões de investigação; Procedimentos de organização e coleta de dados.

A pesquisa sistematizou o quinto capítulo denominando-o de “Análise e interpretação da intervenção, dividido nas seções: O contexto da intervenção; Os passos da intervenção, por sua vez subdividido em O plano de curso – planejamento, A sala de aula – o processo e O fórum filosófico – a culminância; e A análise e interpretação. O referido capítulo consolida a execução e os resultados obtidos com o projeto de intervenção, sendo esses resultados discutidos e avaliados à luz do referencial teórico utilizado. E por fim, constam as Considerações Finais, Referências e a documentação anexa pertinente à pesquisa.

## 2 A OPINIÃO, A FILOSOFIA E O ENSINO DE FILOSOFIA

### 2.1 Opinião: explicitando o conceito

O termo opinião (Gr. *doxa* / lat. *opinio*) pode assumir, em diferentes contextos, diferentes significados. Em algumas situações é tomado como sinônimo de crença, e em outras como sinônimo de conhecimento, e ainda como perspectiva possível acerca de uma questão. Opinião também pode significar a manifestação de uma forma de ver, representando o estado de espírito e a atitude de um indivíduo ou de um grupo em relação a um determinado parâmetro ou realidade.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, a opinião, mais que uma questão conceitual e filosófica, tornou-se um problema: social, político e moral. Com o advento da internet, potencializada na influência das redes sociais entre jovens e crianças, a emissão da opinião tornou-se moeda de troca, para além de suas conexões com a verdade dos fatos ou da fundamentação das informações por elas veiculadas.

Pode-se perceber que, no espaço da internet, das mídias sociais, existem diversas representações sobre um assunto, e é um espaço fértil para a proliferação e veiculação de opiniões. Entretanto, dificilmente se identifica a fonte de uma informação, além disso é fato a velocidade com que fluem as informações, não permitindo a maturação ou o exame das ideias. Palfrey (2011) ao tratar da temática da qualidade da informação na internet, aponta para essa questão quando observa:

[...] o advento da internet gerou preocupações importantes sobre os desafios que enfrentam os jovens que estão crescendo cercados por tantas fontes de informação e por tantos serviços que permitem alguém se tornar um autor ou um editor que ficou ainda mais difícil distinguir as boas informações das ruins. (p.178).

E complementa adiante.

Não há razão para acreditar que as informações encontradas online sejam de menor qualidade do que aquelas impressas em papel. Mas o que é, com frequência, muito diferente são os mecanismos pelos quais as informações são criadas, revisadas, editadas, recebidas, compartilhadas e reutilizadas. (p.78-79).

Quase sempre não há tempo para a verificação ou análise das informações, assim como há um risco permanente de ações e reações com implicações concretas

de cunho afetivo, social, intelectual e moral; seja por falta de uma responsabilização direta sobre as informações veiculadas, seja pelas supostas autoridades imprimidas em interpretações emitidas sobre essas informações e os diferentes graus de influência psicológica sobre jovens e mesmo adultos.

A falta de validação transforma essas informações em pilhas de opiniões, com maior ou menor grau de aproximação com os fatos, reproduzidas e consumidas diariamente. Embora haja, de fato, informações e opiniões de boa qualidade disponíveis na internet também é fato a dificuldade e, por vezes, impossibilidade de verificação. E a quantidade aliada à velocidade com que as informações fluem elevam e aprofundam significativamente o impacto e o risco de danos provocados por opiniões emitidas nesses meios.

O termo opinião também pode ser usado como sinônimo de crítica especializada, subentendo a ideia de autoridade intelectual sobre um assunto ou conhecimento. É o caso quando se faz referência a artigos de opinião em jornais ou revistas, ou em julgamentos quando é requerida a opinião profissional de especialistas.

Entretanto, no âmbito da Filosofia, a opinião é concebida de forma diferente. Certamente não pretendemos neste espaço dar conta das várias “opiniões filosóficas”, suas nuances e profundidades. Faremos apenas um pequeno panorama sobre o termo opinião, sem a intenção de criticar ou aprofundar, com o intuito de situar a partir dos diferentes significados, o significado que referencia esta pesquisa-intervenção.

Silvio Gallo no livro “Filosofia - experiência do pensamento”, em busca do conceito de Filosofia, resgata algumas perspectivas de filósofos a respeito da opinião, em sua conexão com o conhecimento em geral e com o conhecimento filosófico. Entre elas, a de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tendo em vista a concepção de Filosofia que, em termos didáticos, o referido livro se baseia: “a filosofia como uma atividade de criação de conceitos” (GALLO, 2016. p.335).

Para Deleuze apud Gallo “a opinião é um pensamento subjetivo, uma ideia vaga sobre a realidade, que não tem fundamentação e na maioria das vezes nem pode ser explicada” (Idem. p. 18), ao contrário da Filosofia que mesmo partindo da opinião vai além dela em busca de fundamentação e originalidade.

Percebe-se diante das leituras realizadas, que embora a opinião seja elemento presente em qualquer discussão, diálogo ou exposição de ideias, incluindo

as ideias filosóficas; por ser um termo dúbio ela assombra a reflexão filosófica desde Parmênides e Platão e, tratada como o avesso da Filosofia, tornou-se coadjuvante como objeto de pesquisa filosófica.

Quando se observa alguns dicionários de uso cotidiano, que costumam adotar significados construídos em usos de expressões do senso comum, vemos repetir mais ou menos o mesmo significado: forma de ver ou de julgar uma situação com ou sem fundamentação, e por vezes na relação com o termo *doxa* (concebido como conhecimento falso) em oposição ao termo *episteme* (conhecimento verdadeiro).

Abbagnano (1962) atenta para as singularidades conceituais dos termos e suas interrelações, apontando a diferença entre opinião e conhecimento falso. Neste sentido, a opinião é apresentada como oposta à ciência, definida como uma forma de conhecimento que não possui garantia interna da própria validade.

Ainda tendo a pesquisa do termo opinião referenciada nos dicionários de Filosofia, pode-se elencar alguns elementos informativos sobre a concepção de opinião em alguns filósofos a título de ilustração, percorrendo o fio condutor da história da Filosofia.

Em Platão e Aristóteles "a opinião se aplica ao que, sendo verdadeiro, poderia ser falso e vice-versa". E para Kant "a opinião é o fato de considerar-se algo como verdadeiro, tendo-se, no entanto, consciência de uma insuficiência subjetiva ou objetiva desse juízo." (JAPIASSÚ, 2001)

Conforme Abbagnano (2003), para Parmênides 'opinião' (*doxa*) em oposição à ciência (*episteme*) "designa qualquer conhecimento (ou crença) que não inclua garantia alguma da própria validade"; Platão consideraria a opinião como o significado anterior, mas também a possibilidade de a opinião incluir a validade interna, pois o que a distingue da ciência é o objeto ao qual se refere. Na esteira da diferença de objeto entre opinião e ciência, Aristóteles aponta que as opiniões "estão sujeitas a mudar e, portanto, não constituem ciência"; lembrando que existem as opiniões comuns em que todos os homens baseiam suas demonstrações, a exemplo de postulados matemáticos e lógicos.

Os estoicos definiram a opinião como "assentimento fraco e ilusório"; Epicuro assim declarou: "opinião é uma assunção que pode ser verdadeira ou falsa"; São Tomás de Aquino, concebia este termo na seguinte maneira: "a opinião é o ato do intelecto que se dirige para um lado da contradição por medo do outro"; enquanto

Spinoza afirmava que a opinião se identifica “com o conhecimento do primeiro gênero, que é o menos elevado e seguro e provém de signos”.

O filósofo Immanuel Kant diz; “opinião é uma crença insuficiente tanto subjetiva quanto objetivamente, de que se está cômico”. Hegel negava a existência da opinião no domínio filosófico, afirmava: “[...] a opinião é uma representação subjetiva, um pensamento casual, uma imaginação que eu formo desta ou daquela maneira e que outro pode ter de modo diferente. Mas a filosofia não contém opiniões, já que não existem opiniões filosóficas”; e Dewey confirmava “na solução de problemas que pretendem menor exatidão que os casos jurídicos, os juízos são chamados de opinião, para distingui-los dos juízos ou asserções justificadas. Porém, se a opinião professada tem fundamento, é produto da investigação e, em tal medida, é um juízo” (ABBAGNANO, 2003).

Aqui, neste trabalho, importa investigar como a opinião pode ser, ela mesma, ponto de partida para a Filosofia e o conhecimento; ou expressão de um conhecimento (ainda que parcial); ou, ainda, impedimento ou negação do conhecimento. Como aponta Platão, a opinião pode ser como a expressão de “cegos” que não veem de fato a realidade, mas também pode estar referenciada na verdade embora não seja o conhecimento absoluto desta.

Ora bem! Parece-te que há alguma diferença entre os cegos e aqueles que estão realmente privados do conhecimento de todo o ser, e que não têm na alma nenhum modelo claro, nem são capazes de olhar, como pintores, para a verdade absoluta, tomando-a sempre como ponto de referência, e contemplando-a com maior rigor possível, para só então promulgar leis cá na terra sobre o belo, o justo, o bom, se for caso disso, preservar as que existirem, mantendo-as a salvo? (PLATÃO, 2005. p. 266, 484 c-d).

Como ilustrado em *A República*, as “leis” promulgadas “na terra”, ou seja, no mundo sensível, “sobre o belo, o justo, o bom” quando referenciadas na “verdade absoluta” e com “o maior rigor possível” é uma opinião que expressa conhecimento, ainda que parcial. Isso traz à tona a questão do método e do rigor na busca pela verdade. Desse modo, tendo em Platão o ponto de partida, então a Filosofia seria esse método que garante o rigor necessário para se aproximar o conhecimento da ciência.

Nestas circunstâncias a investigação em volta da Opinião se articula com a investigação sobre o Conhecimento, a Filosofia e o Ensino de Filosofia. Analisando a temática abordada (a opinião e o ensino de Filosofia na escola) e a forma de

intervenção proposta (o diálogo), tonou-se fundamental abordar questões como: O que é opinião? O que é filosofia? O que é conhecimento? Seja para fundamentar teoricamente a intervenção filosófica e tese proposta, seja para referenciar a análise de verificações no âmbito da realidade investigada.

Nesse sentido, haja vista que se propôs na intervenção (pesquisa/ação) um retorno aos fundamentos do filosofar como meio para rerepresentar a Filosofia aos discentes, partindo de suas opiniões e exercitando a reflexão e a crítica por meio do diálogo, fez-se mister uma abordagem teórica referenciada na obra de Platão.

Como consequência, foi adotada como ponto de partida, a perspectiva platônica em torno da opinião (doxa), aqui entendida em suas nuances (graus possíveis) em relação à aproximação do que seria o conhecimento verdadeiro (episteme). E situando, na intervenção proposta, a opinião entendida como construção dos sujeitos a partir da percepção da realidade sensível (sensível entendido como vida vivenciada, sentida) e impressões colhidas no cotidiano que compõem a base do pensar, inclusive do pensar filosófico.

Apesar dos riscos, a opinião pode ser entendida como um ponto de partida possível para o conhecimento e ou possíveis graus de conhecimento sensível do mundo. Do mesmo modo, é certo que independente de ideologias, nem todos gostam de dispender esforço em pensar ou estudar Filosofia, embora nossas 'convicções filosóficas' de domínio público no senso comum, nos garanta que todos os humanos são racionais e tendem naturalmente para o exercício do pensar.

Compreende-se que essa forma de conceber a Filosofia e seu ensino, recupera, sem desconsiderar as diferenças entre os momentos históricos e as concepções de realidade, de certo modo, o modelo platônico de abordagem da Filosofia e do seu ensino, presente nos Diálogos - a partir dos problemas/temas do cotidiano, das opiniões correntes a respeito desses temas, e por meio do diálogo/problematização levar os interlocutores (os discentes) ao conhecimento de outras perspectivas (neste caso, teorias e conceitos filosóficos fundamentados em excertos de textos primários); propiciando, desse modo, o contato com textos e conceitos filosóficos, e reflexões mais amplas acerca dos temas propostos em sala aula, de acordo com o interesse e curiosidade manifestados.

Isto posto, aspirando a ideia de intervenção filosófica como meio para apresentar a Filosofia e superar opiniões sobre ela a partir destas mesmas opiniões, buscou-se um modelo de intervenção filosófica e de Filosofia nos Diálogos

platônicos, promovendo um retorno às origens da Filosofia como a ação de filosofar a partir das opiniões sobre questões práticas e significativas da vida cotidiana, e o filosofar como exercício dialético por meio diálogo.

## 2.2 Diálogo como método de pesquisa e de ensino de filosofia

O diálogo na obra de Platão é mais que um gênero escolhido para expressar seu pensamento através da escrita; é, antes, um método de ensino de Filosofia e de como filosofar. “É fato que Platão concebe o diálogo como o lugar da filosofia em construção, e não confia ao monólogo do tratado seu pensamento” (CORNELLI, 2010, p.52). E ainda concordamos que, deve-se:

Considerar Platão, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista didático, como autor de um gesto fundador, de um modo de fazer filosofia que, pela primeira vez, retalha para si um âmbito didático-processual: definindo um lugar para isso (a Academia), um método (o diálogo) e um estilo de vida. (CORNELLI, 2010, p.52).

Por conseguinte, por meio do diálogo, Platão não só executa uma pesquisa em que elabora sua teoria (sua filosofia), mas apresenta um método de como filosofar (dialética) e ensinar filosofia (maiêutica), e ainda nos mostra de onde filosofar (a vida) e por que importa filosofar (ser feliz).

A maiêutica socrática tem como significado “dar à luz”, “parir” o conhecimento. É um método ou técnica que pressupõe que a verdade está latente em todo ser humano, podendo aflorar aos poucos na medida em que se responde a uma série de perguntas simples, às vezes quase ingênuas, porém perspicazes. As duas etapas do método constituem-se da ironia e da descoberta propriamente dita.

O primeiro, passa à desconstrução dos saberes aceitos sem muita reflexão, depois ajuda a reconstruir conceitos, transitando do básico ao elaborado, “parindo” noções cada vez mais complexas. O interlocutor é levado a duvidar de seu próprio saber sobre determinado assunto, revelando as contradições presentes em sua atual forma de pensar, normalmente baseadas em valores e preconceitos sociais, ou seja, nas opiniões correntes. Em seguida o interlocutor passa a vislumbrar novos conceitos, novas opiniões sobre o assunto em pauta, estimulando-o a pensar por si mesmo.

A autorreflexão, expressa *no nosce te ipsum* — “conhece a ti mesmo” — põe o sujeito à procura das verdades que são o caminho para a prática do bem e da

virtude. O diálogo na concepção socrática, deriva da aplicação da maiêutica, que como se sabe tem seu nome inspirado na profissão de sua mãe, Phaenarete, que era parteira. Sócrates esclarece isso no famoso diálogo *Teeteto*. Pode se afirmar que a maiêutica é, até nossos dias, um importante componente pedagógico, ao estimular o estudante a construir o seu próprio conhecimento por meio do uso e direcionamento de perguntas e respostas formuladas pelo mestre.

Platão, argumenta que o movimento dialético não parte de conhecimento verdadeiro, puro ou ideal, mas das opiniões postas pelos interlocutores acerca de questões e problemas vivenciados no cotidiano, na política, na guerra e no amor, entre outros; opiniões essas compartilhadas por um grupo e tomadas, em muitos casos, como postulados em seus diálogos.

A dialética platônica, assim como o diálogo onde acontece, se estrutura a partir do encontro da identidade com a diferença que, constitui o mundo sensível pois, de outro modo, se houvera somente o encontro com a identidade impassível do ser, do mesmo sempre igual no mundo inteligível, não haveria diálogo e sim monólogo. Logo, a dialética necessita por sua própria lógica interna do encontro do diferente que se choca com o outro, para após a depuração pela razão chegar na identidade da ideia.

De mais a mais o diálogo, numa acepção platônica do termo, em referência ao gênero literário desenvolvido em seus textos; permitem o acesso a um conteúdo genuinamente filosófico tanto como construção teórico-conceitual quanto a um contexto específico da história da Filosofia, dando corpo à pesquisa bibliográfica inclusive por parte dos discentes envolvidos na pesquisa.

E por fim, o diálogo enquanto modelo de conversação interna ao texto, na fala dos interlocutores, conduz ao despertar do maravilhamento acompanhado do processo de análise crítica das opiniões por meio do exercício da dialética e, por conseguinte, na superação da *aporia*<sup>5</sup> em vista de uma opinião mais elaborada; isto pode ser definido como a própria intervenção filosófica. É o conhecimento acontecendo; é a pesquisa filosófica de fato e para além da pesquisa bibliográfica ou de campo.

---

<sup>5</sup> Aporia (em grego: Ἀπορία, “caminho inexpugnável, sem saída”, “dificuldade”) é definida como uma dificuldade, impasse, paradoxo, dúvida, incerteza ou momento de contradição que impede que o sentido de um texto ou de uma proposição seja determinado.

Então, seguindo essa linha de pensamento, o diálogo como método de ensino, para a prática do exercício da Filosofia nas escolas de nível médio é uma eficaz ferramenta pedagógica. Ademais, observa-se que a literatura pertinente ao ensino de Filosofia, bem como o seu ordenamento curricular vem apontando na direção dessa estratégia de ensino. Considera-se que tal atitude pedagógica está em consonância com o fazer filosófico desde sua origem.

A Filosofia, sob essa interpretação, deve partir da vida e voltar para vida (mundo sensível), para que se realize a felicidade entendida como *eudaimonia*<sup>6</sup>. A exemplo do que se registra na 'Alegoria da caverna', onde o filósofo só se torna filósofo ao escapar das correntes na caverna e ter a coragem de sair encarando a luz e aguardando o acostumar-se dos olhos com ela e, ao vislumbrar a existência de um mundo lá fora e intuir a diferença entre as sombras e os objetos mesmos, volta à caverna, mas agora voluntariamente e ciente de que sombras são imagens e novamente precisará acostumar os olhos para ver as sombras, isto é, como representação distorcida da realidade, como imagens e não como verdade. O que Platão argumenta está presente no trecho seguinte:

Deve, portanto, cada um por sua vez descer à habitação comum dos outros e habituar-se a observar as trevas. Com efeito, uma vez habituados, sereis mil vezes melhores do que os que lá estão e reconheceréis cada imagem, o que ela é e o que representa, devido a terdes contemplado a verdade relativa ao belo, ao justo e ao bom (PLATÃO, 520c, 2005. p.324).

A Filosofia seria então esse movimento dialético de saída do homem rumo ao mundo inteligível (que é interno - enquanto processo de pensamento) e retorno ao mundo sensível; isto é, o movimento da ascensão para o ser quando há "um voltar da alma de um dia que é como trevas para o verdadeiro dia, ou seja, a sua elevação até à realidade, que diremos ser a verdadeira filosofia" (PLATÃO, 521c, 2005. p. 326). Gerando, assim, nesse movimento, uma depuração das opiniões. Como se pode ler no *Sofista*:

Mas, afinal, ao método de argumentação não importa menos a lavagem com esponjas do que os medicamentos, atendendo-se a que a ação purificadora de arte seja mais ou menos benéfica que a de outra. Na realidade, é para alcançar a penetração de espírito que, investigando todas

---

<sup>6</sup> Eudaimonia (do grego antigo: εὐδαιμονία) é um termo grego que literalmente significa 'o estado de ser habitado por um bom daemon, um bom gênio', e, em geral, é traduzido como felicidade ou bem-estar. Contudo, outras traduções têm sido propostas para melhor expressar o que seria um estado de plenitude do ser.

as artes, ele se esforça em descobrir as suas afinidades e as suas dessemelhanças. (PLATÃO, 227a-b, 1972. p. 151).

O citado, nos mostra que no exercício dialético não importa tanto o conteúdo, nem juízos de valor, pois o exercício em si mesmo é o objetivo a ser alcançado. Este exercício ocorre no espírito e é no espírito e sua capacidade de pensar dialeticamente ou filosoficamente que o mesmo exercício imprime as mudanças no processo de ensino aprendizagem.

E Platão nos diz ainda, em *A República*:

Mas raciona por analogia com o que dissemos anteriormente. Se a unidade é suficientemente vista tal como é, ou é apreendida por meio de qualquer outro sentido, não nos levaria até à essência, tal como dissemos a propósito do dedo. Mas, se na visão da unidade há sempre ao mesmo tempo uma certa contradição, de tal modo que não parece mais unidade que o seu inverso, será portanto já necessário quem julgue a questão, e em tal situação a alma seria forçada a uma posição de embaraço e a procurar, pondo em ação dentro de si o entendimento, a indagar o que será a unidade em si, e assim é que a apreensão intelectual da unidade pode pertencer ao número das que incitam e voltam o espírito para a contemplação do ser. (PLATÃO, 524d-e, 2005. p.332).

Entende-se assim que, também, é no desenvolver do pensar neste mundo que se chega ao mundo inteligível. São as contradições do mundo sensível, que provoca a necessidade do espírito de buscar a unidade. As opiniões como expressão do mundo sensível, com suas contradições, podem ser assim estímulo e matéria para o uso do pensamento no exercício filosófico que se propõe como método para o ensino de Filosofia na escola de Ensino Médio, tanto como ocasião para a depuração dessas opiniões e a busca pelo conhecimento sobre a própria filosofia.

O diálogo, como método, se instala na diferença em busca da identidade, e desta como condição do conhecimento. Não sem razão, Platão instaura a dialética como fio condutor do pensamento e exercício que eleva as almas do mundo sensível (das sombras) - onde se instala a ignorância e se formam as opiniões - ao mundo inteligível (das ideias) – onde vislumbra o Ser iluminado pelo Bem - em busca do conhecimento verdadeiro (episteme); sendo que, ambos os mundos integram a vida humana.

- E foi assim que designámos o inteligível e o visível.
- Exatamente.
- Ora era isso mesmo que a pouco tentava te dizer, que certos objetos convidam à reflexão, e outros não, colocando entre os primeiros os que recaem sobre a sensação acompanhada de impressões opostas; ao passo

que os que não estavam nessas condições, os colocava entre os que não despertam o entendimento. (PLATÃO, 523c-d, 2005, p.332).

O exercício dialético, possibilita assim o aperfeiçoamento humano, o aproximar-se da ideia mais perfeita (o Bem) por meio do acesso às ideias de bom, belo e justo. Quando se busca a justiça nas experiências humanas e se percebe as inconsistências nas práticas e nos diferentes discursos sobre ela, por exemplo, as formas diferentes de percepção sobre a justiça podem causar o estranhamento necessário para provocar, no espírito, o maravilhamento que pergunta pelo que é a justiça em si mesma.

Como consequência, o exercício dialético aproxima o humano da felicidade, pois o justo está conectado ao belo e ao bom por meio do Bem. O exercício dialético segue, portanto, um caminho de ida e volta, entre o mundo sensível e o inteligível.

Portanto, Platão concebe o movimento dialético não como parte de conhecimento verdadeiro, puro ou ideal, mas das opiniões postas pelos interlocutores acerca de questões e problemas vivenciados no cotidiano, na política, na guerra e no amor, entre outros; opiniões essas compartilhadas por um grupo e tomadas, em muitos casos, como postulados em seus diálogos. A dialética platônica se estrutura a partir do encontro da identidade com a diferença.

A razão de ser da dialética é a articulação entre os conhecimentos do mundo sensível e o esforço racional de buscar a identidade dos seres através do exercício da alma alcançado pelo diálogo. Se houvesse somente o encontro com a identidade impassível do ser, da forma acabada e presente no mundo inteligível, não haveria diálogo e sim monólogo. Logo, a dialética necessita por sua própria lógica interna do encontro do diferente que se choca com o outro, para após a depuração pela razão chegar a uma identidade.

Nesse sentido, o diálogo, numa acepção mais geral do termo, como método de pesquisa possibilitaria a escuta do outro, e por consequência, o acesso às informações de forma menos espontânea e mais elaborada, uma vez que comporta também os afetos imbricados nas relações e nas opiniões emitidas pelos participantes da pesquisa. Pode-se se dizer que o diálogo é uma estratégia que desenvolve a maturidade intelectual, o respeito às opiniões divergentes, favorece a participação e a igualdade, princípios fundamentais da sociedade democrática.

### 2.3 A opinião como instrumento metodológico do diálogo

A opinião é a matéria fundamental na constituição de qualquer forma de diálogo, independentemente das pretensões buscadas pelos interlocutores ou do grau de aprofundamento teórico das discussões. É partir de uma opinião que se quer defender ou refutar que se instaura o diálogo, não necessariamente entre amigos ou inimigos, mas entre posições diferentes que podem ou não chegar em um consenso.

Pode-se dizer que nem toda opinião é ponto de partida para alguma forma de conhecimento, mas toda forma de conhecimento parte de uma opinião e se expressa numa opinião, seja ela mais ou menos fundamentada em dados de realidade ou evidências. Mesmo o conhecimento tecno-científico moderno, formula suas hipóteses antes ou durante uma pesquisa e se expressa numa opinião especializada e fundamentada, mas sempre incompleta e sujeita a correções.

Em seus diálogos Platão propõe opiniões diferentes em oposição à opinião expressa na fala dos interlocutores; e nem sempre fica claro o que Platão pensa propriamente. Por meio do personagem Sócrates, por exemplo, Platão, frequentemente propõe para a conversa (diálogo) temas com base em argumentos filosóficos ou crenças populares (que expressam representações sociais vigentes) e opiniões diversas que se colocam como postulados ou como pensamento hegemônico da cultura popular presente em sua sociedade.

Como exemplo do que se disse, no *Teeteto* nota-se que quando faz referência sobre a ideia de uma divindade eterna Platão convida ao debate afirmando: “na própria ordem das coisas, amigo, há dois paradigmas: um divino e bem-aventurado; outro, contrário a Deus e miserabilíssimo” (PLATÃO, 176e, 2001. p.87). E, para discutir a arte de partejar Platão dando voz a Sócrates afirma:

Dizem que a causadora disso é Ártemis: por nunca haver dado à luz, recebeu a missão de presidir aos partos. Às estêreis de todo, ela não concede a faculdade de partejar, por ser fraca em demasia a natureza humana para adquirir uma arte de que não tenha experiência. As que já passaram de idade foi que ela concedeu esse dom, para honrar nelas sua imagem. (PLATÃO, 149 b-c, 2001. p.45).

Em ambas as citações, nota-se o uso de crenças populares que expressam uma opinião do senso comum. O filósofo lança mão destas opiniões como instrumento para ilustrar e abrir caminho para a análise dialética que virá depois. A

questão aqui não é se Sócrates acredita que Ártemis seja real ou que ocorrera de fato o que se diz dela; importa que o interlocutor, impregnado pela cultura e educação de sua época e lugar, acredita. Tanto que em seguida, põe em cena a discussão sobre o conhecimento dizendo-se ser:

Igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber (PLATÃO, 149 b-c, 2001. p.45).

Em outro momento, no *Fédon*, lê-se que não há certezas no que se afirma enquanto se está nesse mundo. E apesar disso, é possível transmitir por meio de mitos o que se aprendeu por meio deles.

Eu também, o que digo é por ouvir dizer, e seguramente nada impede que se transmita o que dessa forma me foi dado aprender. E, com efeito, talvez convenha particularmente aos que devem transladar-se para o além a tarefa de empreender uma investigação sobre essa viagem e de relatar, num mito, o que julgamos ser tal lugar. E por que não? Que poderíamos fazer senão isso durante o tempo que nos separa do pôr do sol? (PLATÃO 61d-e, 1972. p. 68).

Desse modo, a despeito de não haver certezas nas opiniões, não significa que não se possa exercitar o pensar e buscar o conhecimento do inteligível com o auxílio delas. Exatamente aí, no exercício do pensar, o homem se realiza como tal ao vivenciar o encontro do mundo sensível com o inteligível.

Sócrates identifica no homem uma dualidade e não a unicidade, isto o leva a desenvolver este argumento com um exemplo de algo que pode atuar de maneira distinta em duas pessoas, o vento: “não acontece, por vezes, um de nós sentir um mesmo sopro de vento frio e o outro não? E um sentir pouco frio e outro muito?” (152b). Com este exemplo, Sócrates introduz a possibilidade de, diante de um mesmo acontecimento - o vento - dois homens terem percepções distintas, um senti-lo frio, e o outro não ter essa percepção, ou mesmo um atribuir ao vento a qualidade de ser muito frio, enquanto o outro atribuir ao vento a qualidade de ser pouco frio. O filósofo assim descreve:

Vou explicar-me, e não será argumento sem valor, a saber: que nenhuma coisa é una em si mesma e que não há o que possas denominar com acerto ou dizer como é constituída. Se a qualificares como grande, ela parecerá também pequena; se pesada, leve, e assim em tudo o mais, de forma que nada é uno, ou algo determinado ou como quer que seja. Da translação das

coisas, do movimento e da mistura de umas com as outras é que se forma tudo o que dizemos existir, sem usarmos a expressão correta, pois em rigor nada é ou existe, tudo devém. Sobre isso, com exceção de Parmênides, todos os sábios, por ordem cronológica, estão de acordo: Protágoras, Heráclito e Empédocles, e, entre os poetas, os pontos mais altos dos dois gêneros de poesia: Epicarmo, na comédia, e Homero, na tragédia (PLATÃO, 149 b-c, 2001. p.45).

Ora, de acordo com a capacidade ou com as condições de percepção, haverá diferentes opiniões sobre um mesmo objeto. E isso pode-se vislumbrar, quando enumera opiniões de diferentes filósofos, sofistas, poetas entre outros; perscrutando divergências e convergências entre eles.

Demonstra em momentos diversos, graus diversos de opiniões, inclusive chegando a esclarecer no *Teeteto*, que a diferença entre a opinião verdadeira e o conhecimento verdadeiro está na impossibilidade de demonstração daquela por meio de um processo metodológico e lógico (dialético): “sendo assim, companheiro, ele tem opinião verdadeira associada à explicação racional, a que não podemos ainda dar o nome de conhecimento” (PLATÃO, 208b, 2001. p.136). Ou seja, o que define um conhecimento e o diferencia da opinião, é o processo do conhecer (dialética) e isso não significa que cheguemos à verdade absoluta ou à ideia.

Ora bem – prossegui – O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los às artes que analisámos. (PLATÃO, 533c-d, 2005. p.347).

A opinião pode ser diferente, no sentido de que ela pode ser falsa ou pode ser verdadeira – pois se baseia no sensível; indo desde uma elaboração fundada na aparência (o que pode levar a se tomar as sombras como sendo os objetos que lhes dão origem), até uma opinião fundada no vislumbre do mundo exterior, que se aproxima da essência, mas não chegou nela. Neste sentido a opinião filosófica difere de outras opiniões, mas ainda assim é uma opinião. Pode expressar a verdade, mas será sempre incompleta e imperfeita.

A filosofia tomada como a arte do filósofo seria, neste caso, a opinião ou um conjunto de opiniões organizadas logicamente e validadas pelo conhecimento; pois, o método do diálogo, como o utiliza Platão, dá testemunho de que o filósofo, de volta à caverna, partindo das opiniões dos interlocutores, num processo de ascensão pela razão, vai aos pouco organizando as informações trazidas nessas opiniões, até levar

o interlocutor não a uma conclusão definitiva, mas à conclusão de que a sua opinião não se garante logicamente, enquanto a do filósofo sim.

Na ‘Alegoria da Caverna’, o filósofo nos convida a não ficarmos presos às amarras de uma opinião, mas buscarmos o conhecimento para chegar a opiniões cada vez mais próximas da realidade. O filósofo explora o conhecimento do mundo sensível, não propondo seu abandono, mas o enfrentamento: “em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos refletidos na água, e, por último, para os próprios objetos” (PLATÃO, 533c-d, 2005. p.347).

O filósofo, aí, não se apresenta como sábio (possuidor de uma verdade) mas como alguém disposto a subir cada vez mais em busca da fonte da luz e da origem das coisas que se vê. “Ora, esse dom, o dom dialético, não atribuirás a nenhum outro, acredito, senão àquele que filosofa em toda pureza e justiça” (PLATÃO, 253e, 1972. p.184-185). Assim, opinião e ciência são separadas pela garantia de validade interna fundada no vislumbre do ser, pelo pensamento; portanto, da presença de um conhecimento que é obtido pelo exercício da dialética.

Ao voltar para a caverna, o filósofo contrapõe sua opinião à opinião dos seus antigos companheiros e intenta convencê-los a buscar o conhecimento verdadeiro, que ele vislumbrou. Nesse sentido, o diálogo se situa como o lugar onde o pensamento se exercita por meio da dialética, e as opiniões se colocam como instrumento metodológico. A filosofia, é então, o exercício do filosofar: o movimento dialético onde se contrapõem opiniões (falsas ou verdadeiras) expondo-as à crítica, em busca da verdade.

E enquanto movimento, a filosofia não se cristaliza na identidade do ser, se constitui como a busca amorosa do saber decorrente do maravilhar-se com o mundo, não como saber. A filosofia é o conhecimento, ou a *gnose* propriamente, haja vista que se configura como o exercício do método para se chegar ao ser (o método que liberta o pensamento das amarras dos sentidos); mas, não é o conhecimento pleno do ser (identidade), pois aí seria sabedoria e não mais filosofia.

## **2 4 Algumas faces da opinião nos diálogos platônicos**

Considerando a análise de alguns diálogos Platônicos, tais como: *República*, *Teeteto*, *Sofista* e *Fédon*; observa-se que o termo ‘opinião’ pode ter diferentes

concepções que implicam em um grau maior ou menor de aproximação ao conhecimento verdadeiro. Estas considerações são importantes para revelar a complexidade do termo nos escritos de Platão. À primeira vista o termo é usado para designar apenas um conhecimento produzido pela ignorância, mas Platão atenua esta compreensão. Assim, Platão (478d, 2005. p. 261), esclarece que a opinião como uma forma de conhecimento se situa entre a ignorância e a ciência.

- Ora nós não dissemos antes que, se aparecesse alguma coisa que ao mesmo tempo existisse e não existisse, tal coisa ficaria em posição intermédia entre o Ser absoluto e o Não-ser absoluto, e que sobre ela não haveria ciência nem ignorância, mas o que aparecesse a meio caminho da ignorância e da ciência?
- Exatamente.
- E agora surgiu entre elas aquilo a que chamamos opinião?
- Surgiu.

É importante destacar que em diversas passagens no diálogo *Teeteto*, o filósofo também associa a concepção de conhecimento racional à opinião. “E agora, segundo penso, se nos interessa de algum modo tal parecença, precisaremos decidir se ele entende de pintura e conseqüentemente, se pode opinar nessa matéria” (PLATÃO, 145a, 2001. p. 38/39); ou ainda, “do mesmo modo nos preparativos de um banquete, a opinião do convidado desconhecedor da arte culinária valerá menos que a do cozinheiro, em matéria do tempero das iguarias” (idem, 178d, p. 90); em ambos os pontos citados, a despeito da matéria em análise, a ideia de opinião expressada implica em algum entendimento necessário para endossar a capacidade ou o direito de opinar.

A opinião se assenta numa experiência ou conhecimento do assunto, ainda que incompleto ou não científico. O próprio filósofo, faz uso das experiências de vida e conhecimentos cotidianos dos interlocutores, neste caso Sócrates e Teeteto, para ilustrar e refutar a opinião sobre a opinião.

Como bem sabes, a opinião unânime é que todos esses casos concorrem para refutar a doutrina exposta agora mesmo, visto se revelarem de todo o ponto falsas em tais casos nossas sensações, muito longe de serem coisa como se nos afiguram, nada, pelo contrário, existe tal como nos aparece. (Idem, 157e-158a, p. 58).

Nestes termos, a opinião significa por um lado um consenso de um grupo, fundamentado na observação e análise de argumentos que demonstram que a opinião é diferente de conhecimento, já que se funda na sensação e a sensação se

funda em aparências e não no ser das coisas. Por outro lado, a “doutrina exposta”, e que fora ‘refutada’ pelos ‘casos’ que referenciam a “opinião unânime”, é ela mesma opinião.

Mais adiante utiliza, a opinião com o sentido de perspectiva pessoal. “E para a mulher, amigo, és de opinião que uma arte ensinará isso, e outra a colher fruto?” (Idem, 149e, p. 46), deixa entrever aí, a opinião como ponto de partida para o conhecimento. Como matéria para a crítica e para a possível refutação, ou seja, para o exercício dialético.

Em outro momento, Sócrates considera que o discurso da opinião pode ser visto como o discurso que a alma faz consigo própria, como uma etapa no ato de pensar.

Sócrates – Ótimo! Mas por pensar entendes a mesma coisa que eu?

Teeteto – Que queres dizer com isso?

Sócrates – Um discurso que a alma mantém consigo mesma, acerca do que ela quer examinar. Como ignorante é que te dou essa explicação; mas é assim que imagino a alma no ato de pensar: formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar. Quando emite algum julgamento, seja avançando devagar seja um pouco mais depressa, e nele se fixa sem vacilações: eis o que denominamos opinião. Digo, pois, que formar opinião é discursar, um discurso enunciado, não evidentemente, de viva voz para outrem, porém em silêncio para si mesmo. E como te parece?

Teeteto – A mesma coisa. (Idem, 189e-190a, p. 107/108).

À vista disto, a opinião seria também uma etapa do filosofar e do conhecer, quando firma uma hipótese a ser examinada, e quando se constitui como uma resposta a partir desse exame. Opinião é o próprio pensamento ao se fixar em um julgamento emitido no ato de pensar. E o grande problema é o ‘fixar’, pois a opinião implica em um fixar num julgamento “sem vacilações”, a tendência a cristalizar-se numa crença e manter a alma presa.

A opinião pode resultar de um processo de pensamento filosófico, tornando-se uma doutrina filosófica ou uma opinião filosófica, ainda imperfeita, mas ciente da ignorância, como diz Sócrates no acima citado “Como ignorante é que te dou essa explicação”; ou pode resultar do senso comum, a partir de experiências do cotidiano vivenciadas e ou transmitidas pela educação recebida. Pode ser verdadeira ou falsa.

O que vai distinguir o caráter filosófico e cognoscível, é o processo dialético de depuração das opiniões por meio da razão; o que diferencia a filosofia de uma opinião verdadeira, propiciando o conhecimento, é a argumentação empregada dialeticamente, no âmbito do debate filosófico (diálogo) e através do qual se chega

ao conhecimento - o método. Ele ressalta a importância do processo de filosofar, na utilização do método e não apenas nos resultados obtidos ao final do exame. Daí a importância do processo dialético ser conduzido por um filósofo, aquele que sabe que não sabe e age como parteira ajudando a vir à luz o filho gerado pelo o outro.

Impõe-se para objeto de reflexão, a constatação da possível realidade ontológica do mundo sensível. Isso implica, por um lado, em um conhecimento possível desse mundo, ainda que considerado simples opinião e visto como um falso conhecimento ou um engano, por se fundamentar nas 'sombras das coisas' e não nas 'coisas mesmas'; e por outro, por apontar para um caminho (intermediário) a ser percorrido pela razão (aprisionada no espaço sensível) até o ser - caminho que ao interligar a doxa à episteme, por um processo lógico de ascensão, interliga ontologicamente as realidades dos dois mundos.

Consequentemente, identifica-se a opinião como uma elaboração baseada numa crença verdadeira ou não, resultante de representações oriundas do acesso ao mundo sensível de forma natural (de acordo com as capacidades naturais de cada um) ou de representações sociais oriundas da educação recebida. À medida que o homem exercita a razão-pensamento, e sai do mundo sensível (das sombras), há um desvelar do ser (*Aletheia*)<sup>7</sup> no encontro com o mundo inteligível; o ser se apresenta como o sol que lança a luz, mas a vista do homem embotada pelas amarras dos sentidos o impede de encarar a fonte da luz.

- Que há muitas coisas belas, e muitas coisas boas e outras da mesma espécie, que dizemos que existem e que distinguimos pela linguagem.
- Dissemos, sim.
- E que existe o belo em si, e o bom em si, e, do mesmo modo, relativamente a todas as coisas que então postulámos como múltiplas, e, inversamente, postulámos que a cada uma corresponde uma ideia, que é única, e chamamos-lhe a sua essência.
- é isso.
- E diremos ainda que aquelas são visíveis, mas não inteligíveis, ao passo que as ideias são inteligíveis, mas não visíveis. (PLATÃO, 507b, 2005. p.305).

Sendo assim, a visão do mundo inteligível por meio do pensamento, aproxima-o do conhecimento verdadeiro e a verdade resulta do desvelamento, mas não assegura o acesso à ciência; pois a verdade enquanto desvelamento do ser, pode ser parcial. E, por outro lado, mesmo nas sombras da caverna, há um pouco de verdade; pois, as sombras são imagens (cópias) e a cópia apresenta semelhança

---

<sup>7</sup> Alétheia, lit. verdade, no sentido de desvelamento: de a-, negação; e lethe, "esquecimento"), para os antigos gregos, designava a verdade e a realidade, simultaneamente.

com a coisa, embora não seja a coisa (idêntica a si mesma). A cópia ao ser diferente da coisa, torna-se outra coisa; e justamente por ser diferente da coisa de que é cópia, possui sua própria identidade como cópia. Como podemos ver na *República*:

- Seja. Mas se houver uma coisa que seja de tal maneira, que existe e não existe, não ficaria em posição intermédia entre o Ser absoluto e o Não-ser absoluto?
- Ficaria.
- Portanto, se o conhecimento respeitava, como vimos, ao Ser, e o desconhecimento forçosamente ao Não-ser, relativamente a essa posição intermédia, deve procurar-se algo de intermédio entre a ignorância e a ciência, se acaso existe alguma coisa nessas condições. (PLATÃO, 477a-b, 2005, p.257/258).

A opinião e a ciência são coisas diferentes por terem objetos diferentes, mas também por implicarem em graus diferentes de conhecimento. A ciência enquanto ideal a ser buscado, só poderá ser atingida por meio do pensamento e no encontro com o ser no mundo inteligível, é conhecimento da identidade. A opinião também é uma elaboração do pensamento, mas que parte da sensação diante do mundo sensível e será tanto mais verdadeira quanto mais se aproximar da ideia no mundo inteligível, mas é o conhecimento da diferença que reina no mundo sensível, uma coisa intermediária entre o ser (identidade) e o não-ser.

Dessa forma, o mundo sensível sendo cópia do inteligível, se diferencia deste, por um lado e tem sua própria identidade; e por outro, reproduz e ao reproduzir desvela um pouco do mundo que representa. Ou seja, as opiniões, oriundas do acesso ao mundo sensível, podem carregar, aspectos verdadeiros que facilitam reconhecer (lembrar) e identificar as coisas verdadeiras (ideias) no mundo inteligível.

## 2.5 O filosofar entre o opinar e o conhecer

Segundo Platão, a filosofia nasce do espanto. Mas, o espanto entendido como o maravilhar-se diante do que é comum ao perscrutá-lo para além do visível, no que está invisível; “pois a admiração é a verdadeira característica do filósofo” (PLATÃO, 155d, 2001. p. 55). Como nos lembra Arendt (2000, p.109), ao fazer referência ao texto platônico,

[...] o que deixa os homens espantados, é algo familiar, e ainda assim normalmente invisível, que eles são forçados a admirar. Aquele espanto que é o ponto de partida do pensamento não é nem confusão, nem surpresa, nem a perplexidade; um espanto de admiração.

Lembremos, que o ato de pensar para Platão implica num diálogo interno, onde o pensamento examina opiniões e as reelabora. Esse ato, dialogal, implica numa crítica interna das opiniões fixadas em momentos anteriores, a partir de uma nova opinião posta que descortina um novo olhar para a realidade. É o caso do prisioneiro que escapou por um golpe de sorte e vislumbrou o mundo fora da caverna. O existir no mundo sensível pode acostumar a vista com as sombras das coisas levando à fixação de julgamentos e constituindo, como visto antes, as opiniões. No entanto, as sombras remetem aos objetos do mundo inteligível e havendo uma oportunidade pode-se despertar a mente por meio da dialética para o conhecimento do ser.

O vislumbre de um mundo diferente do que estava acostumado lança uma nova perspectiva sobre o supostamente já conhecido. Não é somente o mundo lá fora que se constitui como objeto de admiração, de espanto; o mundo da caverna torna-se também estranho e novo. O pensamento obriga-se à busca de novo conhecimento. No diálogo consigo mesmo, o pensamento se opõe a si mesmo como o outro, critica-se, e exercita-se por meio da dialética. Esse exercício configura o filosofar, que oscila como corda bamba entre o opinar e o conhecer – perder-se num como noutra seria o seu fim.

Do mesmo modo como a opinião está entre a ignorância e o conhecimento, a filosofia está entre a opinião e conhecimento: constitui a ambos, e é constituída por ambos. A filosofia também é um juízo que se fixa em algum ponto para ser emitido como conhecimento daquilo que é e não é (diferença) ainda que incompleto; e é o movimento de superação desse juízo em busca do ser (identidade). Filosofar é perceber a diferença e espantar-se com a incerteza do que parece certo, buscando a verdade, o filosofar se torna o conhecer.

Com base na reflexão sugerida por Platão na ‘Alegoria da Caverna’ nos situamos no mundo sensível (da multiplicidade e das sombras) sendo preciso ascender com a razão para além dele; é possível que nosso conhecimento acerca da teoria platônica, institucionalizado nos escritos e nas tradições acadêmicas, seja uma ‘opinião mais verdadeira’, mas ainda uma opinião.

- Meu caro Gláucon, este quadro – prossegui eu – deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a

minha expectativa, já que é teu desejo conhece-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. (PLATÃO, 517a-b, 2005, p. 319).

Portanto, mesmo Platão enquanto ser humano e filósofo, estaria sujeito aos limites do mundo sensível, e ainda que liberto das cadeias e curado da ignorância, sentiria os efeitos da luz, sobre seus olhos sensíveis e sua razão aprisionada no corpo, portanto também sensível. Então, não seria a filosofia platônica, seus escritos e ideias, também opinião que parte de opiniões?

Detendo-se, no Livro VII da *República*, a fim de buscar entender o lugar da filosofia na Alegoria da Caverna de Platão, ainda que a referência caiba a qualquer de seus Diálogos, pode-se notar que para construir seus Diálogos e chegar à demonstração de suas ideias, Platão, toma como ponto de partida as opiniões dos interlocutores, assumindo, neste caso, na *República*, Sócrates como porta voz de suas ideias (ou opiniões?).

Na verdade, o uso da metáfora, expressa na referida alegoria, já se apresenta como uma forma de construção lógica que parte de opiniões acessíveis ao senso comum e fundadas na visão do mundo sensível. Platão utiliza o método dialético, daí a praticidade dos diálogos como meio para sua argumentação. Dialética aqui entendida como “processo em que há um adversário a ser combatido ou uma tese a ser refutada, e que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflito” (ABBAGNANO, 2003, p.269). Nesse método, contrapõe sua opinião a outras opiniões, e chega a uma síntese, que não se fecha numa suposta verdade, embora o Diálogo chegue a uma conclusão.

Certamente entende-se o risco de se colocar o filosofar entre o opinar e o conhecer, tendo em consideração os diálogos platônicos como referência, e o esforço empregado para distinguir o lugar da opinião no mundo sensível do lugar do conhecimento no mundo inteligível; porém como podemos ler no *Fédon*:

É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades; (PLATÃO, 82-d, 1972. p.94).

A Filosofia é ela mesma uma questão filosófica por que é a um tempo conhecimento e processo do conhecer; está em aberto, é curiosidade, e sobretudo,

espanto. É por meio dela que as opiniões podem ser desmascaradas, que as sombras podem ser vistas como o que são: sombras. É na diferença que distingue as sombras (opiniões) dos objetos (conhecimento) que a Filosofia se constitui para guiar alma. Mas fora do corpo a alma é o divino não mais o humano, e a Filosofia é a memória do divino no humano.

O filosofar, neste sentido, é o conhecer; é o exercício da dialética em busca do saber, é percorrer o espaço intermediário entre a opinião (vislumbre da cópia no mundo sensível) diferenciando-a da ciência (por meio do vislumbre da ideia no mundo inteligível). Filosofar é o movimento e o meio pelo qual se chega ao conhecimento.

O opinar é um falso conhecer (um simulacro) quando se funda na cópia da cópia, mas pode ser um conhecimento incompleto (uma imagem) quando se funda na cópia da ideia – ambos podem levar à confusão da imagem com o objeto que representa, e quanto maior a distância em relação ao objeto, maior o risco; o verdadeiro conhecimento consiste na capacidade de reconhecer as diferenças entre a cópia e a ideia, conhecer assim é um atributo do filósofo. Sobre esta capacidade contemplativa da razão, Platão declara:

- Precisava de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da lua, mais facilmente do que fosse o sol e o seu brilho de dia.
- Pois não!
- Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de contemplar, não já sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar (PLATÃO, 516a-b, 2005. p. 317).

O conhecimento, como o próprio trecho do diálogo citado mostra, resulta do exercício da razão, da argumentação lógica. O filosofar é, portanto, o caminhar rumo à verdade e não a posse dela. Filosofar é desvelar o ser, e distingui-lo da imagem; mas o filósofo não acessa o ser, e de algum modo sempre volta à “caverna” (pois ainda é parte do mundo sensível).

Tendo como referência o modelo do diálogo platônico, como o lugar próprio para o exercício da Filosofia, já que aí ela se coloca em movimento rumo a busca do saber, contudo sem esquecer que a mesma se dá exatamente nesse momento em que o filósofo ascende pela dialética do mundo sensível ao mundo inteligível;

entende-se que a Filosofia simplesmente acontece no filosofar, e o filosofar acontece na e a partir da experiência da vida, pois, segundo os ensinamentos do filósofo, se algum tipo de experiência do pensamento ocorresse fora da vida, da sensibilidade, seria a perfeição onde reinaria a identidade e já não haveria lugar para a Filosofia.

## 2.6 O ensino de filosofia: saindo da caverna para voltar depois

A Alegoria da caverna de Platão, é um texto emblemático da obra do filósofo, apresentado logo no início do livro VII da *República*, frequentemente este texto é utilizado como referência para fundamentar a ‘Teoria das ideias’ deste pensador.

– Depois disto – prossegui eu - imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo comprimento. (PLATÃO, 514a, 2005, p. 315).

Na referida obra, o autor utiliza a alegoria como metáfora para explicar a existência da realidade sensível e da inteligível, ao tempo que distingue a ciência (conhecimento verdadeiro/episteme) do que chama de opinião (falso conhecimento ou conhecimento incompleto/ doxa). No entanto, podemos observar que, ao se referir à opinião em momentos diversos do livro VII – apresenta uma ascensão da razão, indo do mundo sensível gradativamente ao inteligível.

A caverna não é o lugar do nada; mas do ‘não ser’, da imagem do ‘ser’<sup>8</sup>, do outro, da diferença, mas também da semelhança. “Uma vez que o belo é o contrário do feio, são dois. – Como não? – Por conseguinte, uma vez que são dois, também

---

<sup>8</sup>“O primeiro filósofo a colocar explicitamente o conceito de SER foi Parmênides de Eleia (século VI a.C. - século V a.C.). Para ele, seria impossível falar ou pensar no Não-Ser, pois o Não-Ser a nada se refere. Para o pensador de Eleia, O Ser, que existe para além das ilusões do mundo sensível da doxa, é uno, eterno, imóvel, não-gerado e imutável: "O Ser é e o não ser não é". Platão tenta resolver a questão do Não-Ser nos diálogos Parmênides e Sofista ao passar a entender o Não-Ser como alteridade (diferença) em relação ao Ser em vez de contrariedade. (Por exemplo, "o belo não é feio"). Segundo o discípulo de Sócrates, quando dizemos " o não-ser não deve participar nem da unidade nem da pluralidade " e o não-ser " é impronunciável, inefável e inexprimível " já dizemos o Não-ser uno, pois dizer o já implica unidade, e contradizemos a ideia de que ele não possa ser pronunciado ou expressado, pois lhe aplicamos o é. Platão então, negando Parmênides, defende a comunhão entre Ser e Não-ser. Impondo a introdução do Outro (ou diferença) e do Mesmo chega à aceção predicativa do Ser. Esclarece que podemos designar uma única e mesma coisa por uma pluralidade de nomes porque a aceção identitativa (A=A) não é a única possível ao Ser, o homem pode então também ser chamado de bom e não apenas de homem (" o homem é bom " e não apenas " o homem=homem " e " o bom=bom "). Podemos, com a ideia de predicação, tratar as coisas como capazes de participação mútua. Com a ideia de identidade, podemos supor a todas as coisas como incapazes de união mútua” (DIAS, 2010. p. 57).

cada um deles também é um”. (PLATÃO, 475e-476a, 2005, p. 225). Paradoxalmente o ‘ser’ está presente no não ser, no seu outro. Na caverna há algo, ainda que não seja a essência. As sombras ali projetadas, resultam da luz que vem de fora e ali penetra, e ao penetrar respeita em certa medida, o modelo do objeto projetado. A opinião antes do acesso ao mundo de fora, será diferente da opinião ao voltar (do filósofo), mas o filósofo também terá que readaptar a visão para ver novamente as sombras.

- Considera pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e [...] da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? (PLATÃO, 515c-d, 2005, p. 316/317).

O que diferencia, em termos, o prisioneiro do filósofo é que este está livre e pode comparar as sombras com os objetos de que são projeção; haja visto ter vislumbrado o mundo exterior. O risco que a opinião oferece, é o de manter a razão aprisionada no mundo da imagem, pelo conforto decorrente do costume, nas sombras da caverna. Mas, as sombras mesmas podem ser vistas como uma forma de realidade em si (enquanto cópias e simulacros têm sua participação no ‘ser’); e, se se tem consciência de que existe um mundo lá fora e da condição de imagem das sombras, há possibilidade de se ter uma opinião verdadeira.

E ainda, enquanto se caminha para a luz, no processo de ascensão da razão, há aquisição de conhecimentos e um crescente aproximar-se da ciência. “E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros”? (PLATÃO, 516c, 2005. p. 318).

A caverna (mundo sensível) é o lugar de elaboração de opiniões em diferentes níveis de aproximação ao conhecimento, e é também o lugar em que faz sentido o ensino, ou a intervenção filosófica. A dialética mesma enquanto método para o conhecimento se realiza diante da alteridade (ser - não ser / tese-antítese): mundo sensível- mundo inteligível.

A alegoria da Caverna, sendo alegoria é opinião e expressa a opinião de Platão sobre os dois mundos cujo fim é revelar que o homem e a Filosofia se situam

na busca pela ciência. Mas também é ciência, resulta do movimento da razão que se projeta para além da opinião e contempla as ideias no mundo inteligível. E também, é Filosofia, enquanto técnica aplicada para chegar na teoria (contemplação das ideias) e voltar ao mundo da prática; o mundo da experiência educativa que longe ser o lugar que aprisiona deve ser o espaço que liberta.

Platão certamente esteve preocupado com o caráter prático da Filosofia e sua possibilidade de intervir no espaço da vida pública e, com este fim, iluminar o mundo sensível (a Caverna) quando propõe um modelo educacional para uma sociedade justa. No mesmo Livro VII, em decorrência da análise comparativa que faz da caverna com a vida e a justiça, ele argumenta que o mundo lá fora, lugar iluminado e real, é nossa referência para o mundo concreto.

O filósofo, autor da Alegoria da Caverna, não propõe uma vida no outro mundo (não sensível) isso seria abrir mão da experiência humana; o que não faria sentido diante da preocupação de construir uma sociedade justa e governada por filósofos para o bem de todos. Então, ou a Caverna representa uma condição humana e não uma realidade ontológica; ou a Caverna representa o mundo sensível e nossa ciência sempre será uma opinião, mesmo que cada vez mais próxima da verdade.

- A presente discussão indica a existência dessa faculdade na alma e de um órgão pelo qual aprende; como um olho que não fosse possível voltar das trevas para a luz, senão juntamente com todo o corpo, do mesmo modo esse órgão deve ser desviado, juntamente com a alma toda, das coisas que se alteram, até ser capaz de suportar a contemplação do Ser e da parte mais brilhante do Ser. A isso chamamos o bem. Ou não? (PLATÃO, 518c, 2005. p. 321).

A Filosofia aparece, então, como sendo esse exercício do prisioneiro que, ao escapar da caverna, pelo pensamento, se encanta e se enamora da verdade que se descortina diante de seus olhos expostos à luz, e esse encantamento o eleva e leva ao amor pelo saber; mas, também, o impulsiona a voltar para a caverna em busca do humano, ainda, aprisionado na ignorância e nas sombras. Neste contexto, entende-se que a Filosofia e o seu ensino, se configuram como processos dialéticos construídos numa relação teórico-prática. Filosofia e ensino de Filosofia, estariam, assim, imbricados num movimento contínuo rumo ao conhecimento verdadeiro— o filosofar.

Portanto, a Filosofia, que não é sabedoria ou conhecimento absoluto do ser, antes se coloca num lugar entre opinião e a ciência e se constitui no exercício da

capacidade da razão para superar as sombras da opinião e descobrir com a luz, a ciência. Para compreender o que é a caverna, precisa sair dela, mas não saberia o que é a caverna se nunca tivesse tido a evidência dela em si mesmo, em sua experiência com ela.

Sair da caverna é uma metáfora que oportuniza um olhar mais racional sobre este mundo, mundo de representações, opiniões e crenças e que se colocam muitas vezes como naturais e evidentes, mas que estão à espera da função esclarecedora da razão, daí porque é preciso o retorno à experiência e, nesse sentido, a atividade filosófica tem muito que contribuir com este desenvolvimento de razão crítica, autônoma e libertadora.

### 3 O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO E A EXPERIÊNCIA DO PENSAR

#### 3.1 A filosofia e a educabilidade humana

Quando é colocada a questão, seja da presença, seja da importância da filosofia no ensino médio, faz-se necessário uma breve exposição sobre a educação e o sentido da filosofia como educabilidade humana: Severino (2006, p. 621) escreve que,

Na cultura ocidental, a educação foi sempre vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano.

Para este autor a formação é um processo do devir humano, devir humanizador, decorrente do processo cultural em que estamos inseridos. Portanto, a formação contempla um conjunto de dimensões que expressam: constituir-se, ordenar, fundar, criar, instruir, colocar-se ao lado de, desenvolver-se. Em seu sentido mais restrito 'formar' é um verbo reflexivo que indica ação. Esta ideia de formação é aquela que sintetiza 'um modo de ser', mediante um 'devir', modo de ser que significa uma qualidade existencial cuja marca mais representativa é a emancipação. Segundo estes princípios o autor conceitua:

A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente é um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva. Por isso, a interação docente é considerada mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição da educabilidade do homem (SEVERINO, 2006, p. 621).

Alicerçado nesta perspectiva este autor discute as relações entre as diversas dimensões da educabilidade humana, destacando as dimensões ética e política que, até o atual momento, prevaleceram como fundamentos da compreensão da própria natureza da educação. Em vista deste objetivo ele quer explicitar "o lugar e o papel da Filosofia como esforço hermenêutico de desvelamento da prática educacional, tal como ela precisa se desenrolar nas mudanças e condições histórico-culturais da atualidade".

É possível afirmar baseando-se no testemunho da história da filosofia que a educação foi primeiramente pensada como formação ética. A constituição do sujeito ético está presente na Filosofia antiga e medieval. *A República*, de Platão, e a *Política*, de Aristóteles, são obviamente referências ao político, mas a política fica como que condicionada à ética. Severino declara,

A boa qualidade da *pólis* está na dependência direta da qualidade da vida individual dos seus habitantes. Platão, ao construir seu modelo da cidade ideal, desenvolve uma proposta filosófica de uma pedagogia ético-política, na qual o conhecimento e a prática da virtude vão garantir a viabilidade e a legitimidade (SEVERINO, 2006, p. 621).

Sobre a educação dos indivíduos e a discussão sobre a formação da sociedade, Jaeger, nos lembra que “uma educação consciente pode até mudar a natureza física do homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior” (1986, p. 3), e ainda, “a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade” (idem). Ainda que a referência feita aponte, no contexto onde foi colhida, a Grécia antiga, para a educação de um modo mais amplo, como transmissão da cultura, cabe situar a educação escolar e o ensino médio de forma mais específica, como parte importante da educação nos dias atuais.

Considerando o objeto de análise, esta Dissertação que tem como tarefa refletir sobre a perspectiva filosófica do diálogo com jovens do Ensino Médio através do ensino de Filosofia, é missão preliminar indagar: o que é juventude?

A juventude se constitui enquanto categoria social, no que se refere a definição de um intervalo entre a infância e vida adulta apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no final do século XX, sendo uma invenção moderna tecida em um terreno de constantes transformações. (ADAD, 2014. p.41).

Situar o ensino de Filosofia no ensino médio, implica em situar o Ensino Médio na escola e nas expectativas sociais para educação da juventude (ou juventudes) e para a realização de uma formação culturalmente (e/ou politicamente) pretendida; e, principalmente, perscrutar as expectativas dos jovens discentes que constituem as escolas e conseqüentemente são os sujeitos da educação escolar.

Como atesta um dos textos da formação continuada de professores, o Pacto Nacional de Fortalecimento do Ensino Médio, que configura parte dos discursos de base das políticas públicas educacionais ainda em voga: “a escola como território

educativo no contexto da formação humana integral, articula expectativas das diferentes juventudes do Ensino Médio” (MEC/LIMA et al, 2014. P. 14-15).

Observa-se que os discentes que frequentam a escola pública têm sonhos que em geral não se tornam projetos de vida, por diversas condições para além da escola, mas também, porque suas singularidades não são reconhecidas pelas práticas cotidianas no tempo e espaço da escola. Desse modo torna-se necessário, atentar para o fato de que “o que, na maioria das vezes, é entendido como desvios da ordem ou como impossibilidade de aprendizagem, passa a ser compreendido como modos singulares de constituição subjetiva – o que, por consequência, exige outras maneiras de ensinar e aprender” (BENETTI, 2006. p.47). A este respeito Gelamo critica a formação da juventude nessa sociedade normalizada.

[...] o que hoje é valorizado na *sociedade normalizada* (para usar um conceito de Foucault) e no espaço educacional não é mais o desenvolvimento do pensamento, mas a transmissão de uma série de conteúdos que supostamente, dão condições para a integração do estudante no quadro do progresso tecnológico e proporcionam a sua entrada no mercado de trabalho (GELAMO, 2009, p. 112).

Desse modo, o lugar da Filosofia na escola de hoje, tendo em vista a sua dramática situação, seja como forma de conhecimento ou exercício do pensamento, seja como componente curricular no Ensino Médio, resulta, por conseguinte, de uma reflexão a partir das condições de seu ensino e ensinabilidade, levando-se em consideração a quem esse ensino afeta e que expectativas deverá ou poderá atender. E ainda, as condições da vida atual marcada pelos progressos técnicos e tecnológicos e pela hegemonia do utilitarismo.

Em sociedades onde os progressos tecnológicos cada vez mais ditaram os ritmos de vida, da organização e divisão do trabalho, dos fluxos de riquezas, capitais e mercadorias, e das próprias percepções do tempo e do espaço, os conhecimentos sobre o mundo natural adquiriram destaque e referencialidade. Seus procedimentos metodológicos e critérios epistemológicos foram então tomados como parâmetros de verdade, confiabilidade, utilidade, progresso e civilização. As escolas, como espaços de instrução, de educação e de formação de sujeitos os mais variados, foram afetadas por todas essas questões de fundo. (MEC/Trindade et al, 2014. p. 14).

Neste cenário, as ciências naturais e as matemáticas, recebem uma ênfase valorativa, que joga as ciências humanas para a posição de coadjuvante no currículo, especialmente do Ensino Médio das escolas públicas, quando em teoria se

pretende uma educação para o trabalho que na prática se configura como preparação de mão de obra para o mercado de trabalho. “Arendt analisou como no “mundo moderno” – o que para a autora significa a sociedade instituída pela modernidade -, o labor passa a modelo de todas as atividades, monopolizando o sentido da existência humana e tornando-se o que há de comum entre os membros da coletividade” (VALLE, 2004. p. 177).

No contexto de uma cultura difusa que não enfrenta o fracasso escolar e não concebe os jovens como sujeitos de aprendizagem, mas são tornados objetos; essa falta de aprendizagem e de rendimento intelectual, encontram suas justificativas (ou desculpas) em elementos diversos como: desinteresse do discente pelo estudo, falta de acompanhamento da família, preguiça ou descompromisso do docente, falta de estrutura ou recursos, dentre outros.

Em relação à Filosofia, porém, a questão principal parece ser a própria Filosofia que costuma ser vista como: difícil ou fácil demais por não ter respostas definitivas, inútil por não apresentar uma aplicação ao modo da ciência moderna, entre outros. Nota-se em geral, que o discente mesmo sem gostar de estudar, por vezes, faz um esforço para atingir boas notas em outros componentes curriculares, ainda que a pretexto de aprovação ou satisfação de um anseio familiar ou social, mas quando tem-se em vista a Filosofia não é incomum os casos de “bons alunos” se acomodarem a partir da perspectiva de que não ficarão retidos somente nessa disciplina.

Certamente, são considerados aspectos e circunstâncias diversas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem em geral e condições sociais em que se inserem a escola pública no Brasil e os discentes (oriundos das classes populares). Outrossim, deve-se atentar para as perspectivas legais, institucionais e ideológicas, em que a volta da Filosofia como componente curricular obrigatório no Ensino Médio, se insere e se define; seja como corpo teórico, metodologia, prática de ensino e exercício de aprendizagem. Pois,

Vivemos sob a égide de padrões culturais imersos numa lógica de mercados, marcados desde o advento da modernidade pela valorização do individualismo, hierarquização de poderes e saberes, compartimentalização dos conhecimentos, desconstrução de padrões/valores éticos, dentre outras questões. (idem, p. 21).

Contudo, tais considerações não se constituem no problema que instigou essa reflexão, embora em nosso entender, se apresentem como elementos

fundamentais para a delimitação da problemática que envolve o ensino de Filosofia na escola e seu papel na formação intelectual e social do jovem discente que constitui e constrói a sociedade. Acima de tudo, quando o problema de pesquisa envolve, como neste caso, o impacto das representações sociais na formação das opiniões que os discentes expressam sobre a Filosofia e seu ensino na escola.

### 3.2 A filosofia e o ensino de filosofia – conceitos e problemas

A palavra Filosofia, em sua origem grega, significa ‘amizade à sabedoria’, e a despeito da etimologia apontar para uma característica fundamental de busca amorosa pelo saber, consideramos como referencial a concepção de filosofia platônica que une o maravilhamento e a dialética, numa relação complementar e condicional de autoconstrução humana rumo a plenitude do humano ou a felicidade.

Ao contrário daqueles que pensam que a filosofia seja apenas uma técnica de lidar com argumentos, uma atividade profissional ou algo que pode ser outorgado por um diploma, Platão a compreende como um acontecimento existencial que modifica à nossa maneira de estar no mundo. Assim para ele como para a maioria dos filósofos gregos, a filosofia é um evento que provoca reorientação ontológica nas pessoas e implica a experiência de determinadas “paixões”. Ela não é atividade meramente intelectual, pois embora possua discurso de elevado nível teórico, origina-se antes de uma série de escolhas e decisões existenciais que, muitas vezes, são justificadas a posteriori. (ENGLER, 2011. p. 9)

Platão certamente, tinha em mente algo parecido ao escrever seus Diálogos. Como registra o *Teeteto*.

Teeteto – Pelos deuses, Sócrates, causa-me grande admiração o que tudo isso possa ser, e só de considera-lo, chego a ter vertigens.  
Sócrates - Estou vendo, amigo, que Teodoro não ajuizou erradamente tua natureza, pois a admiração é a verdadeira característica do filósofo. Não tem outra origem a Filosofia. Ao que parece, não foi mau genealogista quem disse que Íris era filha de Taumante. (PLATÃO, 155c-d, 2001. p. 55).

E na ‘Alegoria da Caverna’ que nos apresenta no Livro VII da *República*, a filosofia é o movimento de ascensão da razão (dialética); e enquanto conhecimento ou técnica para validar o acesso ao mundo inteligível e à verdade, está disponível para o homem que se dispôr a correr o risco de encarar a luz. Nesse caso, o papel do filósofo é no máximo buscar a ciência que está em si mesmo e alertar aos “seus companheiros de prisão” (PLATÃO, 516c, 2005. p. 318) que as sombras projetadas

são só cópias, que há muito mais a desvelar lá fora do mundo sensível (ou lá dentro de si no mundo inteligível). O filósofo é filósofo para si mesmo, pois o amor à sabedoria é algo que está imbricado à descoberta, por meio da razão, do ser (e neste, do ser humano); o que não significa que será sempre agradável ou confortável.

Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a ideia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que no mundo inteligível, é ela senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e pública. (PLATÃO, 517b-c, 2005. p. 319).

O movimento do pensamento que eleva o espírito ao mundo inteligível, para encontrar a ideia de justo e belo, como se disse em outro momento, ambas iluminadas pela ideia de Bem, parte da percepção das diferentes belezas e justiças. Logo a ideia originária da qual emana a luz que gera a de justiça e de beleza, é a ideia de Bem. Assim, a ideia de Bem, é a referência para as outras ideias, inclusive a ideia de justo, belo e bom.

Estas ideias, por sua vez são a referência para a concretização, no mundo sensível, das leis e normas de conduta para indivíduos e sociedades. Através das leis e normas, os indivíduos podem chegar ao Bem no mundo inteligível e concretizá-lo no mundo sensível com uma sociedade justa, bela e boa, lugar propício à felicidade.

Deve-se ter em mente, que o filósofo estivera aprisionado também, e o fato de que exista um conhecimento das coisas lá fora, impregnadas de luz, não muda o fato de que a caverna e as sombras existem, e as sombras (também resultantes do efeito da luz) dão testemunho da existência desse outro mundo (das coisas originárias), como disse Platão, a ideia do bem gerou o mundo visível e o inteligível.

Há, em Platão, uma dimensão prática na Filosofia, que conecta o mundo inteligível ao mundo sensível, e vice-versa; como mostra, em seus diálogos, a ela é um posicionar-se, um exercitar da razão que vai da opinião (conhecimento do mundo sensível) à ciência (conhecimento do mundo inteligível), e volta à opinião para retomar o caminho para a ciência a partir de uma opinião mais elaborada.

Neste ponto, pode-se vislumbrar um lugar para o ensino de Filosofia no ensino médio. Entendendo que o ensino de Filosofia se apresenta como uma necessidade para a educação de jovens em idade escolar; ainda mais se

considerarmos que a pretensa formação humana integral e a tal formação para a cidadania são condições que integram o fazer filosófico. A este respeito Art. 53, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diz que “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2019).

Também a LDBEN (9493/96) no Art. 22, ao tratar da educação básica, afirma: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”, ainda que permaneça em aberto a concepção de cidadania que definiria os caminhos de uma formação rumo a ela.

Então, a própria concepção de cidadania se torna aqui elemento de possível estranhamento e crítica filosófica a ser desenvolvida numa aula de filosofia do ensino médio. Como atesta o texto das Orientações Curriculares para o Ensino médio de 2006, quando já há uma defesa oficial da institucionalização da filosofia como componente curricular obrigatório nesta etapa do ensino.

Espera-se da Filosofia, como foi apontado anteriormente, o desenvolvimento geral de competências comunicativas, o que implica um tipo de leitura, envolvendo capacidade de análise, interpretação, de reconstrução racional e de crítica, com isso, a possibilidade de tomar posição por sim ou não, de concordar ou não com os propósitos do texto é um pressuposto necessário e decisivo para o exercício da autonomia e, por conseguinte, da cidadania (BRASIL, 2006, p. 33-34).

Tem-se em mente, aqui, a Filosofia não só enquanto acúmulo histórico de conteúdos teóricos específicos engradados num componente curricular; embora essa sistematização seja importante, e até necessária, tendo em vista circunstâncias políticas e pedagógicas que circunscrevem e se inserem no âmago do sistema educacional brasileiro. Assim, se tem em vista a Filosofia enquanto exercício temático que possibilite a reflexão como exercício; o exercício do maravilhamento e do pensamento, que deve ser despertado e estimulado nos jovens, sobretudo no tempo e espaço da escola quando se considera as circunstâncias existenciais e sociais de sociedades modernas:

O tratamento da Filosofia como componente curricular do ensino médio, ao mesmo tempo em que vem ao encontro da cidadania, apresenta-se, porém, como um desafio, pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições

adequadas para a sua presença como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos. (BRASIL, 2006, p. 16-17).

Pode-se afirmar com base na experiência e relatos de docentes que ministram esta disciplina, bem como em pesquisas desenvolvidas nas universidades, que há uma construção e transmissão de uma representação negativa da filosofia e do seu ensino; o que obscurece a visão dos discentes e da sociedade para sua contribuição na formação escolar e cidadã dos jovens.

Considerando que estas dificuldades comuns se somam à complexidade do conhecimento filosófico e do ensino de Filosofia, uma vez que a Filosofia é crítica desde sua gênese, na medida em que constitui a si mesma e ao seu ensino como problemas filosóficos, a sua efetivação e execução torna-se desafiante.

Considerando também que a Filosofia não se contenta com o saber estabelecido, mas ao contrário, se insurge contra ele e provoca uma situação de crise, Cornelli (2010) vê esta crise como oportunidade de superação e construção de novas possibilidades:

Filosofia e crise se frequentam há muito tempo, ao menos desde a Atenas clássica: o professor de filosofia é certamente chamado a ser protagonista desta crise, em busca de novas oportunidades de estruturação do saber e de seu ensino formal. (CORNELLI et al, 2010, p.10).

Não é raro o sentimento de frustração diante das dificuldades, no exercício da docência, por vezes, comuns aos colegas de outros componentes curriculares, porém, mais desafiador no caso da Filosofia. No caso da Filosofia, há sempre o risco de vertigens, e isto assusta, como fora assinalado por Teeteto, no já acima citado trecho (PLATÃO, 155c-d, 2001. p. 55).

Compreende-se então que muitas das dificuldades no exercício da docência em Filosofia que causam frustração, ou a desistência de sua viabilidade como componente curricular, decorrem em grande medida, não da falta de importância desse campo de conhecimento para a formação de jovens, mas do temor em responsabilizar-se por causar essas vertigens.

Também impacta, a reação nos jovens, quando de encontro com o filosofar, ao sentir os primeiros sinais de vertigens, conforme resultados de pesquisas como as desenvolvidas por BENETTI (2006) e VALLE (2004) que nos alertam para as resistências ao ensino de Filosofia que advêm de elementos psicossociais internos à

psique dos discentes, oriundos de suas vivências pessoais e culturais, antes da sala de aula. Constatou-se esses fenômenos.

Podemos dizer que a preocupação maior do processo de ensino/aprendizagem está voltada para a construção do conhecimento. Entretanto, talvez não se tenha pensado ainda no processo de “construção para trás”. O conflito, entendido como obstáculo ou recusa, que os alunos apontam no ensino de filosofia, pode ser compreendido como uma dificuldade de lidar com a desconstrução de um saber já estabelecido, que diz respeito à sua vida. Pois há uma história do sujeito, um imaginário que está implicado, quando, em sala de aula, se discutem questões que podem colocar em dúvida as maneiras de ver, pensar e entender o mundo e a si mesmo. (BENETTI; 2006, p.70).

E ainda.

Em suma: não parecem estar disponíveis na sociedade atual modos de investimento no conhecer que, servindo de base para a relação educativa, fujam ao dilema que só oferece como alternativas o solipsismo e a loucura ou a instrumentalização do outro (VALLE; 2004, p.180).

Portanto, mesmo se considerando circunstâncias semelhantes em outras disciplinas: turmas enormes com discentes que não parecem estar dispostos ao esforço intelectual; entre outros porquês burocráticos que entravam, cotidianamente, o trabalho e a disposição física e afetiva dos docentes; em se tratando do componente curricular Filosofia, as dificuldades comuns ampliam seu impacto.

Relativamente à Filosofia, além da discriminação evidente perceptível nos discursos dos discentes, direta ou indiretamente; há o menosprezo do sistema educacional e da comunidade escolar em relação à Filosofia como corpo teórico e como componente curricular, de modo que os efeitos danosos desses discursos se expressam na postura dos discentes em relação aos conteúdos e às atividades propostas no tempo de sala de aula.

### **3.3 A filosofia e o ensino médio no Brasil – entre a presença e a ausência**

O ensino de Filosofia só obteve a garantia de obrigatoriedade curricular no Ensino Médio muito recentemente, com a determinação da Lei 11.684/2008.

Um breve histórico do ensino de Filosofia nos permite remontar ao texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, nº. 5692/72. Esta lei promulgada no Regime Militar colocava o ensino de Filosofia como facultativo no Brasil, sendo

substituído pela disciplina Educação Moral e Cívica, EMC e Organização Social, e Política do Brasil, OSPB. No nosso país, a Filosofia nunca fora colocada em seu caráter reflexivo e crítico, mas sempre de forma vertical e alienadora, a serviço da formação de uma pequena parte da sociedade que trabalhava para manter seu status. Com se constata,

Este ensino assumiu, historicamente, um caminho distinto da sua natureza crítica e indagadora sobre o mundo. Ao ser introduzido na cultura brasileira, veio através da imposição ideológica do pensamento religioso cristão e teve a sua presença permitida por situar-se como demonstradora lógica das verdades da Revelação. Posteriormente, o legado filosófico associou-se ao novo paradigma dominante que foi o pensamento positivista. Mas, mais uma vez, teve uma existência contingente, ou seja, a ciência marcou a sua hegemonia prescindindo da Filosofia. Por outro lado, a tradição erudita e escolástica, mesmo numa conjuntura de um pensar laico, garantiu a presença da Filosofia, nos breves espaços em que foi permitida, como um ensino intelectualista e erudito, dirigido às elites (NASCIMENTO, 2015).

Com o fim da ditadura militar, um novo horizonte pareceu se abrir para a consolidação do ensino de Filosofia nas escolas, porém, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/1999), somente sugeriam uma recomendação de que a disciplina de Filosofia complemente os Temas Transversais, colocando-a apenas como conteúdo, e não como uma disciplina.

Inciso III do §1º do Artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9394/96 de 20/12/1996), no qual se afirma que o educando ao final do ensino médio deve demonstrar o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (MEC, 2006, p.21).

Outro marco de grande valia à implantação da disciplina de Filosofia no Ensino Médio foi o projeto de lei complementar 09/00, que visava garantir a presença obrigatória desta disciplina no currícul. Porém, à revelia da luta dos educadores, este projeto foi vetado pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Como se sabe, a obrigatoriedade como componente curricular é resultado de longo processo de lutas, debates e discussões na área da Filosofia, desenvolvidos por entidades, associações e universidades da sociedade brasileira que culminou, com a aprovação da Lei nº 11.684/2008.

Esta lei representou uma modificação na Lei nº 9.394/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para alterar, na LDB, o art. 36, no seu caput, introduzindo o inciso IV e revogando, do seu § 1º, o inciso III.

O inciso III, referenciado acima, foi revogado, porque não assegurava a obrigatoriedade da disciplina, apenas prescrevia a diretriz de que o domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia, são necessários ao exercício da cidadania, e que estes domínios fossem demonstrados pelo educando ao final do Ensino Médio. Com a modificação da LDB, o inciso IV, introduzido, estabeleceu a diretriz de que serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio.

Quase dez anos após esta importante vitória, numa demonstração de desrespeito à luta da educação por esta conquista, então governo de Michel Temer instituiu a Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que Reforma o Ensino Médio e faz alterações nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando apenas matemática, língua portuguesa e inglês, disciplinas obrigatórias nos três anos de Ensino Médio. O texto estabelece que a Base Nacional “incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia”<sup>9</sup>.

Como estabelece a LDB, o Ensino Médio enquanto etapa final da educação básica, tem nas suas funções a prerrogativa de consolidar e aprofundar a formação geral do educando, preparando-o para o trabalho e para a cidadania. Neste sentido, deve oferecer-lhe condições para uma formação ética e intelectualmente autônoma, além de capacitá-lo a compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos. Tal prerrogativa parece conceder grande papel à Filosofia, pois, algumas das diretrizes estabelecidas para o currículo do ensino médio, já na própria LDB, comportam traços característicos da filosofia, ainda que não sejam suas prerrogativas exclusivas.

Independentemente desse retrocesso, a disciplina Filosofia está presente no Ensino Médio e goza da autonomia dos Estados para assegurar sua presença ou não. O fato é que a Filosofia está presente na educação escolar. Neste contexto da Filosofia na sala de aula, surgem muitas questões desafiadoras como: Por que estudar Filosofia na escola? Para que serve Filosofia? O que e como ensinar neste componente curricular? Em que, afinal, a Filosofia nos termos descritos, de fato contribui com algo diferente que marque sua especificidade e aponte para sua importância como componente curricular?

---

<sup>9</sup> Cf: Manifesto dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia – PRO-FILO – UFPI, que se posicionaram contra as medidas que retiraram a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia do Currículo do Ensino Médio.

A inserção da Filosofia no Ensino Médio como componente curricular, a indefinição de seu lugar e do seu estatuto, tem dificultado a sistematização de uma proposta mais consolidada para esta área. Junte-se a essa condição, diversos outros problemas que envolvem cotidianamente o ensino de Filosofia na escola. Há uma construção e transmissão de uma representação negativa da Filosofia e do seu ensino, desde o contexto social permeado por princípios ideológicos capitalistas e, portanto, tecno-cientificistas, que visam uma aplicação prática dos conhecimentos, no sentido de aproveitamento útil para produção mercadológica.

No Piauí, embora a Filosofia tenha sido incorporada ao Ensino Médio, como componente curricular desde de 1997, ainda tem sido recorrente a reclamação dos docentes em relação às dificuldades de ministrar essa disciplina. Pode-se observar que alguns elementos contribuem para a reprodução de uma representação do senso comum no que se refere à Filosofia na escola, quase sempre vista pelo lado negativo.

Os estudos e pesquisas consideram alguns fatores como determinantes da consolidação da Filosofia como disciplina do Ensino Médio: as concepções ideológicas sobre o papel social da educação e do papel da Filosofia na educação dos jovens (implícitas ou explícitas); carga horária reduzida; a lotação de docentes não formados na área; assim como sua presença muito recente como componente curricular obrigatório, dentre outros.

Estas condições têm contribuído significativamente para formar e disseminar representações negativas, sobre a Filosofia e sua importância entre os discentes, representações essas que compõem as opiniões destes e influem significativamente no trabalho dentro da sala de aula e na efetivação da Filosofia como componente curricular do Ensino Médio na Rede Estadual do Piauí. Como relata Nascimento:

Segundo nossa investigação, os docentes de filosofia devem ter um perfil profissional com competências e habilidades para compreender e transmitir os principais temas, problemas e sistemas filosóficos, bem como que possuam a capacidade de análise e reflexão crítica da realidade social; que tenham condições de enfrentar com sucesso os desafios da prática docente a fim de despertarem os jovens para o universo da filosofia e que possam dialogar com os alunos do Ensino Médio, a partir do legado da tradição e do pensamento inovador e criativo. (NASCIMENTO; 2015, p. 125/126).

Entende-se estas competências requeridas aos docentes e as orientações presentes nos referenciais curriculares como uma forma de guia para ajudá-los na

tarefa de ensinar e como forma de profissionalização da atividade da filosofia nas escolas. Como lembra Deleuze (1992, p. 13) “o filósofo é bom em conceitos, e em falta de conceitos, ele sabe quais são inviáveis, arbitrários ou inconsistentes, não resistem um instante, e quais, ao contrário, são bem feitos e testemunham uma criação, mesmo inquietante e perigosa”.

O que se almeja é que, os docentes de Filosofia devam ter um perfil profissional com competências e habilidades para compreender e transmitir os principais temas, problemas e sistemas filosóficos, bem como que possuam a capacidade de análise e reflexão crítica da realidade social; que tenham condições de enfrentar com sucesso os desafios da prática docente, a fim de despertarem os jovens para o universo da Filosofia e que possam dialogar com os alunos do ensino médio, a partir do legado da tradição e do pensamento inovador e criativo (NASCIMENTO, 2015).

Desse modo, quando refletimos sobre as questões que envolvem a inserção deste componente no currículo escolar, são muitos os dilemas e as dúvidas que se colocam, por vezes até como obstáculo à sua efetivação.

Os professores licenciados na área, em geral, ainda, não se sentem preparados para a realidade que encontram em sala de aula, assim como colegas de outros componentes curriculares também estimulam uma representação negativa da filosofia quando reproduzem opiniões e atitudes discriminatórias dentro da escola. Considerando a experiência e relatos de professores, é muito comum gestores e docentes de outras áreas, verbalizarem que a Filosofia é “só falatório”, podendo este horário ser usado para as atividades “realmente interessantes”.

Como agravante, a falta de profissionais formados na área e a falta de uma familiaridade das camadas populares (que frequentam a escola pública no Brasil) com os conteúdos e questionamentos filosóficos, contribuem significativamente para o insucesso do trabalho docente em Filosofia, ao lado de um perfil de discente contemporâneo alheio às leituras e refém da internet e das redes sociais que os atrai e os habitua ao pouco esforço intelectual.

Como se vislumbra em alguns depoimentos colhidos durante a atividade de diagnóstico, da opinião dos discentes envolvidos na pesquisa (ANEXO 5), uma das mais frequentes queixas é de que o conteúdo é “complexo” e ou “muito difícil” mesmo quando interessante. A título de exemplo, o discente J.R-3A, que tirou nota 920 na redação do ENEM 2018, afirmou em 2017 quando ainda estava no 2º ano.

*“Não sei bem se gosto de filosofia, porém sei que com ela aprendo a pensar e refletir sobre o mundo à nossa volta, disso tenho certeza que gosto. Contudo a filosofia nos aplica muitas dúvidas sobre o mundo. Se realmente existisse a definição concreta das coisas que a filosofia estuda seria bem mais fácil entender filosofia”.*

A discente I.B- 3C, por sua vez, assim descreve sua opinião sobre a Filosofia: *“que ela é muito difícil, só o nome dá um susto”.*

Observa-se com frequência que é comum aos discentes de Ensino Médio, esperar que a Filosofia seja ensinada como um corpo de conteúdos passados como apontamentos a serem memorizados. E, quando se dão conta de que mesmo as respostas disponibilizadas pelos filósofos podem ser criticadas, lhes incomoda a complexidade e a falta de um terreno seguro para o seu pensamento.

Estas situações botam em evidência algumas questões: qual o sentido do trabalho do docente de Filosofia? O que, realmente, o docente faz na escola, com o pouco tempo de aula? E isso realmente importa, já que outros componentes curriculares também encontram dificuldades e desafios? A questão fundamental que provoca e norteia essa reflexão, é a questão que incomoda e transforma em problema o ensino de Filosofia: qual o lugar da Filosofia na escola? Pois é a partir dessa questão que se pode vislumbrar um rumo para a elucidação de tantas outras; e ela mesma, é perpassada pelas outras.

Assim, Cornelli (2010) ao se referir a Filosofia antiga nos instiga a adaptar sua fala para nossa reflexão hodierna. “Antes de mais nada, a reflexão precisa se concentrar na relevância que a tradição da filosofia antiga, fortemente marcada pela sua grecidade e romanidade, pode ter para a formação de nossos jovens no século XXI” (p. 46). Afinal, a cultura ocidental tecnológica e científicada que perpassa os modelos de sociedade e educação modernas também têm suas raízes na tradição da filosofia antiga e também é marcada pela “grecidade e romanidade”.

Encontrar uma resposta possível para as questões postas, mesmo que parcialmente, pode nos conduzir ao encontro de como ensinar Filosofia para jovens discentes da escola pública, que chegam em sala recusando a presença dela em suas vidas, possivelmente por estarem envolvidos numa teia de representações sobre a Filosofia que imprimem em suas opiniões a negação ou a resistência a esse componente curricular.

Se nos reportarmos, novamente, às Orientações Curriculares, podemos constatar uma indefinição sobre o currículo de Filosofia que na verdade se consolida

com a definição de um lugar de onde ela não incomode. Ao impor certas condições por meio de um discurso sinuoso, incompreensível de tão contraditório, atravessado de impossibilidades para sua concretização de fato.

Um currículo de Filosofia deve contemplar a diversidade sem desconsiderar o professor que tem suas posições, nem impedir que ele as defenda. Essa honestidade é inclusive condição de coerência. Ao mesmo tempo, a orientação geral em um currículo de Filosofia pode tão-somente ser filosófica, e não especificamente kantiana, hegeliana, positivista ou marxista. A cautela filosófica é ainda mais necessária nesse nível de ensino, no qual posturas por demais doutrinárias podem sufocar a própria possibilidade de diálogo entre a Filosofia e outras disciplinas, cabendo lembrar que as tomadas de posições, mesmo as politicamente corretas, não são ipso facto filosoficamente adequada ou propícias ao ensino. (BRASIL, 2006, p. 18-19).

Diante dessa afirmação, algumas questões se impõem à reflexão. O que significa ter “cautela filosófica” tendo em vista que a “honestidade é inclusive condição de coerência” com a própria filosofia que não pode se tornar doutrinação, nem do discente, nem do docente? E o que significa ser “filosófica” quando afirma que “a orientação geral em um currículo de Filosofia pode tão-somente ser filosófica, e não especificamente kantiana, hegeliana, positivista ou marxista”? O que significa ser “filosoficamente adequada ou propícias ao ensino”? E tantas outras perguntas podem ser elencadas tendo por base o escrito citado.

Obviamente, de fato há dúvidas prementes sobre o que o autor (ou autores) do texto oficial tinha em mente sobre o que é Filosofia ou em que consiste o seu ensino, mas fica claro que há um temor subjacente, ao desconforto ou à vertigem que a Filosofia pode causar, não somente nos discentes, mas no sistema educacional. Entende-se, embora não haja concordância, a contrariedade em efetivar a obrigatoriedade da Filosofia como componente curricular, apesar do prenúncio da efetivação legal de sua presença no ensino médio desde 1996 com a já citada LDBEN 9394.

A despeito do dito, concordamos com o texto dos Referenciais Curriculares do Ensino Médio da Rede Estadual do Piauí:

É preciso reconhecer a Filosofia como uma disciplina específica do currículo escolar, pois, para possibilitar esse educar para a inteligibilidade, essa reflexão sobre o próprio discurso e as próprias vivências, encaminhando o aluno na direção de uma consciência propriamente filosófica da sua situação histórica e cultural, do seu próprio tempo. A Filosofia não pode ser apenas um tema da transversalidade do ensino (SEDUC/PI, p.164-165).

A princípio, portanto, perguntar pelo lugar da Filosofia na escola, após sua recente inserção, parece retórica. Contudo, à medida que mergulhamos na questão percebemos, que ela está vinculada a questões fundamentais, tais como: Ensinar Filosofia ou a filosofar? Que Filosofia ou filosofias ensinar na escola? Até que ponto a simplificação teórica que visa possibilitar uma compreensão e assimilação dos conceitos filosóficos, por parte do discente, não descaracteriza a Filosofia enquanto conteúdo teórico específico e como movimento do pensar crítico, ou experiência do filosofar?

E por fim: como as representações acerca da Filosofia, oriundas de perspectivas ideológicas presentes no meio social e no senso comum, disseminadas nas opiniões dos discentes, interferem no interesse destes, no âmbito das atividades escolares deste componente curricular?

Afinal, a pergunta sobre qual escola queremos deve ser objeto de nossa reflexão. A mencionada reinvenção dos espaços escolares requer a aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos, além de posturas investigativas e atuantes por parte dos profissionais da educação e dos jovens estudantes. (MEC/Trindade et al, 2014. p. 23)

Portanto, tendo como inspiração o desejo de desvelar os dilemas da condição da Filosofia na escola de hoje e por uma necessidade concreta de encontrar um sentido para o trabalho de ensinar Filosofia para jovens do Ensino Médio - que expressam não gostar ou não estar dispostos a pensar - justifica-se o risco do erro, pelo prazer de pensar filosoficamente o ensino de Filosofia.

Por conseguinte, refletir sobre as questões que implicam e que estão implicadas nas questões sobre a inserção da Filosofia no Ensino Médio se configura, para além de uma necessidade posta por sua inclusão, na resistência diante do risco sempre presente de sua exclusão.

### **3.4 Por que a filosofia importa para a escola**

A utilização do termo 'importa' neste momento se reveste de múltiplo significado. Importa porque é significativamente positivo, mas também importa porque incomoda. A princípio, é compreensível pensar nas possíveis contribuições que o ensino de Filosofia pode trazer para aprendizagem e formação social de jovens que frequentam a escola.

No bojo dessa compreensão, entende-se porque intelectuais e outras categorias sociais lutaram e resistem na luta por sua inserção como componente curricular obrigatório. Visam garantir o acesso de jovens advindos de classes sociais menos favorecidas por recursos financeiros ao conteúdo do conhecimento filosófico historicamente constituído e importante para a leitura da realidade social em que vivem.

No entanto, também se apresenta um significado negativo para importa, que concretiza continuamente nas tentativas de exclusão da Filosofia como componente do currículo escolar. Importa, nesse sentido, significa incomoda. A Filosofia, apesar de seu valor como campo do conhecimento, incomoda a tranquilidade pretendida pelos sistemas educacionais e seus esquemas reproduzidos no espaço de atuação das escolas. Nos termos propostos pelo documento citado, a Filosofia adequada para a escola poderia ser inadequada como Filosofia.

Recordemos o que se disse sobre a “cautela filosófica”. É estranho que a atividade filosófica venha carregada de recomendações, uma vez que este documento oficial enfatiza o risco da opinião ou do ponto de vista filosófico do professor ser considerado como uma postura doutrinária que pode prejudicar o diálogo da Filosofia com outros componentes curriculares e, assim, atrapalhar o projeto de interdisciplinaridade. A Filosofia incomoda a ponto de se chamar atenção, em textos oficiais, para os riscos de ser filosoficamente trabalhada na escola

A Filosofia incomoda porque é essencialmente inadequada. Basta ver o obvio: ao perguntar pela importância da Filosofia na escola, se ignora a necessidade de perguntar pela importância de outros componentes. Em que, a título de exemplo, a física importa na escola? Para que matemática se existem calculadoras para as contas cotidianas e o resto não se vincula às necessidades da vida cotidiana? Para que língua portuguesa, se aprendemos a falar na convivência, o necessário para comunicar e para ser operário?

Poderíamos repetir a pergunta até esgotar todos os nomes de componentes curriculares, e a resposta seria a mesma: em nada, ou em tudo; pois tudo depende do objetivo que se tem em mente quando se pensa a formação escolar de jovens, tendo em vista um determinado projeto de sociedade. Todos são importantes, e úteis, enquanto fontes de conteúdo, desenvolvimento de competências e habilidades para a formação integral e o desenvolvimento cognitivo, de forma mais instrumental

para competir no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, vestibulares e concursos diversos; meios de acesso a espaços sociais e econômicos privilegiados.

Desse modo, se todos os demais componentes não trazem, de forma imanente sua importância (ou utilidade), por que esta condição é exigida para a Filosofia? Porque a filosofia tem sua especificidade até nisso. É a pergunta que não quer calar, o incômodo necessário para a construção e a crítica dos conhecimentos, inclusive de si mesma.

São também desafiadoras as orientações curriculares para a Filosofia no Ensino Médio, a despeito de nossas reservas acerca dos termos “competências” e “habilidades”. Fala-se em: “ler textos filosóficos de modo significativo” - “ler de modo filosófico textos de diferentes estruturas e registros” - “articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas ciências naturais e humanas, nas artes e em outras produções culturais” – “contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica”, dentre outros.

Quanto aos Referenciais Curriculares do Ensino Médio da Rede Estadual do Piauí\* de 2007, mas ainda em uso haja vista que a BNCCEM ainda está em processo de consolidação, este aponta que: “[...] o desenvolvimento do pensamento crítico exige submeter os interesses dos alunos a um tratamento que lhes permita realizar de fato o trabalho teórico de desvendamento como uma atividade que provoca a capacidade de reflexão dos jovens”.

Pode-se a partir da análise destes referenciais para o ensino de filosofia, encontrar subsídios que aponte a especificidade da filosofia como componente curricular e de sua importância na escola, para além de sua utilidade como elemento transversal ou como instrumento para um indefinido exercício de uma cidadania igualmente indefinida.

Estas considerações são importantes para refletir sobre a tarefa de ensinar filosofia e suas contradições no terreno da precariedade da escola pública brasileira. Em que consiste um “texto filosófico” e como poderá ser lido de “modo significativo”? O que significa “ler de modo filosófico”? A que se referem os “conhecimentos filosóficos” e em que se diferenciam de outros conteúdos com os quais deverão ser articulados? Qual a origem específica dos “conhecimentos filosóficos” na qual deverão ser contextualizados? A este respeito pode-se indagar:

[...] o que significa texto? Significa que um simples amontoado de palavras não se encaixa na categoria "texto" se não possuir um sentido. Para encontrarmos o sentido, é preciso prestar atenção ao contexto cujas palavras, frases e parágrafos estão sendo utilizados. Além disso, há a necessidade de um conhecimento de mundo, através de nossas experiências em sociedade, para compreendermos com mais atenção as dimensões lógica e psicológica das palavras, lógica porque "é o seu conteúdo de pensamento, que pode ser expresso em sua definição conforme o dicionário e psicológica por causa das "imagens relacionadas, as nuances e a emoção espontaneamente associada às palavras, evitando-se cair em ambiguidades, porque cada palavra vem carregada com um sentido individual que, quando relacionada com outras, criam um outro sentido. Isso também se aplica às frases e aos parágrafos (TORQUATO, <http://filosofiaufal-cafil.blogspot.com/2015/03/o-que-e-um-texto-filosofico.html>. Acesso em 15 de março de 2019).

Portanto, "ler textos filosóficos de modo significativo" significa adentrar no espaço específico da filosofia, isto, é utilizar os instrumentos do filosofar: o pensamento racional, a crítica radical e o diálogo; contudo, a recomendação presente nas orientações curriculares se justifica em virtude de o texto filosófico poder ser lido de modo 'não filosófico', isto é, se a abordagem do(a) docente é historicista este poderá trabalhar o texto apenas como elemento informativo de caráter histórico. O texto filosófico pode ser trabalhado também de forma meramente conteudista.

Ainda conforme Torquato, é possível identificar nos autores uma forma ou um padrão de semelhança em seus escritos, para que possa afirmar sem medo que aquele poderá sempre ser considerado um texto filosófico. Observa-se que existem inúmeras formas de escrever filosoficamente: poemas, diálogos, ensaios, tratados, aforismos, etc. Mas o que há de semelhante em todos esses textos considerados filosóficos? Seguramente pode-se considerar o teor argumentativo e reflexivo como os grandes responsáveis pela categorização de um texto como filosófico, manifestando um rigor lógico em seu desenvolvimento para ser capaz de pensar a realidade o mais próximo possível do que ela é (ou de fato é), pensando-a conceitualmente e conseqüentemente afastando de si particularidades que não venham somar nada, mas apenas desviar seu âmbito universal e conceitual de repensar o mundo. Este autor esclarece ainda:

O texto filosófico, por ter como base a Filosofia, busca a compreensão da realidade tal como ela é e não somente como se apresenta, expondo ao leitor uma determinada tese defendida pelo autor, que não necessariamente estará limitada ao rigor técnico, mas também estará fundamentada numa personalidade específica de cada autor, suas experiências e sua própria

visão da realidade como um todo e em como ela o afetará, permitindo que suas vivências dessa realidade possam vir à tona como uma cosmovisão inalienável [...]. Portanto, da mesma forma que o texto filosófico necessita partir de um problema, como também refletir sobre esse problema e, por fim, dar argumentos que justifiquem o seu ponto de vista sobre esse problema, é de suma importância que o filósofo não seja escravo dessa cultura tecnicista exagerada para produzir bons textos, sendo capaz de encarar o problema com essa personalidade que é comum a todos os homens (mas nem todos exercitam) e que talvez venha até a se transformar em originalidade — que não é necessariamente uma obrigação do estudioso, visto que o conceito de filósofo, concretizado nas imagens de Sócrates, Platão e Aristóteles, e humildemente definido por Pitágoras, nunca tencionou ser original, mas alcançou tal façanha como consequência da busca pela verdade, uma busca que a contemporaneidade necessita resgatar urgentemente dos clássicos (TORQUATO, <http://filosofiaufal-cafil.blogspot.com/2015/03/o-que-e-um-texto-filosofico.html>. Acesso em 15 de março de 2019).

Estas questões são devidamente esclarecidas quando se coloca a questão inicial. Mas o que é a Filosofia? É nesta questão, primitiva e fundamental, que encontramos a resposta para a especificidade e importância desta disciplina na escola. Colocar a pergunta sobre o que é a Filosofia é colocar a questão do conceito, é colocar o significado do termo e ir além, adentrando as questões sobre o método do filosofar, as possibilidades de ensino e aprendizagem, seu papel social e educacional, entre tantas outras.

Portanto, compreende-se que para atingir os objetivos da Filosofia, enquanto ensino, é preciso antes de mais nada reconhecer os fatores determinantes dessa prática, mas, dentre esses fatores, prioritariamente, apostar numa preparação do profissional que o habilite teórica e pedagogicamente para a tarefa de ensinar Filosofia nas escolas básicas, como possibilidade de provocar na juventude o gosto pelo debate, pela argumentação e o seu compromisso social e político. Neste sentido, “...a filosofia [...] problematiza linhas de intensidade que não se vinculam àquilo que uma maioria problematiza, escapando das imagens dogmáticas do pensar” (GELAMO, 2009. p. 96).

E é nesta busca que a Filosofia constrói sua identidade e sua história como conhecimento, que ao longo dos anos, décadas e séculos foram sendo acumulados. A Filosofia tem como essência o desvelamento conceitual. A pergunta mesma pela Filosofia, implica em um conhecimento filosófico, portanto específico - assim como a pergunta pelo que é o conceito, mas que não se fixa definitivamente; pois, colocar-se a si mesma em questão testemunha sua condição de indefinição e abertura. Ao longo de sua história a Filosofia se elaborou e reelaborou continuamente.

Por isso tudo que se disse, entende-se que “ler de modo filosófico” sempre implica a utilização de numa lógica ou metodologia especificamente filosófica, que é diferenciada de outros contextos e formas de leitura.

### **3.5 A filosofia: vida e cotidiano**

Quando se inicia um novo ano letivo na escola pública, ao voltar o olhar para turmas de 1º ano do ensino médio, é quase instintiva a necessidade de demonstrar para os discentes que se deparam com a Filosofia pela primeira vez, como este saber está intrinsecamente vinculada à vida; seja em relação aos problemas e temas filosóficos que se colocam a partir das questões da vida, seja em relação à própria existência da Filosofia, como resultado da busca de sentido da existência e da vida.

Nos Referenciais Curriculares do Ensino da Rede Estadual de Ensino do Piauí, documento elaborado com base nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, lê-se:

[..] é preciso discutir como fazer com que o ensino de filosofia não se reduza ao fornecimento de um mero conhecimento formal das doutrinas e sistemas da história da filosofia, confundindo as tarefas do ensino médio com as do ensino superior – onde, ao contrário, essa cultura filosófica, em seu sentido pleno e positivo, é um dado essencial na formação do profissional da filosofia (p. 163).

O trecho acima recomenda que as tarefas da Filosofia no ensino médio não devem ser confundidas com o trabalho acadêmico desenvolvido nas universidades. Os objetivos desta modalidade de ensino são outros e não a formação profissional do filósofo. É importante reconhecer esta especificidade, pois o objetivo é introduzir o estudante na discussão sobre temas e questões da sociedade que o ajudem no desenvolvimento intelectual, moral, social e afetivo. Talvez esta incompreensão resulte na desestima dos estudantes para o ensino de Filosofia.

Ademais, este discente, enquanto situado no contexto social, traz suas opiniões e percepções do mundo (e da Filosofia) forjadas no âmago de representações fundadas em pressupostos ideológicos que atendem a interesses sociais, econômicos e políticos de um grupo ou classe dominante; seja desmerecendo e despojando a Filosofia de importância, seja enaltecendo-a a ponto de torna-la inacessível ao homem comum, seja desprezando-a como saber.

Mas, como vimos, a questão do ensino de Filosofia se articula com a questão das concepções Filosofia e sua ensinabilidade, por um lado; e por outro, com os discentes e sua disposição ou não, enquanto sujeitos envolvidos na aprendizagem, para se envolver numa aprendizagem filosófica e ou de Filosofia.

No primeiro caso, sobre as concepções de Filosofia e de sua ensinabilidade no âmbito da escola, nas práticas e discursos, vemos se repetir a problemática sobre o ensinar Filosofia (história, conceitos e temas) ou filosofar (questionar, refletir, pensar livremente); em uma e outra perspectiva, ora a Filosofia se cristaliza o como um saber conceitual, abstrato, distante e desvinculado da vida, ora se banaliza em questionamentos vazios que se perdem da identidade filosófica.

Ao contrário disto, a história da Filosofia lança os fundamentos de sua própria origem e do filosofar: a vida e os problemas que incomodam e impulsionam o pensamento a pensar – ao se impor conceitos prontos e modelos de pensamento, tolhe-se o encanto da experiência filosófica autêntica em que o sujeito se reconhece.

No segundo caso, ou seja, sobre a perspectiva dos discentes, estes geralmente são ignorados enquanto sujeitos de sua própria aprendizagem. Quando são chamados a falar, expressam as opiniões sobre a Filosofia baseadas em representações negativas. Nesse sentido, a sala de aula, em vez de tornar-se lugar para Filosofia e o filosofar, termina por institucionalizar o distanciamento e/ou a banalização desta área de conhecimento.

Pode-se inferir que estas representações são decorrentes de vários fatores: falta de tempo de aula para construir um processo reflexivo junto aos discentes, ou formas equivocadas de ensino, que desvinculam este saber do mundo da vida; abordagens que priorizam os conceitos abstratos sem considerar o exercício de atividades criativas e os afetos. Gelamo oferece a seguinte consideração: é preciso “uma experiência com a filosofia que seja capaz de produzir uma fissura na relação significativa dominante e de permitir ao “aprendiz” a procura de uma ressignificação de sua relação com o mundo e com a própria filosofia” (GELAMO, 2009, p.117). Percebe-se que isso é fundamental para todo processo educativo que envolva as juventudes atuais, sobretudo em relação à Filosofia.

Considera-se neste estudo que a falsa polêmica entre estudar Filosofia e filosofar precisa ser superada. Entende-se que um modo de superar a dicotomia filosofia-filosofar, pode ser a utilização do método socrático como forma de suscitar o diálogo com os discentes a partir de suas opiniões e das questões que os afetam.

Ao tempo em que se discute a tradição filosófica grega, emprega-se o filosofar como exercício. De acordo, está Trindade et al:

A filosofia, como componente curricular no Ensino Médio, deve oportunizar aos jovens estudantes experiências de pensamento conceitual, no qual possam interpretar e criticar as diferentes manifestações humanas. Os desafios que se apresentam na sociedade pós-moderna fazem da filosofia uma aliada, para resistir à desmobilização da reflexão, da compreensão e da crítica. (MEC/Trindade et al, 2014. p. 40)

Em vez de apresentar conceitos filosóficos (inclusive o de filosofia) segundo a obra dos filósofos, por exemplo, para serem compreendidos e assimilados; propomos nesta pesquisa-intervenção, partir de temas e questões propostas pelos discentes sobre suas opiniões acerca da Filosofia e, articular e propiciar a ampliação dessas opiniões, em contato com as perspectivas e teorias filosóficas. Conforme os ensinamentos de Gelamo:

Assim, pensar os problemas do ensino da Filosofia seria pensar os problemas a partir das relações que ocorrem na imanência da sala de aula. A partir do exposto, para pensar o ensino da Filosofia como uma ontologia do presente e como uma filosofia menor, precisamos nos impregnar dessa vontade de resistência capaz de produzir novos modos de problematização (GELAMO, 2009, p. 111).

Resistir, nestes termos significa manter-se viva, no sentido de continuar existindo e no sentido e permanecer em movimento crescendo e multiplicando-se. Mas, sobretudo, significa reagir a modelos de Filosofia que tendem a cristalizar a concepção de Filosofia, em um modelo unívoco e distante da vida e do cotidiano humanos. Resistir significa suportar a crítica de si mesma e ir além.

Considerando este contexto em que se identifica resistência, por parte dos discentes, agora significando oposição e reação, deve-se perceber que esta situação pode ser uma excelente oportunidade de levar os alunos a novos modos de problematização por meio da dialética. Assim, o ensino de Filosofia a partir do filosofar, e do filosofar a partir do que lhes é significativo e vital é uma oportunidade de relacionar a experiência filosófica com o mundo da vida. O que se espera é que reconheçam a importância da presença da Filosofia na sala de aula, pela importância em suas vidas.

Dessa forma, as perguntas - *Porque estudar filosofia na escola? Para que serve filosofia? O que e como ensinar?* Poderão ser respondidas pelos próprios discentes ao filosofar, partindo das opiniões do senso comum, por meio do diálogo

com a filosofia e à maneira socrática estarem aptos a reelaborarem criticamente suas opiniões transformando-as em conceitos.

Como dito antes, os dilemas do ensinar e aprender Filosofia na escola, são perpassados pelos dilemas da educação escolar em geral, que por sua vez são perpassados pelos dilemas vivenciados cotidianamente pelos discentes e docentes. Mas, em relação à Filosofia, há agravantes seja por sua inserção recente e ainda não ter se instalado apropriadamente, seja pelas representações negativas a seu respeito e a respeito de seu lugar na escola, constantemente questionado, quando não ignorado – pela sociedade, pelo Sistema Educacional, e pela comunidade escolar.

Nestas circunstâncias, o diálogo emerge como lugar apropriado para a Filosofia na escola. Ele se adequa ao sistema enquanto alívio para o temor de doutrinação e para o risco de vertigem dos discentes e oferece certo conforto na possibilidade de fuga para os menos aventureiros. E ademais,

O diálogo valoriza o exercício coletivo do confronto de ideias e da autocrítica, condições para um pensamento antidogmático e problematizador. Esse exercício gera, como nenhum outro, a educação para a democracia, onde são imprescindíveis o respeito às ideias divergentes e a convivência entre os diferentes (MEC/Trindade et al, 2014. p. 41).

Em suma, o ensino de Filosofia pode ser o lugar privilegiado dessa resistência que se constitui, ao mesmo tempo, como recomeço e reinvenção de si mesma. Filosofia e filosofar, não se distinguem, pois são uma só e mesma coisa: a vida se pensando. “Para Deleuze apud Gelamo, precisaríamos pensar os problemas em sua relação direta com os signos problemáticos. São os signos que, na sua força, violentam o pensamento” (GELAMO, 2009, p. 94).

A Filosofia e o filosofar têm sua origem, no mesmo impulso do pensar a vida, a partir da vida e das questões que a vida coloca. As questões acerca do ensino de Filosofia e do filosofar, implicam no desvelamento do que é Filosofia e filosofar, portanto é um problema filosófico antes de ser um problema educacional. E uma intervenção no ensino de Filosofia a partir da sala de aula, por sua vez, antes de ser uma intervenção pedagógica é uma intervenção filosófica, ainda que o vocabulário precise ser adaptado e por vezes cause algum equívoco.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida: A representação de Filosofia na opinião dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica, caracterizou-se por ser uma pesquisa bibliográfica combinada com uma pesquisa de campo, esta última realizada através de um projeto de intervenção filosófica junto a discentes de ensino médio numa escola pública da rede estadual de ensino do Piauí, em Teresina, identificando-se com o que se denomina pesquisa-ação. Esta, como a entendemos e utilizamos neste trabalho de pesquisa e intervenção, concorda com o que afirma Adelina Baldissera na obra “Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo” explica:

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/ coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados (2001, p.6)

Esta abordagem se conecta com a concepção de projeto de intervenção levado a termo, com a culminância na realização do I Fórum filosófico da UEFS. A importância metodológica efetivada na realização deste projeto de intervenção se deve pela esperada mudança no contexto de ensino e aprendizagem transcorrido no tempo e espaço da aula de Filosofia, e nos efeitos para além da sala de aula, nas representações acerca da Filosofia e de sua importância como componente curricular no ensino médio.

O Projeto-intervenção, como o próprio título alude, fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa-ação. Tem como base a ideia de uma relação dialética entre pesquisa e ação, supondo ainda que a pesquisa deve ter como função a transformação da realidade. No campo educacional, essa modalidade de pesquisa é bastante enfatizada, devido a relevância de seu caráter pedagógico: os sujeitos, ao pesquisarem sua própria prática produzem novos conhecimentos e, ao assim fazê-lo, apropriam-se e ressignificam sua prática, produzindo novos compromissos, de cunho crítico, com a realidade em que atuam. Nesse tipo de pesquisa, a prática é compreendida como práxis (ver conceito de práxis). Tanto pesquisador como pesquisados estão diretamente envolvidas em uma perspectiva de mudança. (BRASIL/MEC/2017),

Neste caso, do presente estudo, no âmbito do PROF-FILOSOFIA, a proposta de projeto intervenção se configura de forma inovadora como uma intervenção

filosófica nas aulas de Filosofia. Busca-se, ao intervir junto aos discentes do terceiro ano do ensino médio por meio do diálogo, uma mudança de perspectiva destes acerca da própria Filosofia e de seu ensino ao tempo que se propõe uma reflexão sobre o lugar e o papel desta como componente curricular no ensino médio e o exercício da crítica sobre as próprias opiniões.

Sendo assim, este estudo enquanto intervenção promove uma mudança na representação de Filosofia que, por seu turno, poderá se refletir na melhoria dos indicadores de qualidade da escola pública e no aprimoramento dos recursos metodológicos utilizados na disciplina de Filosofia.

A pesquisa bibliográfica na etapa inicial, teve como objetivo reunir as informações e dados que serviram de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema, neste caso: *a opinião e a efetivação filosofia como componente curricular no ensino médio*. Tendo em vista, a perspectiva da pesquisa-ação e considerando este objeto de estudo, buscou-se fundamentos teóricos nos diálogos platônicos em fontes secundárias derivadas de comentadores e interpretes dos temas envolvidos.

Nesse estudo a discussão fundamental sobre a opinião, a Filosofia e o ensino de filosofia; caracterizada pela busca do diálogo como método de ensino e lugar de crítica das opiniões em busca do conhecimento, a pesquisa utilizou como referência básica os diálogos platônicos, tendo como foco as seguintes obras: *A República* (Livro VI e VII), *Teeteto*, *Fédon* e *Sofista*. As fontes bibliográficas secundárias foram organizadas de modo a abarcar as discussões sobre a utilização do diálogo como método para a elaboração de uma concepção de Filosofia e de ensino de Filosofia a partir da práxis, na sala de aula. Sobre a concepção de Filosofia e de ensino de Filosofia, buscou-se como contraponto e complementação e autores diversos assim como em documentos oficiais que abordam a questão da inserção da Filosofia no ensino médio do Brasil e do Piauí.

#### **4.1 Da natureza da pesquisa**

A pesquisa desenvolvida trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo que esta não teve a pretensão de quantificar dados, mas estimular os envolvidos a pensarem livremente sobre temas diversos, objetos ou conceitos relacionados ao objeto do problema filosófico, que é a Filosofia no ambiente escolar; partindo das questões e

problemáticas que os envolvem no cotidiano. A experiência problematizada que serviu como base para a realização da intervenção teve como orientação a reflexão e a crítica sobre as opiniões que referenciam a representação dos discentes de ensino médio acerca da Filosofia e de seu ensino.

A mudança de postura, neste caso, se inicia com a docente (pesquisadora) que ao optar pelo diálogo - como método e lugar de elaboração da Filosofia enquanto filosofar a partir das contingências que envolvem os discentes e a educação escolar no cotidiano – se coloca como interlocutora no espaço de sala de aula e, às vezes, sai de cena para observar e ouvir. Como diz Cornelli (2010) “A busca pela plurivocidade obriga o professor de Filosofia, imediatamente após ter preparado o palco, a desenhar uma estratégia de fuga para sua margem, marcando as formas de sua ausência, ainda que não real e sim dramática e didática”; ao se referir ao modelo de professor e ensino de Filosofia posto pelos diálogos platônicos.

Trata-se de uma pesquisa-ação, e por isso implica em uma intervenção para além da dimensão pedagógica, numa intervenção filosófica a respeito da Filosofia e de seu ensino, e por consequência numa intervenção social. Assim, a pesquisa-ação, impossibilita uma quantificação, ainda que dados quantitativos possam ser utilizados como elementos de referência para avaliação de resultados qualitativos que se espera de uma intervenção, concordando com Deslandes; Fialho (2010).

Chamamos de projeto de intervenção a um conjunto de ações e pessoas motivadas para o alcance de um objetivo comum, a partir de uma justificativa plausível, por meio de estratégias previstas, num tempo determinado (início, meio e fim), com recursos limitados e sob constante supervisão. Todo projeto de intervenção se configura ainda com uma proposta de **mudança social**, que pode se concretizar de diferentes modos, por exemplo, na melhoria dos resultados escolares, na redução da evasão, diminuição dos índices de violência ou na eliminação da discriminação na escola, no aprimoramento dos métodos e recursos pedagógicos, dentre outros resultados esperados (p.23).

Ou seja, pode-se constatar a importância da pesquisa-ação como espaço para a problematização em um amplo espectro de temáticas no âmbito do ensino de Filosofia no ensino médio e, para além, a contribuição no aprimoramento do fazer pedagógico e da aprendizagem, já que ela surge das necessidades impostas pelo próprio ato do ensinar neste componente, no cotidiano da sala de aula.

A pesquisa-ação como modelo de intervenção realizada no ambiente escolar pode contribuir significativamente para a transformação da realidade vivenciada

proporcionando, a partir de uma interação entre os sujeitos envolvidos na busca de soluções para o problema posto em questão, a resignificação de representações sociais e de relações interpessoais no tempo e espaço da escola e para além dele.

Portanto, a pesquisa envolve aspectos subjetivos que impactam em motivações explícitas ou não, no contexto do processo de ensino-aprendizagem e nas relações dos sujeitos com os outros e com a Filosofia. Dessa forma, foi utilizada para se buscar percepções e entendimentos sobre a Filosofia e seu ensino, a opinião dos discentes colocando-se em evidência o diálogo como espaço para o exercício da dialética em busca da crítica destas opiniões pelo próprio discente à moda da maiêutica socrática.

E assim, partindo-se de um estudo diagnóstico da opinião dos discentes e das condições observadas na efetivação do ensino de Filosofia no ensino médio de escolas públicas da rede estadual do Piauí, efetivou-se no entremeio de uma intervenção pedagógica a intervenção filosófica que problematiza o ensino e a transmissão filosófica de conteúdos de Filosofia.

## **4.2 Campo de pesquisa**

A presente proposta de pesquisa e intervenção filosófica desenvolveu-se com discentes do terceiro ano do ensino médio, tendo como campo de pesquisa a Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS). Esta, é uma escola pública da Rede estadual de Educação do Piauí. Está situada no bairro Poty Velho, em Teresina – o bairro mais antigo, local onde nasceu a cidade; hoje, um bairro de periferia.

É simbólico, e vale destacar, que a escola fora instituída com o nome Escola Pública Mista de 2º Grau, no início do século XX (1910) como parte no processo de reforma da educação pública, que se inseria no modelo iluminista (como gratuita e laica) ideal defendido pelos Livres Pensadores. Tendo sido oficializada, somente em 1913, quando se formou a primeira turma de professoras na Escola Normal Oficial, hoje IEAF (Instituto de Educação Antonino Freire) e a professora normalista Luiza Pinheiro assumiu os trabalhos. Foi somente em 1935, quando fora inaugurado o prédio central (ANEXO 1), que a escola recebeu o nome da professora Firmina Sobreira, ícone incontestado da estruturação do sistema de educação pública do Piauí.

É importante, também, salientar que desde sua origem, esta escola esteve voltada para o atendimento de crianças e jovens das classes populares; como tem

sido na atualidade. Outrossim, em geral, atende a um público com baixo poder aquisitivo, e que não vê muitas perspectivas acadêmicas para além da conclusão do ensino médio, considerando a desinformação dos mesmos em relação a direitos sociais e a necessidade de dedicar-se ao mercado de trabalho imediato como forma de assegurar a própria subsistência e de familiares, frequentemente observadas.

Em levantamento feito, no âmbito de um TCC no ano de 2016, observou-se que cerca de 60% a 70% dos discentes moram longe da escola e tem dificuldade de acesso por questão de recursos financeiros e/ou por falta de transporte público suficiente e adequado para suprir a demanda; o que causa atrasos constantes, perdas de aulas e até evasão.

O ensino de Filosofia, só passou a fazer parte do currículo desta escola, no ano 2000, quando o Ensino Médio fora instituído no turno da noite; e em 2004 passando aos turnos manhã e tarde. No ano de 2018, são 4 turmas de 1ºano, 4 de 2º ano e 3 de 3º ano; com uma hora/aula por semana, em cada turma. Sendo os terceiros alvo dessa pesquisa e intervenção iniciada (de forma diagnóstica) em 2017, quando a maior parte dos informantes, compunham as turmas de segundo ano. Vale registrar também, que a observação in loco já os acompanha desde o ano letivo 2016, quando cerca de 99% dos informantes (discentes) cursavam o 1º ano, inclusive contribuindo significativamente para a colocação do problema e elaboração do projeto de pesquisa desenvolvido neste estudo.

As intervenções ocorreram no ambiente da sala de aula, tendo como ponto de culminância das atividades a realização do I Fórum de Filosofia da UEFS, previsto para 01 de dezembro de 2018, mas remarcado para 19 de janeiro de 2019, devido à greve dos professores da rede estadual do Piauí que alterou o calendário e o cronograma de eventos da escola. Neste contexto, o I Fórum Filosófico da UEFS integrou o elenco de eventos da escola no ano letivo 2018; ocasião em os informantes apresentaram trabalhos produzidos no âmbito das intervenções e que a participação fora ampliada a outros membros da comunidade escolar.

O critério para escolha deste campo de pesquisa se deve ao fato da pesquisadora fazer parte do quadro de docentes efetivos dessa unidade escolar, já há 18 anos e da problemática ter sido observada nesse intercurso, como também a presença da disciplina de Filosofia na grade curricular do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio nos dois turnos. Dito à moda platônica, o maravilhamento diante da rotina conhecida no trabalho com o ensino de filosofia,

despertou para o que o ensino de filosofia não é e lançou as questões para as possibilidades do que é.

### **4.3 Os sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa inicialmente eram 96 discentes jovens na faixa etária entre 16 e 20 anos, que inicialmente integrariam as três turmas de terceiro ano da Unidade Escolar Firmina Sobreira no ano letivo 2018. Considerou-se também, o fato de os discentes que no ano letivo 2018 compõem essas turmas, advêm das turmas de primeiro ano em 2016 e de segundo ano em 2017; tendo sido a pesquisadora, a docente que os acompanhou nessas séries e momentos anteriores, o que favoreceu sobremaneira o desenvolvimento da pesquisa tendo em vista que no primeiro ano (ainda que de forma indireta) a experiência em sala com os referidos discentes (informantes) fez-se útil como referencial ( e diagnóstico) para a colocação do problema de pesquisa, para a coleta e para a análise de dados durante todo o processo.

No entanto, após análise das complexidades em lidar com número excessivo de participantes, o foco de observação centrou-se em uma das turmas – o 3C tarde (23 discentes), mas foram acompanhados 2 discentes (3A) e 2 discentes (3B) que demonstraram resistência à disciplina em anos anteriores. O foco nestes 27 participantes se definiu, sobretudo, no segundo semestre do ano letivo 2018. Sem desconsiderar observação estratégica e comparativa desta com as outras turmas, inclusive durante a preparação e a culminância do Fórum filosófico.

Durante o 2º ano (2017) as turmas formadas com os mesmos discentes do 1ºano (2016) forneceram material diagnóstico importante para orientar a intervenção assim como para o comparativo nos momentos de avaliação e produção de dados. Entende-se, desse modo, que no terceiro ano os discentes encontravam-se mais maduros e a familiaridade entre si e com a pesquisadora (docente) favoreceu a liberdade para a emissão de suas opiniões acerca das temáticas diversas abordadas no âmbito nos conteúdos trabalhados e, principalmente, a emissão de suas opiniões quanto a filosofia e de seu ensino, foco da intervenção, no transcurso da pesquisa.

Já integrava a prática da pesquisadora (enquanto docente) ao final de cada ano letivo propor atividade avaliativa, onde buscava-se as opiniões dos discentes em relação à Filosofia como componente curricular, ao tempo que eram solicitadas

sugestões para melhorar o contexto das aulas; momento em que torna-se evidente que a grande maioria dos discentes ao chegar na sala de aula, no 1º ano, estranharam a disciplina, e se dividiam normalmente em dois grupos, com raras exceções.

Um primeiro grupo incluía “os que não estavam nem aí” (só queriam saber se a disciplina reprovava, já que ela estava jogada, de antemão, no “saco” daquelas coisas sem identidade nem importância); um segundo grupo incluía os que se incomodavam com a disciplina por acharem que: é coisa de ateu (“ataca Deus”), serve para doutrinar (“é coisa de comunista”), é difícil demais (“coisa de gênio”), é perda de tempo (“não serve pra nada”), entre outros. E um terceiro grupo ainda, compunha-se de discentes que não sabiam direito do que se tratava na disciplina, mas que não viam nada em especial nela em comparação com as outras.

Os discentes convidados a participar da execução do projeto de intervenção foram esclarecidos sobre a presente pesquisa e os objetivos a serem alcançados ao final do projeto de intervenção, tiveram a liberdade de opinar sobre temas e ações através da avaliação diagnóstica e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que continha as informações sobre o teor, a natureza e o objetivo da referida pesquisa, tendo os participantes convidados manifestado o livre consentimento em participar (em muitos casos acompanhado com a assinatura de um responsável); em alguns casos autorizando o uso de voz, vídeos e fotos caso a pesquisadora tenha a necessidade de utilizar para fins de divulgação da pesquisa (ANEXO 7).

#### **4.4 Dos Procedimentos Metodológicos**

Os procedimentos metodológicos estão referenciados em estudo qualitativo desenvolvido por meio de um projeto de intervenção que teve como ponto de partida um problema filosófico, que se colocou ante à prática docente da pesquisadora, referente às representações de Filosofia implícitas ou explícitas nas opiniões emitidas pelos discentes e a possível relação com a atitude desses discentes diante do componente curricular Filosofia, impactando no interesse e dedicação às atividades escolares e nos resultados do fazer pedagógico; isto é, a recusa do discente em ouvir sobre a Filosofia apresentou e colocou o problema da transmissão filosófica dos conteúdos, que implica na crítica interna desses conteúdos e nos

métodos para sua transmissão. O diálogo platônico se apresenta como um modelo de procedimento metodológico que permite colocar o problema antes do problema: a escuta. Faz-se necessário, em busca de fazer o discente escutar a filosofia, ouvi-lo; e o modo mais propício para ouvi-lo e fazer a Filosofia ser ouvida por ele é filosofar por meio do diálogo.

Tendo em consideração, que um projeto de intervenção visa promover mudanças de atitudes e comportamentos a partir da problematização e reflexão, como Deslandes e Fialho sugerem, o processo de mudança é imprescindível em uma ação de intervenção:

Portanto, quando se vai aplicar um projeto de intervenção, é fundamental estar convicto da necessidade de mudança, motivado pela relevância do tema, entusiasmado pelas ações propostas e cheio de paixão pelo desafio de levar a termo o projeto de intervenção que se pretende empreender. [...] (DESLANDES; FIALHO, 2010, p.24).

Assim a metodologia empregada neste trabalho, se caracteriza por envolver os participantes (discentes) no projeto: desde a colocação do problema de pesquisa e o processo de elaboração até a realização e conclusão. Enquanto pesquisa-ação, propõe-se a análise e resolução do problema de forma coletiva. Espera-se obter mudanças de comportamentos e atitudes em relação à escuta e participação dos jovens no estudo de Filosofia, como consequência da compreensão de que a Filosofia é práxis e como tal está imbricada no processo dialético do fazer humano e ser humano; é pensar e crítica do pensar; é transcendência e imanência da vida cotidiana; é diálogo.

Quanto à sistemática de trabalho, foi iniciada pela pesquisa bibliográfica, fase marcada pelo referencial teórico entendido como o saber já produzido e refletido sobre a temática abordada: a opinião, a Filosofia e o ensino de Filosofia que representa a discussão conceitual, e as categorias teóricas pertinentes e os autores escolhidos.

A segunda fase consta da intervenção propriamente, iniciada pela avaliação diagnóstica; planejamento pedagógico com a definição modelo platônico de diálogo como método para transformar a sala de aula numa oficina do filosofar. A sala de aula como lugar de problematização, reflexão e crítica das opiniões, com uso de recursos metodológicos e pedagógicos diversos: questionamentos orais, leituras, exibição de filmes e slides, conversas, elaborações de textos, indicações de fontes

para pesquisa, lanches filosóficos, participação em eventos da escola, entre outros. Implementação de um projeto filosófico-pedagógico que se define desde a escolha do livro didático dentro da proposta de intervenção até a realização do Fórum Filosófico.

#### 4.4.1 Questões da Investigação

Os procedimentos iniciais para efetuar a coleta de dados foi uma pesquisa diagnóstica realizada no espaço de sala de aula como ponto de partida para a investigação e para a intervenção filosófica executadas. A avaliação diagnóstica se deu por meio da observação in loco nas turmas de segundo ano (durante as aulas) em 2017, através de questionamentos orais em conversas ocasionais e produção de texto pelos discentes ao final daquele ano letivo.

Foi proposto, aos discentes, que respondessem de forma livre à seguinte questão: qual sua opinião a respeito da Filosofia; seja como conteúdo (matéria de estudo), seja como componente curricular (disciplina) do ensino médio? A avaliação diagnóstica funciona como um mecanismo dinâmico para se chegar à compreensão das mudanças esperadas. Tendo como espelho, em observação participante, o que afirma Gelamo (2009, p.25):

Ante o desprezo pela disciplina de Filosofia, que podia ser notado na maioria dos alunos, as ementas que materializavam as propostas dos cursos permaneciam intocadas e tecnicamente distantes dos objetivos almejados. Desse modo, o ponto de apoio para resolução da questão anterior, além de não solucioná-la, criou outra: como propor uma discussão que fosse filosófica e mais próxima dos interesses dos alunos e dos próprios cursos nos quais os alunos estavam sendo formados se a ementa da disciplina não possibilitava realizar tal intento?

Portanto, a avaliação diagnóstica se baseia no conhecimento sobre o discente e no conhecimento do discente; em suas experiências e opiniões pessoais, buscando-se por um lado, detectar suas representações, necessidades e dificuldades, e por outro permitir desenvolver suas capacidades. Entende-se que há um risco imbricado no processo, quando se está lidando com humanos e que pode implicar na avaliação, pois envolve subjetividades, e por isso a ênfase qualitativa. Trata-se para além de coletar dados, o produzir dados; o que torna esse modelo de avaliação necessária e facilitadora após esse processo, para a análise e avaliação de qualidade da ação executada.

Nesse sentido, optamos na pesquisa diagnóstica assim como em todo o processo da pesquisa-intervenção, como instrumento, a observação participante: como docente acompanhando e integrando o processo pedagógico no componente curricular Filosofia.

Na ocasião do diagnóstico, foi esclarecida a intenção da atividade e sua importância no contexto da pesquisa em curso, assim como na avaliação da intervenção em processo de execução. Procedeu-se aí uma conversa com o intuito de sensibilizar os discentes (participantes e informantes da pesquisa) para a problemática em estudo e a importância da intervenção para a modificação da realidade observada.

A avaliação diagnóstica acompanhou o planejamento das ações. No primeiro momento, iniciamos promovendo uma sensibilização dos discentes acerca da problemática e a importância do estudo e da intervenção, acompanhada da observação in loco, e em seguida a aplicação de uma pesquisa diagnóstica envolvendo a elaboração de um texto pelos discentes participantes, que possibilitou uma livre resposta do entrevistado, e onde a coleta das informações tinha como objetivo fazer o levantamento de: representações sobre a Filosofia, explícitas ou implícitas nas opiniões dos discentes.

No segundo momento foi feita a elaboração de um planejamento das aulas que propiciasse a expressão das opiniões acerca de temáticas diversas abordadas a partir de questões problemáticas de suas experiências no mundo ou dos conteúdos colocados para estudo. A escolha da proposta de intervenção assim como a busca e produção de dados, se coloca em intercâmbio com a proposta de um método de ensino a se realizar no tempo e espaço de sala de aula regular, pois visa também contribuir no processo cotidiano de ensino-aprendizagem no componente curricular Filosofia, adequando-se às necessidades e contingências típicas desse nível de ensino (médio) no âmbito da escola pública.

#### 4.4.2 Procedimentos de coleta, organização e análise de dados

A coleta de dados tentou fazer uso de instrumentais variados em momentos diversos, pois a mesma percorre todo o processo de pesquisa bibliográfica e de intervenção do diagnóstico até a culminância no Fórum Filosófico. Entre os instrumentais: leitura, observação in loco durante as aulas ministradas; aplicação de

questionários com proposta de questões subjetivas, elaboração de textos dissertativos, conversas ocasionais e entrevistas semiestruturadas, entre outros. Além do registro de frequência dos discentes e dos conteúdos trabalhados no diário de classe como é o processo usual.

Enquanto se fazia a observação, por meio de anotações durante ou após a aula/intervenção de situações significativas que iam sendo observadas ou vivenciadas, por vezes optou-se pelo registro dos eventos ocorridos com gravação de voz utilizando o recurso tecnológico do celular, e em situações mais específicas da intervenção como na realização do Fórum Filosófico foram utilizados recursos de fotografia e vídeo para coleta e organização de dados.

Deve-se ter mente, que a pesquisa implementada por meio de uma intervenção pedagógica e filosófica, conflui para uma pesquisa de cunho social, que implica no estudo de representações sociais, neste caso no que tange a Filosofia e na pretensão de uma modificação nessas representações. Desse modo, mais que uma coleta contínua de dados procedeu-se a elaboração de dados como contribuição intelectual da pesquisa e como contribuição social da intervenção nas três perspectivas em que se realizou: filosófica, pedagógica e social.

Sendo assim, a análise dos dados, tendo em vista tratar-se de uma pesquisa-ação, foi orientada por meio de procedimento de comparação qualitativa, ainda que a dimensão quantitativa tenha sido considerada, eventualmente, no processo. Importou não tanto a quantidade de discentes que demonstraram mudanças em suas opiniões a respeito da Filosofia, mas, naqueles em se observou mudança de atitude no contexto da sala de aula, ou em seus depoimentos e elaborações sobre a Filosofia e seu lugar no currículo do ensino médio, intentou-se entrever a qualidade dessa mudança no sentido de capacidade de justificação teórica e lógica da opinião que apresenta quanto a Filosofia.

## **5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO PROJETO DA INTERVENÇÃO.**

### **5.1 O contexto da intervenção**

O projeto de intervenção filosófica (APÊNDICE A), momento da prática na escola, teve início com atividades de sensibilização e diagnóstico. Esta etapa foi desenvolvida durante o ano de 2017. Em 2018, procedeu-se a execução das atividades planejadas. Teve início com a Semana Pedagógica destinada ao corpo docente e coordenação pedagógica. As demais atividades se desenvolveram a partir dos planos de cursos das turmas de 3ºano do ensino médio (3A, 3B e 3C).

A presente proposta teve como finalidade intervir favorecendo a aprendizagem e o rendimento escolar no componente curricular Filosofia. Buscou-se como consequência, contribuir para uma mudança significativa na percepção dos discentes sobre a filosofia. Compreende-se que, para além de uma pesquisa teórico-experimental, era preciso enfatizar a importância social e pedagógica no esforço de mobilização e inclusão.

É importante ressaltar a posição profissional da pesquisadora, que motivada por uma situação atípica na gestão da escola, assumiu o cargo de diretora em meados de 2018. Nestas circunstâncias, teve que se afastar do trabalho de sala aula, assumindo em virtude da pesquisa de intervenção sua permanência como docente em pelo menos uma turma (3C tarde). Na ocasião foi feita a opção por manter um trabalho colaborativo com a professora de filosofia que assumiu as turmas: 3A e 3B.

Nesse sentido, a pesquisadora concentrou-se na turma 3C, inclusive retomando o trabalho efetivo de sala de aula nessa turma. A escolha do terceiro ano C, considerou alguns critérios favoráveis: era a única turma do turno, havia uma menor quantidade de alunos, o turno mais tranquilo com menos movimento de técnicos ou outros visitantes. Esses elementos possibilitaram à pesquisadora permanecer como professora nessa sala e concluir a execução da pesquisa e intervenção.

No entanto, é preciso considerar também, que nesse período letivo houveram dois momentos de greve de professores e funcionários: o primeiro entre 26/02/2018 e 12/03/2018, de modo que, o ano letivo foi reiniciado em 13/03/2018 quando a intervenção foi posta em movimento com a rememoração e sensibilização para a

importância do projeto e a apresentação e acolhimento no projeto de alguns alunos novatos que não tinham informações sobre do projeto, nem haviam assinado os termos de esclarecimento e consentimento.

O outro período de greve compreende as datas, 08/06/2018 a 24/08/2018. Para solucionar este impasse da realização do trabalho em sala de aula, foi possível seguir com o trabalho por meio dos grupos de WhatsApp que incluía quase a totalidade dos discentes. Portanto, o contato com as turmas permaneceu virtualmente dando possibilidade de desenvolver o diálogo e o encaminhamento de atividades escritas e de leituras nas quais eram consideradas as opiniões dos discentes e apresentadas questionamentos e perspectivas teóricas sobre o tema em discussão.

## **5.2 Os passos da intervenção**

A intervenção se desenvolveu em três passos: o planejamento com a inserção no plano de curso, respeitando a matriz curricular de conteúdo e a inclusão do I Fórum Filosófico no calendário escolar como um evento da escola e data de realização; o processo durante as aulas, no horário semanal destinado à disciplina, e a implementação de atividades com estudo de textos produção escrita de cunho avaliativo; e a culminância com a organização e realização do I Fórum Filosófico da UEFS.

### **5.2.1 O plano de curso – planejamento**

O planejamento pedagógico da disciplina Filosofia, referente ao ano letivo 2018, contemplou às turmas de terceiro ano da UEFS, tendo em vista a pesquisa-intervenção filosófica proposta. Procedeu-se a seleção e organização do material de trabalho escolhidos a partir de textos platônicos e da aplicação do diálogo como método de ensino. A organização do material considerou os conteúdos e objetivos postos pela matriz curricular, dentro da carga horária estabelecida e respeitando as normativas acerca das formas de avaliação. Esta organização está no Plano de Curso entregue à coordenação pedagógica durante a semana pedagógica em fevereiro de 2018 (APÊNDICE C).

### 5.2.2 A sala de aula – o processo

A intervenção em sala de aula, ocorreu em três momentos. Iniciou ainda em 2017, com dito antes, nas turmas de 2º ano, pela etapa de sensibilização das turmas para a importância do estudo em construção e a relevância da intervenção. Também, foi feito todo o esclarecimento sobre a pesquisa e a participação dos discentes, inclusive com a leitura e encaminhamento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos e sobre a autorização para uso de imagem. E foi aplicada a avaliação diagnóstica inicial, tanto de forma oral por meio da conversação e da escuta da fala dos discentes, quanto a avaliação escrita tendo como questão: a opinião dos discentes sobre a filosofia como conteúdo (campo de conhecimento específico) e como componente curricular. Após esse momento houve um afastamento, de dezembro de 2017 a fevereiro de 2018, por conta do período de férias.

Em 2018, o processo de sala de aula transcorreu em dois momentos, de 21 de fevereiro a 04 de junho, havendo duas semanas sem aula em decorrência da primeira greve. Após 04 de junho, efetivou-se o afastamento de sala de aula, ocasião em que outra professora de filosofia assumiu estas turmas e, em seguida foi iniciado a segunda greve dos professores. Até aí, a pesquisa-intervenção envolveu as três turmas (A, B e C).

Nas primeiras aulas, fevereiro e março, tendo em vista a perspectiva de revisão de conteúdos de séries anteriores e a confluência com o conteúdo previsto na matriz curricular posta pela SEDUC/PI, o trabalho de sala se articulou em torno da temática ‘a filosofia e a opinião – e a busca pelo conceito’, quando se colocou a pergunta ‘o que é filosofia’ e simultaneamente, as perguntas ‘o que é opinião, ‘reflexão’, ‘pensamento’, ‘conhecimento’ e ‘conceito’.

Atrelada à questão do que é filosofia, se buscou analisar os motivos e o impacto da reforma do ensino médio, discutindo-se a temática da exclusão da filosofia como componente curricular, sua importância para o ensino médio e as razões pelas quais sua presença incomoda tanto. Em torno dessas questões o diálogo se instalou em torno da questão da desigualdade social e o direito à educação e o acesso à formação universitária, abrindo em seguida o leque das temáticas: a reforma do ensino médio e os itinerários formativos, justiça, direitos, movimentos sociais, feminismo, a questão de gênero e a violência contra mulher e

LGBTs, maioria penal, entre outros. Mas os rumos foram se diferenciando entre as turmas.

Na turma do 3A, por exemplo, discussão sobre a questão de gênero se encaminhou para o debate sobre a violência contra a mulher e a situação de estupro, onde se elencou o ocorrido em Castelo do Piauí, o estupro coletivo praticado por adolescentes contra adolescentes. Numa aula se pôs em discussão as concepções de justiça, feminismo, gênero, direitos, entre outros. As opiniões foram diversas, inclusive, com reações acaloradas. E culminou em um depoimento de aluna que sofrera abuso na infância, que silenciou a turma, quando em uma das opiniões emitidas por alguns alunos de que “às vezes a mulher se coloca em situação de risco, se veste de forma indevida”; a reação foi imediata, e nas aulas seguintes, a pesquisadora apresentou para discussão referências teórico-filosóficas para fundamentar as reflexões em curso.

Na turma 3 B, a questão de gênero e justiça se concentrou mais no tema das desigualdades no campo do trabalho e direitos políticos, surgiu inclusive o exemplo do impeachment da Dilma, considerado por alguns, como consequência do machismo e do preconceito. Na turma 3C, a questão da justiça envolveu a discussão sobre o significado do ‘ser’; isto decorre do fato que o livro texto aborda a temática relacionada a Platão e a filosofia.

Uma participante (MCC-3C – ANEXO 5) declarava-se incomodada com este conceito complexo, pois fica a pergunta pelo o que são as coisas. A mesma, quando estava no 2º ano, ao responder sobre a Filosofia na pesquisa diagnóstica, declarou: “eu gosto de filosofia como conteúdo, mas quando chega em disciplina escolar dá um nó na cabeça”. Esta tornou-se uma das discentes mais participantes durante as aulas. Afirmava até sentir-se estranha e às vezes via o mundo de modo estranho, que não sabia se era “louca ou só burra” desde o primeiro ano ela esperava uma resposta e só conseguia ficar com a cabeça cheia de pergunta. Esses foram somente alguns dos momentos exemplares, ocorridos no primeiro semestre de 2018.

O segundo momento da intervenção, envolveu somente a turma do 3C (ANEXO 3). Este foi iniciado em 19 de novembro de 2018 e concluído em 21 de janeiro de 2019. Situando-se nesse intervalo de tempo, as atividades tiveram sua culminância com a exposição de trabalhos e opiniões no I Fórum Filosófico da UEFS. Nesta turma, tendo em vista as temáticas platônicas e sua relação com a

proposta de conteúdo, foi trabalhada a questão: o que é o amor? Tendo como referência trecho do *Banquete*, o mito de Eros e Psique, e poema de Fernando Pessoa.

Nas primeiras aulas do segundo semestre, após a greve, fora retomada a temática da justiça em Platão e dessa vez relacionada à questão da greve dos professores, com a proposta de duas atividades escritas e avaliativas (individual) com os seguintes temas: 'Diante da situação de greve dos professores da rede estadual do Piauí, considerando as motivações dos docentes para a greve e os prejuízos para os discentes, expresse sua opinião sobre a greve; e 'Considerando a ideia de justiça em Platão e a relação da questão da justiça com direitos sociais e políticos, como o direito à greve e o direito à educação, em sua opinião, esta greve é justa?

Assim sendo, manteve-se a proposta de exercício do pensar a partir dos problemas cotidianos e das opiniões expressadas sobre questões vivenciadas pelos discentes, tendo como referencial o conteúdo filosófico (concepção de justiça em Platão) e sua transmissão filosófica através do diálogo entre os discentes e leitura do Diálogo platônico - trecho da *República* (ver APÊNDICE E). A atividade realizada por meio de pesquisa, debate e elaboração de texto, também tornou ocasião para o conhecimento sobre a Filosofia por meio do exercício do filosofar referenciado em Platão.

### 5.2.3 O Fórum Filosófico – a culminância

O I Fórum Filosófico da UEFS (APÊNDICE B), ocorreu no 19 de janeiro de 2019. Na ocasião foram apresentados trabalhos desenvolvidos pelos discentes dentro da temática: "A filosofia e o currículo do ensino médio: do senso comum ao senso crítico". A pesquisa e elaboração de texto, a ser apresentados no fórum, foram propostos ainda em setembro de 2018, por meio de visita à sala de aula e comunicação via WhatsApp, através dos grupos das respectivas turmas, tendo sido disponibilizadas cópias de textos das Orientações Curriculares para o Ensino Médio| sendo uma cópia por grupo, assim como indicação de textos e fontes de pesquisas diversas para a busca de fundamentação teórica e esclarecimento de dúvidas, especialmente sobre a Reforma do Ensino Médio.

A dinâmica proposta para o trabalho foi: a formação de grupos de pesquisa e discussão dentro das turmas, com a consolidação em um trabalho escrito, expressando suas opiniões dentro da temática, a partir do diálogo entre as opiniões dentro das equipes. Posteriormente, no fórum, cada equipe por meio de um ou mais membros apresentou o trabalho consolidado e opiniões para as outras equipes das três turmas, reunidas, ampliando o diálogo para um grupo maior, que envolveria todos os discentes dos terceiros anos, e o corpo docente da escola.

A decisão de realizar a culminância da intervenção por meio da realização de um Fórum Filosófico, resulta da íntima relação do fórum com uma razoável liberdade de expressão sobre um determinado tema, proporcionando ocasião para o diálogo exposição livre das mais variadas opiniões. Neste caso, a adição do adjetivo 'filosófico' aponta não apenas para uma linha temática, que se pretende, em conexão com a história e o conteúdo teórico desse campo de conhecimento denominado filosofia; mas aponta para um tipo específico de exercício do pensamento por meio da reflexão metódica e crítica das opiniões – o filosofar.

Atente-se para o detalhe que o diferencia da ideia de um fórum de filosofia, pois a ideia não era analisar ou julgar teorias filosóficas, ou apresentar biografias de filósofos. A ideia era promover um espaço de diálogo para o filosofar a partir do mundo sensível e das opiniões, que nos cercam cotidianamente como uma caverna onde as sombras nos protegem da vertigem assustadora que o maravilhamento induz, e nos penetram como sombras de nós mesmos.

A organização do Fórum incluiu todo o procedimento de praxe num evento desta natureza, desde a produção de informativo (APÊNDICE D) com a divulgação da programação por meio de murais, produção de banner (ANEXO 2), entrega de pastas plásticas com caneta e bloco de papel durante o credenciamento do participante e confecção de certificado (ANEXO 4) referente à participação com carga horária de 10 horas. Listas de frequência no credenciamento e ao final.

Foram apresentados os seguintes trabalhos: O objetivo da filosofia em sala de aula; A filosofia na pós-modernidade; Ensino médio e filosofia nas presentes condições culturais e sociais do nosso país; O desafio de ensinar filosofia; A filosofia influencia sua base; A filosofia no ensino médio e seus objetivos; A importância do ensino de filosofia; O legado deixado pelos filósofos e como a filosofia tem sido visada pelos alunos do ensino médio; Filosofia no ensino médio – o que você pensa?; Contra a banalização da filosofia e a amostra de novo olhar. Textos

produzidos pelos discentes de forma coletiva e que serviram de ponto de partida para a discussão de opiniões no Fórum.

Foi registrada a presença de 70 discentes no evento, sendo que 18 foram a frente comunicar os trabalhos produzidos e expressar suas opiniões, sendo que após o lanche as opiniões apresentadas passaram a ser discutidas e criticadas, por meio de um diálogo que envolveu a grande maioria dos participantes. O uso do microfone sem fio percorreu as fileiras de cadeiras em semicírculo.

### **5.3 A análise e interpretação da intervenção**

A análise de dados foi referenciada num processo de comparação qualitativa, durante todo o processo da pesquisa de campo que, integrava o processo de intervenção em sala de aula e sua culminância no I Fórum Filosófico da UEFS. O objetivo da intervenção filosófica na aula de filosofia foi alcançado: propiciar ao educando ocasião e instrumental filosófico para o exercício da crítica às opiniões, e com isso, atingir uma mudança qualitativa nas representações sobre a filosofia. Neste caso, fazendo-se uso dos diálogos e do modelo dialético platônicos como instrumental e metodologia.

Ainda durante o processo de intervenção notou-se a eficácia do método socrático-platônico em despertar o maravilhamento no discente em relação às próprias opiniões, mesmo quando não se concretizou externamente uma mudança de opinião no que diz respeito à mudança de grau de aproximação da ideia de filosofia. Esse modelo forneceu subsídio teórico para a análise dos dados, mesmo quando o discente/participante se recusou ou resistiu ao exercício do pensar; pois como testemunham os diálogos platônicos, utilizados como referencial teórico-metodológico, nem todos os espíritos possuem aquela disposição natural para ser filósofo; ou seja, nem todos os ventres podem gerar filhos e há ventres que os expulsam antes de estarem maduros.

Não obstante, é possível concluir que o objetivo almejado foi alcançado. A intervenção filosófica ocorreu de fato, assim como foi possível observar que a intervenção filosófica, envolvendo o método socrático-platônico de ensino de filosofia, promoveu mudanças significativas nas disposições e atitudes dos discentes. Houve uma mudança no grau de aproximação da opinião ao conhecimento: percebe-se nos discursos a diferença entre a opinião inicial (do

diagnóstico) e a opinião final (do Fórum); seja na mudança de opinião, seja na forma como se justifica a opinião expressada.

Ainda que não se tenha concluído um conhecimento seguro sobre o que seja a Filosofia, o discente percebeu que Filosofia não era exatamente o que ele pensava, o discente demonstrou surpresa diante de aspectos envolvendo a filosofia e o ensino médio, que ele não tinha conhecimento embora fosse parte da sua rotina e importante para sua vida. E em muitos casos, para a surpresa da pesquisadora-docente, passaram a gostar da ideia de gostar da filosofia, houve uma queda brusca no nível de rejeição.

Um exemplo é um aluno (JP-3B – ANEXO 5) um dos alunos sobre o qual permaneceu a intervenção, que no primeiro ano tinha a opinião de que professor de filosofia é ateu. Chegou a questionar na sala, quase como uma crítica negativa, a ponto dessa docente (pesquisadora) concluir que ele fosse evangélico. O mesmo aluno no segundo ano, após apresentação do projeto de intervenção, antes da efetiva aplicação, já estava ponderando a questão embora tivesse muitas dúvidas. O que faz lembrar a fala de Sócrates sobre Teeteto e a presença do maravilhamento no espírito de um possível filósofo.

No segundo semestre de 2017, o mesmo, já estava lendo Schopenhauer, já demonstrando o maravilhamento diante da Filosofia, como atesta seu testemunho no diagnóstico: *“Gosto pelas discussões e debates em aula, em que, alunos apresentam e percebemos suas ideias diferentes sobre o conteúdo. Me interessei mais, por conta da professora, hoje estudo todos os dias, a filosofia, as ideias de pensadores incríveis, e hoje levo a filosofia como um modo de viver”* (ver ANEXO 5).

Também, ficou clara a mudança na representação de filosofia que compõe sua opinião, e a mudança no nível de ‘agudeza de espírito’ como nos lembra Platão em outro momento quanto ao porquê do exercício dialético-filosófico instigado pelo diálogo. E é patente como demonstrou enriquecimento de conteúdo e habilidade argumentativa tanto na elaboração do texto (ver ANEXO 6), como na colocação de ideias sobre o ensino de filosofia no I Fórum Filosófico. Esse discente fez 800 pontos na redação do ENEM 2018 (exame nacional do ensino médio) e passou para filosofia na UFPI, na chamada regular, e gosta de escrever ensaios.

Outros exemplos, menos incidentes, foram se avolumando, ainda que o impacto não tenha sido profundo em todos os casos, algumas falas do diagnóstico como exemplificam os trechos postos no ANEXO 5, demonstram que algumas vezes

o discente expressou medo ou insegurança diante da Filosofia ao chegar no 1º ano, mas ali no segundo ano (momento do diagnóstico) já não sentia o medo inicial mas assusta-se diante da ‘complexidade’ do conteúdo filosófico e da ‘chatice’ das aulas expositivas.

A despeito do diagnóstico negativo, muitos desses discentes ao se expressarem, no terceiro ano, durante os diálogos em sala ou no Fórum Filosófico, superaram em grande medida a perspectiva estereotipada de Filosofia e abriram espaço para conhecê-la. Aprofundaram conhecimentos de cunho filosófico em pesquisas bibliográficas e preocuparam-se em fundamentar teoricamente e logicamente suas opiniões.

Então, ainda que a eficácia alcançada na melhora da participação nas aulas e do rendimento, não nos permita concluir fatos sobre a totalidade dos participantes, e nem que todos tenham passado a gostar incondicionalmente de filosofia, ficou evidente que o conhecimento a respeito da Filosofia foi ampliado e aprofundado gerando um impacto significativo na percepção e recepção desta disciplina pelos discentes. Sem esquecer, que a intervenção foi afetada pelas condições e dificuldades dentro das circunstâncias cotidianas que envolvem a escola pública. Ou seja; é possível. É possível um ensino filosófico de Filosofia, que eleve o espírito do jovem discente por meio do exercício dialético, da opinião do senso comum para a opinião crítica da Filosofia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que agora se concretiza nesta dissertação, a despeito de sua finalidade como intervenção filosófica, como toda pesquisa-ação desemboca numa intervenção social. Nesse caso, realizando-se no espaço da educação escolar como proposta de um método de ensino, legitima-se como uma intervenção pedagógica. Por outro lado, o contexto em que se aplicam ambas as formas de intervenção, o ensino de Filosofia, coloca duas questões que se diferenciam enquanto se interpenetram: a Filosofia e o filosofar. Nestes termos, a intervenção é sobretudo filosófica.

A análise do projeto de intervenção filosófica desenvolvido durante a pesquisa, mostrou algo maravilhoso, bem ao estilo de uma pesquisa-intervenção filosófica inspirada na concepção de Filosofia, que se origina como maravilhamento, de Platão. Percebeu-se que a intervenção filosófica se instaurou desde a elaboração do projeto, tendo como ponto de partida a opinião que se tinha de um projeto de pesquisa filosófica aliado a uma intervenção no ensino de Filosofia a partir da sala de aula, apresentado no pré-projeto ainda no momento de seleção para o mestrado profissional nesta disciplina.

Naquele momento, a opinião que se tinha era de que haveria uma pesquisa filosófica de cunho bibliográfico, na qual seria investigada a categoria Opinião tendo como referencial a obra de Platão, e que serviria de fundamentação teórica para a consolidação de uma pesquisa sociológica sobre ‘a opinião dos discentes do ensino médio a respeito da Filosofia e o impacto dessas opinião na efetivação da filosofia como componente curricular nessa etapa de ensino’ aliada a uma intervenção pedagógica no ensino de Filosofia inspirada no modelo dialógico platônico. Observa-se que a opinião que se tinha apresentava três tarefas que transcorreriam concomitantemente.

Durante a apresentação do pré-projeto de pesquisa diante da banca de avaliação, houve a crítica por parte de um dos integrantes da banca que trouxe para a luz, ao modo da maiêutica socrática, o conhecimento de que se ignorava o que seria de fato a intervenção filosófica que se propunha, e como se realizaria uma pesquisa filosófica a partir de uma prática filosófica em sala de aula. A crítica incômoda que despertou o maravilhamento diante da própria proposta de pesquisa-intervenção foi que ‘a proposta de pesquisa-intervenção parecia se configurar mais

como uma pesquisa sociológica aliada a uma intervenção pedagógica, e que não se via o filosófico de fato, para além de uma referência teórica em Platão.

Diante disso, a reflexão filosófica se instalou em um processo dialético de busca pelo conhecimento do que seria uma prática filosófica no âmbito do ensino de Filosofia que se configuraria como uma intervenção filosófica no ensino de Filosofia. E como de praxe no modelo socrático-platônico, a pergunta sobre o que é uma Intervenção Filosófica se colocou como fundante numa possível compreensão do que seria a Filosofia e o que seria um ensino de Filosofia que se instauraria a partir de uma prática filosófica na sala de aula.

E assim após o início desse mestrado, no descortinar de cada nova disciplina um novo diálogo com colegas, professores e teóricos se configurava, dando corpo a um processo dialético de crítica e depuração das opiniões acerca do que seria a pesquisa-intervenção filosófica, diferenciando-a da pesquisa-intervenção social e pedagógica que a acompanhava. A intervenção filosófica, nesse sentido se configurou como uma proposta de prática filosófica de crítica das opiniões por meio de um processo dialético de depuração daquelas rumo ao conhecimento.

Tendo essa prática filosófica como referência uma concepção de Filosofia como prática, que originada no despertar do maravilhamento se desdobra num exercício do pensamento sobre a vida e sobre si mesmo. Partindo das opiniões emitidas livremente pelos discentes, em um ambiente de diálogo e escuta em que se buscou despertar o maravilhamento para que o próprio discente pudesse elaborar, por meio da contraposição de sua opinião com outras opiniões diferentes, uma opinião mais completa e mais próxima dos objetos, e nesse caso uma opinião mais elaborada sobre a Filosofia.

Essa prática filosófica apresentada a partir da intervenção filosófica em sala de aula, demonstrou ser possível um ensino de Filosofia para jovens do ensino médio que, enquanto exercício do filosofar a partir da vida, pode despertar o maravilhar-se que impulsiona a vivência da Filosofia da forma mais original, como é vivenciada pelo filósofo. No rastro dessa vivência torna-se possível a construção ou elaboração de um modo autônomo de pensar propício a um maior desenvolvimento intelectual e crítico; portanto uma formação escolar e cidadã mais próxima do que é proposto ou subentendido em políticas sociais e educacionais, por meio de seus programas e documentos oficiais.

Por outro lado, como não há uma imposição de uma ou outra perspectiva teórica, mas o direcionamento para o diálogo, há uma maior disposição para a escuta; tanto do docente em relação ao discente, quanto do discente em relação ao docente e aos seus colegas. O que, ao nosso ver favorece a superação ou reformulação de opiniões originadas no senso comum, por meio do conhecimento filosófico e do conhecimento da Filosofia ambos intrincados no filosofar exercitado a partir da sala de aula. E isso é uma maravilha.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ADAS, Sérgio. **Propostas de trabalho e ensino de filosofia**: especificidade das habilidades; eixos temático-históricos e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2012.

ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. 4. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BALDISSERA, Adelina. "Pesquisa-ação: uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo". **Revista Sociedade em Debate**. Pelotas, 7(2):5-25, Agosto/2001.

BENETTI, Cláudia Cisiane. **Filosofia e ensino**: singularidade e diferença: entre Lacan e Deleuze. (col. Filosofia e ensino) v. 10. Ijuí: Unijaí, 2006.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 04 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm) Acesso em 07 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei 11684/08**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm). Acesso em 30 de setembro de 2016.

\_\_\_\_\_. **LDBEN – Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 04 de março de 2013.

MEC. **Orientações Curriculares para o ensino médio** (vol. 3) – Ciências Humanas e suas tecnologias (sociologia e filosofia). Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Projeto de intervenção**. Disponível em: <http://moodle3.mec.gov.br/ufms/file.php/1/gestores/vivencial/pdf/projetointervencao.pdf>, acesso em 22/06/2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio**, Etapa II – Caderno I: Organização do Trabalho Pedagógico no Ensino Médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Erisvelton Silva Lima... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio**, Etapa II – Caderno II: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Alexandro Dantas Trindade... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia: ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CEPPAS, Filipe. Anotações sobre a história do ensino de filosofia no Brasil. IN: CORNELLI, Gabriele (coord); CARVALHO, Marcelo(coord); DANELON, Márcio(coord). **Filosofia: ensino médio** (col. Explorando o Ensino). v. 14. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da filosofia antiga: começar pelo diálogo**. IN: CORNELLI, Gabriele (coord); CARVALHO, Marcelo(coord); DANELON, Márcio(coord). **Filosofia – ensino médio** (col. Explorando o Ensino). v. 14. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

DANELON, Márcio. Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das Orientações Curriculares nacionais de filosofia para o Ensino Médio. IN: CORNELLI, Gabriele (coord); CARVALHO, Marcelo(coord); DANELON, Márcio(coord). **Filosofia – ensino médio** (col. Explorando o Ensino). v. 14. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** (col. Trans). ed. 2. Rio de Janeiro: editora 34, 1997.

DIAS, J. R. Barbosa. **O Ser no "Sofista" de Platão**. Kalagatos, revista de filosofia. Fortaleza. v.7 n. 14, 2010. p. 57.

ENGLER, M. Reus. **Tò thaumázein: a experiência de maravilhamento e o princípio da filosofia em Platão**.

FIALHO, Nira; DESLANDES, Kelia. **Diversidade no ambiente escolar: instrumentos para a criação de projetos de intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2010. (Série Cadernos da diversidade; 6)

GALLO, Silvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. São Paulo: editora Scipione, 2014.

\_\_\_\_\_. O macaco de Kafka e os sentidos de uma educação filosófica. IN: KOHAN, Walter O. (org). **Políticas do Ensino de Filosofia**. (col. Sócrates). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

GAMBOA, Silvio Sanches. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. Ed. 2. Chapecó: Argos, 2015.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino de filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SZLEZÁČ, Thomas A. **Ler Platão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. (Leituras filosóficas).

WHITE, David A. O ensino de filosofia para estudantes superdotados. IN: HENNING, Leoni Maria Padilha (org). **Pesquisa, ensino e extensão no campo filosófico-educacional**: debate contemporâneo sobre a educação filosófica. Londrina: EDUEL, 2010.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes/ Ed. Universidade de Brasília, 1986.

VALLE, Lilian do. O Eros de uma educação filosófica. IN: KOHAN, Walter O. (org). **Políticas do Ensino de Filosofia**. (col. Sócrates). Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter O. (org). **Filosofia** – caminhos para o seu ensino. (col. Sócrates). Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

KOHAN, Walter Omar. O ensino de filosofia e a questão da emancipação. IN: CORNELLI, Gabriele (coord); CARVALHO, Marcelo (coord); DANELON, Márcio(coord). **Filosofia**: ensino médio (col. Explorando o Ensino). v. 14. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

LE NOUVEL OBSERVATEUR. **Café Philo**: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MAAMARI, Adriana Mattar. **De volta à escola**: a filosofia retorna ao ensino médio como disciplina obrigatória. IN: Revista Discutindo Filosofia. Ano 1. N. 5. Escala Educacional.

MURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia**. IN: Educação e Filosofia, Uberlândia, vol.22, n.44, p. 79-99, jul/dez. 2008.

NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. **O ensino de filosofia**: entre a formação do filósofo e a prática do professor. IN: CARVALHO, Maria da Conceição Sousa de (org); CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira(org). **Por uma pedagogia do ensino de filosofia**. Teresina, EDUFPI, 2015.

ORTIZ, Renato (org.); FERNANDES, Florestan (coord.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994. (col. Grandes Cientistas Sociais).

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PIAUI. UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA. PPP – **Projeto político pedagógico**, 2016/2017.

PLATÃO. **A República**. 9.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

\_\_\_\_\_. **Diálogos O banquete – Fédon – Sofista – Político**. São Paulo: Abril Cultural – Victor Civita, 1972. (col. Os Pensadores – v.3).

\_\_\_\_\_. **Diálogos Teeteto- Crátilo**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. 3.ed.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão**: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática para o ensino médio. Campinas: Autores Associados, 2014. (col. Formação de professores).

SALVIA, André Luis La. Deleuze professor: uma aula sobre gritos, amar e nadar. IN: CARVALHO, Maria da Conceição Sousa de (org); CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira(org). **Por uma pedagogia do ensino de filosofia**. Teresina, EDUFPI, 2015.

SEDUC/PI – Secretaria Estadual de Educação e Cultura/Piauí. **Referenciais curriculares do ensino médio da rede estadual do Piauí**. Teresina: Governo do Estado do Piauí, 2007.

SEVERINO, A. J. **A busca do sentido da formação humana**: tarefa da Filosofia da Educação. Educ. Pesqui. vol.32 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2006

TORQUATO, William Michael dos Santos. **O que é um texto filosófico**: caracterização e condições. <http://filosofiaufal-cafil.blogspot.com/2015/03/o-que-e-um-texto-filosofico.html>. Acesso em 15 de março de 2019.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A – PROJETO DE INTERVENÇÃO

**UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA – UEFS**  
**COMPONENTE CURRICULAR FILOSOFIA**  
**PROFESSORA: Francisca Aláine pinheiro**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E FILOSÓFICA**

### APRESENTAÇÃO

O presente projeto de intervenção proposto, compõe parte importante de uma pesquisa em nível de mestrado, o PROF-FILOSOFIA/UFPI. A pesquisa intitulada: **A representação de Filosofia na opinião dos discentes do ensino médio: uma intervenção filosófica na Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS)/ Teresina – Piauí.**

O mesmo, intenta intervir pedagogicamente, no âmbito do ensino de filosofia em turmas de terceiro ano do ensino médio, ao tempo que considerando as peculiaridades da filosofia e de seu ensino, promova uma intervenção filosófica que, por meio do recurso metodológico do diálogo, possibilite a transmissão filosófica de conhecimentos,

Esse projeto ora apresentado, está fundamentado em avaliação diagnóstica implementada ao final do ano letivo 2017, quando os discentes participantes compunham as turmas de segundo ano, ocasião em que foi apresentado e explicado o pré-projeto de pesquisa/intervenção do mestrado e foram assinados os termos de consentimento pelos discentes e seus responsáveis (em caso de discentes menores).

### JUSTIFICATIVA

Diante da história recente da volta da filosofia ao currículo do Ensino Médio tornada obrigatória, nacionalmente, somente com Lei 11684/2008, a falta de profissionais formados na área e a falta de uma familiaridade das camadas populares (que frequentam a escola pública no Brasil) com os conteúdos e questionamentos filosóficos, contribuem significativamente para o insucesso cobrado (mas não devido) da presença da filosofia no currículo.

E assim, há uma construção e transmissão de uma representação negativa da filosofia e do seu ensino; o que obscurece a visão dos discentes e da sociedade para sua contribuição na formação escolar e cidadã dos jovens. Considerando que estas dificuldades comuns se somam à complexidade do conhecimento filosófico e do ensino de filosofia, uma vez que a filosofia é crítica desde sua gênese, na medida em que constitui a si mesma e ao seu ensino como problemas filosóficos, a sua efetivação e execução torna-se desafiante.

Espera-se da Filosofia, como foi apontado anteriormente, o desenvolvimento geral de competências comunicativas, o que implica um tipo de leitura, envolvendo capacidade de análise, interpretação, de reconstrução racional e de crítica, com isso, a possibilidade de tomar posição por sim ou não, de concordar ou não com os propósitos do texto é um pressuposto necessário e decisivo para o exercício da autonomia e, por conseguinte, da cidadania (MEC, 2006, p. 33-34).

No Piauí, a filosofia foi incorporada ao ensino médio, como componente curricular, a partir de 1997, ano em que concluí a Universidade Federal do Piauí. Desde então iniciei a carreira profissional, a princípio, como Professora Bolsista na Rede Estadual de Ensino; a partir de então tenho acompanhado e participado do processo de discussão e reflexão sobre a pertinência da filosofia nas escolas. Em minha vivência como docente são muitas as experiências conquistadas à custa de desafios superados e insucessos sofridos.

Desse modo, buscar-se-á com essa intervenção filosófica, ao tempo que examina-se o conceito de opinião em Platão, conciliar o método platônico (diálogo que parte das opiniões acerca de problemas e temas vivenciados pelos interlocutores) à proposta de “pensar sem pressupostos”, como propõe (GELAMO, 2009, p. 85) “uma mudança no modo problematizar que não esteja vinculada às imagens do pensamento, instauradas no movimento da elaboração das formas teóricas que se produziram e se sedimentaram durante séculos”.

Neste sentido, pretende-se propiciar aos discentes do ensino médio da UEFS, a partir dos temas propostos para a aula pelos mesmos, uma ampliação do repertório de saberes/opiniões que eles possuem - por meio da problematização e da articulação com conhecimentos relativos à filosofia. O objetivo desta estratégia é promover “experiência do pensar” para que, a partir da experiência filosófica – crítica, examinem e ou reformulem suas opiniões, principalmente, a respeito do

pensar, da filosofia e de sua importância como conhecimento e como componente curricular.

## **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Prestes a completar 20 anos de experiência, em sala de aula, como docente no componente curricular filosofia, não é raro o sentimento de frustração diante das dificuldades, no exercício da docência, por vezes, comuns aos colegas de outros componentes. Conforme resultados de pesquisas, sobretudo as desenvolvidas por BENETTI (2006) e VALLE (2004).

No entanto, em se tratando do componente curricular filosofia, mesmo se considerando a circunstância semelhante da sociologia, as dificuldades comuns ampliam seu impacto - turmas enormes com discentes que não parecem estar dispostos ao esforço intelectual; entre outros porquês burocráticos que entram, cotidianamente, o trabalho e a disposição física e afetiva dos docentes.

Em relação à filosofia, além da discriminação evidente perceptível nos discursos dos discentes, direta ou indiretamente; há o menosprezo do sistema educacional e da comunidade escolar em relação à filosofia como corpo teórico e como componente curricular - de modo que os efeitos danosos, desses discursos, se expressam na postura dos discentes em relação aos conteúdos e às atividades propostas no tempo de sala de aula.

Assim, pensar os problemas do ensino da Filosofia seria pensar os problemas a partir das relações que ocorrem na imanência da sala de aula. A partir do exposto, para pensar o ensino da Filosofia como uma ontologia do presente e como uma filosofia menor, precisamos nos impregnar dessa vontade de resistência capaz de produzir novos modos de problematização (GELAMO, 2009, p. 111).

Podemos ilustrar, para efeito de fundamentação dessas afirmativas, alguns exemplos. Há alguns anos, uma colega (com formação em Letras Português), lotada em turmas de filosofia na mesma escola em que eu trabalhava, fez o seguinte comentário sobre sua experiência com o ensino de filosofia: *“adoro trabalhar filosofia, a gente pega um texto sobre o amor, aí os meninos interpretam o texto e a gente debate o tema e eles colocam a sua opinião”*; ou seja, na prática, nenhum conteúdo ou referência direta ao corpo teórico e histórico da filosofia frente à

disseminação e/ou reforço (entre os discentes) da ideia de que filosofia é só emitir opiniões sobre temáticas referentes a conhecimentos abstratos em geral.

Desse modo, pode-se observar que alguns elementos contribuem para a reprodução de uma representação do senso comum acerca da filosofia na escola, quase sempre vista pelo lado negativo. Estes elementos podem ser atribuídos a: concepções ideológicas acerca do papel social da educação e do papel da filosofia na educação dos jovens (implícitas ou explícitas), a lotação de docentes não formados na área, assim como sua presença muito recente como componente curricular obrigatório, dentre outros.

Estas condições têm contribuído significativamente para formar e disseminar representações negativas, sobre a filosofia e sua importância entre os discentes, representações essas que compõem as opiniões dos discentes e impactam no trabalho dentro da sala de aula e na efetivação da filosofia como componente curricular do ensino médio na Rede Estadual do Piauí.

Assim sendo, buscar refletir e entender **como as opiniões sobre a filosofia, presentes no senso comum, impactam em sua efetivação como componente curricular do ensino médio, em escolas da rede estadual do Piauí, contexto em que se situa a UEFS**, leva à busca de formas para intervir filosoficamente, a partir dos problemas propostos e postos na sala de aula e do contexto crítico e conceitual da filosofia.

## **OBJETO**

A opinião do discente na efetivação da filosofia como componente curricular do ensino médio.

## **PÚBLICO ALVO**

Discentes das turmas de terceiro ano, em 2018.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Como referencial teórico, adotaremos como ponto de partida a perspectiva platônica acerca da **opinião** (doxa), aqui entendida em suas nuances (graus

possíveis) em relação à aproximação do que seria o conhecimento verdadeiro (episteme).

A opinião entendida como construção dos sujeitos a partir da percepção da realidade sensível (sensível entendido como vida vivenciada, sentida), impressões colhidas no cotidiano que compõem a base do pensar, inclusive do pensar filosófico.

Dito isto, utilizaremos, como referencial para a concepção de **filosofia e seu ensino**, assim como para definir recursos pedagógicos que propiciem uma intervenção filosófica, Gelamo (2009), onde sintetiza a elaboração de uma prática filosófica a partir dos problemas cotidianos da vida, e não de temas e conceitos já cristalizados;

“Nesse sentido, o problema dessa imagem dogmática está em não permitir que os próprios problemas sejam formulados, engendrados como uma atividade do pensamento, e também em não permitir que o ato de pensar se constitua na colocação de problemas que afetam o pensamento daquele que pensa.”. (GELAMO, 2009, p. 93).

Entendemos que essa perspectiva acerca da filosofia e de seu ensino, recupera, sem desconsiderar as diferenças entre os momentos históricos e as concepções de realidade, de certo modo, o modelo platônico de abordagem do ensino de filosofia a partir dos problemas/temas do cotidiano, das opiniões correntes a respeito e por meio do diálogo.

E ao se considerar que os sujeitos que opinam, opinam a partir de e sobre uma realidade na qual se inserem e que os constitui; e neste caso, a realidade se insere em um contexto moderno-capitalista, que imprime uma ideologia tecnocientificista. Também, serão consideradas, concepções diversas acerca da educação e sua relação com a filosofia e o currículo do ensino médio, a partir dos textos oficiais que expressam a legalidade e as perspectivas das políticas voltadas para a educação pública brasileira nos últimos 20 anos, principalmente no que concerne à filosofia – tendo, esse recorte, como marco inicial a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDBEN – nº 9394/96), e final a proposta em análise da Base Curricular Nacional (2016) e a Proposta de Medida Provisória nº 746 de 2016.

## **OBJETIVOS**

### **5.1 Geral**

- Intervir filosoficamente, a partir do contexto de sala de aula, nas representações acerca da filosofia e de sua importância como componente curricular do ensino médio, recorrentes e disseminados nas opiniões dos discentes, da Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS).

### **5.2 Específicos**

- Identificar ideias comuns, acerca da filosofia, mais recorrentes entre os discentes de ensino médio da rede estadual do Piauí.
- Analisar concepções de filosofia, como conteúdo e como componente curricular, presentes em documentos oficiais e políticas educacionais brasileiras, das últimas 2 (duas) décadas (entre 1996 e 2016); tendo como marco inicial a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96).
- Modificar planos e práticas de ensino, tendo vista a transmissão filosófica de conteúdos como perspectiva para a intervenção filosófica proposta.
- Implementar atividades pedagógicas que promovam a pesquisa e o debate, acerca da importância da filosofia no currículo do ensino médio, no âmbito da Comunidade Escolar da Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS).

## **AÇÕES PREVISTAS PARA A INTERVENÇÃO PRÁTICA**

6.1 Transformar o contexto das aulas, buscando aplicar o modelo dos “diálogos platônicos”; isto é: partindo de um tema-problema (relacionado ao conteúdo a ser trabalhado) como: O que é o Humano? O que é filosofia? O que é opinião? O que é justiça? O que é ideologia? O que é poder? - entre outros; e estabelecer um processo coletivo de análise e ampliação das opiniões diversas emitidas pelos discentes e, no momento propício, intervir com os conceitos filosóficos, situando-os na história da filosofia e na obra dos filósofos, inclusive com indicações de textos e outros meios de acesso à pesquisa e aprofundamento.

6.2 Desenvolver o Projeto do **Fórum Filosófico da UEFS** (Unidade Escolar Firmina Sobreira – Teresina/PI); com o intento de torná-lo um evento anual, sendo a primeira edição em 2018 com a temática **Filosofia e currículo do Ensino Médio**, tendo como objetivo promover a ampliação e o aprofundamento do conhecimento sobre a filosofia e o debate (fundamentado) sobre sua presença no currículo do ensino médio, a partir da comunidade escolar e para além dela.

6.3 Promover ao final da atividade uma avaliação tendo em vista os seguintes critérios: perceber se os alunos modificaram suas opiniões acerca da filosofia e de sua importância no âmbito do ensino médio, por meio de comparações entre depoimentos colhidos no primeiro semestre e os colhidos no final do segundo semestre (durante a intervenção- realização/avaliação do fórum).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa, do tipo pesquisa-ação, trata-se de um projeto de intervenção a ser realizado na Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS) sobre as representações acerca da filosofia e de sua importância como componente curricular do ensino médio, recorrentes e disseminados nas opiniões dos discentes.

Um projeto de intervenção filosófica desta natureza, vai além do que entende-se, frequentemente, como projeto de intervenção;

O Projeto-intervenção, como o próprio título alude, fundamenta-se nos pressupostos da pesquisa-ação. Tem como base a ideia de uma relação dialética entre pesquisa e ação, supondo ainda que a pesquisa deve ter como função a transformação da realidade. (...). Nesse tipo de pesquisa, a prática é compreendida como práxis. Tanto pesquisador como pesquisados estão diretamente envolvidos em uma perspectiva de mudança. (MEC – Projeto Vivencial/Projeto de Intervenção, acesso em 22/06/2017).

Pois, o mesmo, se insere no âmbito de um problema filosófico que se coloca a si mesmo e, a partir da experiência do pensamento sobre o ensino da Filosofia, problematiza a realidade presente vivenciada (de modo singular) em sala de aula e para além dela. Portanto, “tratar-se-á do que poderia chamar uma ontologia do presente, uma ontologia de nós mesmos” (GELAMO, 2009, p.105); sendo que, “a ontologia do presente parte de problemas precisos que remetem diretamente às instâncias de produção de realidade, ou seja, são perguntas que o filósofo faz a partir do e para o seu próprio tempo” (Idem, p.107). E, assim, possibilitar, “uma

experiência com a filosofia que fosse capaz de produzir uma fissura na relação significativa dominante e de permitir ao “aprendiz” a procura de uma ressignificação de sua relação com o mundo e com a própria filosofia” (Ibidem, p.117).

Com base nesta metodologia a pesquisa quer implementar nas atividades de sala de aula (durante o 1º semestre no ano letivo 2018), um projeto de intervenção envolvendo um conjunto de procedimentos tais como: questionamentos orais, leituras, debates e produção de textos considerando a temática **Filosofia e currículo do Ensino Médio e** tendo como público alvo os discentes das turmas de terceiro ano do ensino médio da UEFS, nas quais ministrou aulas de filosofia.

O referido projeto tem como meta a realização do **Fórum Filosófico da UEFS** (no 2º semestre do ano letivo 2018), tendo como público alvo toda a comunidade escolar e convidados, e como temática **a Filosofia e o currículo do Ensino Médio**. Com a participação direta dos discentes das turmas de terceiro ano do ensino médio desta instituição de ensino; seja na organização do evento, seja na apresentação de trabalhos oriundos de pesquisas e outras atividades por eles realizadas.

Como resultado desta intervenção pretende-se produzir como forma de registro, acompanhamento e análise das informações coletadas em entrevistas e apresentações de trabalhos de pesquisa dos alunos em sala de aula e no Fórum.

## **ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO**

- Acompanhamento, cotidiano, a partir do desenvolvimento dos diálogos/debates em sala de aula, das produções de textos e da participação no Fórum.
- Realizar avaliações/observações (por meio de entrevistas com registro em vídeos e/ou atividade escrita: uma no final de 2017 e outra em meados do ano letivo 2018, para averiguar possíveis mudanças na perspectiva de discentes da UEFS, acerca da filosofia e de sua importância como componente curricular do ensino médio.
- Utilização do registro vídeo-fotográfico e de anotações diversas, compondo ao final da implementação das ações, acima descritas, um portfólio.

## **RECURSOS**

Tipos:

- Humanos – voluntários da comunidade escolar;
- Materiais – computadores, multifuncional, câmeras digitais, celulares c/ câmera e gravador de voz, papel, canetas, lápis com borrachas, apontador para lápis, datashow, livros (diversos), revistas (diversas), internet, pendrives, mídias de dvd, aparelho de dvd, e outros.

Fontes: Recursos próprios, recursos disponibilizados pela escola e a comunidade escolar.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

AGOSTINI, Cristina de Souza. O amor em Platão: o sentimento que nos faz semelhante aos deuses. **Mente, cérebro e filosofia: fundamentos para a compreensão contemporânea da psique**. São Paulo, v. 1.

BENETTI, Cláudia Cisiane. **Filosofia e ensino – singularidade e diferença: entre Lacan e Deleuze**. (col. Filosofia e ensino) v. 10. Ijuí: Unijaí, 2006.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em 04 de março de 2013.

BRASIL. **Lei 11684/08**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm). Acesso em 30 de setembro de 2016.

BRASIL. **LDBEN – Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 04 de março de 2013.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia – ensinar e aprender**. São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CARVALHO, Maria da Conceição Sousa de (org); CABRAL, Carmem Lúcia de Oliveira(org). **Por uma pedagogia do ensino de filosofia**. Teresina, EDUFPI, 2015.

CORNELLI, Gabriele (coord); CARVALHO, Marcelo(coord); DANELON, Márcio(coord). **Filosofia – ensino médio** (col. Explorando o Ensino). v. 14. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010.

GALLO, Silvio. **Filosofia – experiência do pensamento**. São Paulo: editora Scipione, 2014.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. **O ensino de filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

JAEGER, Werner. **Paideia** – a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes/ Ed. Universidade de Brasília, 1986.

VALLE, Lilian do. O Eros de uma educação filosófica. IN: KOHAN, Walter O. (org). **Políticas do Ensino de Filosofia**. (col. Sócrates). Rio de Janeiro:DP&A,2004.

KOHAN, Walter O. (org). **Filosofia** – caminhos para o seu ensino. (col. Sócrates). Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MAAMARI, Adriana Mattar. **De volta à escola** – a filosofia retorna ao ensino médio como disciplina obrigatória. IN: Revista Discutindo Filosofia. Ano 1. N. 5. Escala Educacional.

MEC. **Orientações Curriculares para o ensino médio** (vol. 3) – Ciências Humanas e suas tecnologias (sociologia e filosofia). Brasília, 2006.

MEC. **Projeto de intervenção**. Disponível em:  
<http://moodle3.mec.gov.br/ufms/file.php/1/gestores/vivencial/pdf/projetointervencao.pdf>, acesso em 22/06/2017.

PLATÃO. **A República** – diálogos (col. Universidade – v.3). São Paulo: Ediouro, 1970.

**PLATÃO**. São Paulo: Abril Cultural – Victor Civita, 1972. (col. Os Pensadores).

SEDUC/PI – Secretaria Estadual de Educação e Cultura/Piauí. **Referenciais curriculares do ensino médio da rede estadual do Piauí**. Teresina: Governo do Estado do Piauí.

UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA. **PPP – Projeto político pedagógico, 2016/2017**.

## **APÊNDICE B – PROJETO FORUM FILOSÓFICO DA UEFS**

**UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA - UEFS**

**DISCIPLINA: FILOSOFIA**

**CARGA HORÁRIA – 40 horas**

**SÉRIE: 3º ANO (ENSINO MÉDIO) – 2018**

**PROJETO – FÓRUM FILOSÓFICO UEFS**

**PROFESSORA: FRANCISCA ALAÍNE PINHEIRO (RESPONSÁVEL)**

### **APRESENTAÇÃO**

O Fórum Filosófico da UEFS, constitui-se de um evento público a ser realizado durante o ano letivo, no tempo e espaço da escola, compondo-se da exposição de trabalhos envolvendo pesquisa, debate e reflexões, a partir de atividades realizadas em sala de aula nas turmas de 3º anos (3ºA/ 3ºB/ 3ºC) da Unidade Escolar Firmina Sobreira UEFS), durante o ano letivo 2018, no âmbito do Componente Curricular Filosofia. Desse modo, o Fórum Filosófico da UEFS, enquanto intervenção se coloca como um recurso metodológico para o ensino de filosofia, e neste caso está em conexão com o Plano de Curso desde componente curricular; tendo como realizadores e organizadores a professora titular/responsável e discentes das referidas turmas, podendo incluir a participação de voluntários docentes e discentes de outras turmas.

Outrossim, o Fórum Filosófico da UEFS representa a culminância de uma intervenção filosófica, e também pedagógica, envolvendo a especificidade do ensino de filosofia , que integra a pesquisa/intervenção filosófica, do trabalho de Mestrado Profissional em Filosofia / UFPI (A REPRESENTAÇÃO DE FILOSOFIA NA OPINIÃO DOS DISCENTES DO ENSINO MÉDIO: UMA INTERVENÇÃO FILOSÓFICA NA UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA (UEFS)/ TERESINA - PIAUÍ.), e que busca identificar e enriquecer as representações acerca da Filosofia presentes na opinião dos discentes; despertando e ampliando o interesse dos mesmos para o questionamento, a investigação e a crítica – portanto para o diálogo.

### **TEMÁTICA**

Filosofia e currículo do Ensino Médio.

## **JUSTIFICATIVA**

Diante da dificuldade para superar representações negativas acerca da filosofia e de seu lugar na escola, e o conseqüente impacto negativo no contexto da sala de aula e no rendimento acadêmico dos discentes, o Fórum Filosófico se apresenta como uma alternativa plausível de culminância: para a exposição de pesquisas e trabalhos diversos realizados pelos discentes durante o ano letivo; para ampliar o acesso da comunidade escolar à oportunidade de questionamentos e esclarecimentos acerca da filosofia; e para intervenção filosófica, por meio do diálogo e do debate entre opiniões diversas, acerca da importância da filosofia e do filosofar.

Acreditamos que um bom desempenho no componente curricular filosofia, fundado no desenvolvimento de habilidades relacionadas à pesquisa e ao diálogo, pode promover o interesse pelo estudo, o respeito pelas diferenças e a ampliação de capacidades cognitivas, afetivas e éticas, fundamentais para a educação humana integral e a constituição de uma sociedade mais justa.

## **OBJETIVOS**

Estimular a pesquisa, o debate e o diálogo, ao tempo que promove a aquisição de conhecimentos acerca da Filosofia e de sua importância para uma boa formação escolar e cidadã. E desse modo, melhorar o desempenho acadêmico dos discentes no âmbito do componente curricular filosofia.

## **AÇÕES**

- Apresentar o Projeto à comunidade escolar, durante a semana pedagógica, incluindo sua realização no Calendário Escolar;
- Integrar o Projeto do Fórum ao Plano de Curso do componente curricular filosofia, articulando conteúdos e atividades diversas, inclusive de cunho avaliativo (qualitativo e quantitativo);
- Apresentar o projeto aos discentes e sensibilizar para a participação e colaboração durante todo o processo;
- Buscar recursos junto à escola e patrocinadores (quando necessário);

- Definir junto aos discentes, temas ou questões de pesquisa a ser desenvolvidos de forma individual ou grupal (definindo o roteiro de trabalhos a serem apresentados no Fórum;
- Definir equipes(voluntários) para organizar a realização dos Fóruns.
- Promover a partir da sala de aula, a pesquisa e o diálogo acerca de temas e questões filosóficas relacionadas aos conteúdos e leituras propostas;
- Orientar e acompanhar a realização de pesquisas teóricas;
- Acompanhar e avaliar as elaborações teóricas e/ou exposições;
- Organizar a realização da culminância – apresentações culturais, elaborações dos discentes, direcionamento de trabalhos e equipes de colaboradores, produção de camisetas, faixas, banners, etc.

## **RECURSOS**

- Humanos: docentes, discentes e funcionários da UEFS.
- Materiais – computadores, multifuncional, câmeras digitais, celulares c/ câmera e gravador de voz, papel, canetas, lápis com borrachas, apontador para lápis, datashow, livros (diversos), revistas (diversas), internet, pendrives, mídias de dvd, aparelho de dvd, e outros.
- Fontes: Recursos próprios, recursos disponibilizados pela escola e a comunidade escolar.

## **CULMINÂNCIA**

- A culminância ocorrerá em 01/11/2018 (data alterada para 19 de janeiro de 2019, devido à greve dos professores que alterou o calendário escolar), conforme Calendário Escolar da UEFS, abrangendo os dois turnos (manhã e tarde), com exposição de trabalhos produzidos pelos alunos, apresentações culturais diversas e participação de palestrantes convidados (no intervalo das 8:00 às 18:00 horas).

## **AValiação**

A avaliação será processual, durante a organização do evento e a elaboração dos trabalhos; e ao final, na culminância. Por meio da análise qualitativa coletiva,

baseada na observação in loco com anotações em diário de bordo, do registro fotográfico e videográfico;

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. São Paulo: editora Scipione, 2014.

BRASIL. **LDBEN**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 04 de março de 2013.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares para o ensino médio** (vol. 3) – Ciências Humanas e suas tecnologias (sociologia e filosofia). Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. **Projeto de intervenção**. Disponível em: <http://moodle3.mec.gov.br/ufms/file.php/1/gestores/vivencial/pdf/projetointervencao.pdf>, acesso em 22/06/2017.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio** (Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio), Etapa II - Caderno II: Ciências Humanas / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Alexandro Dantas Trindade... et al.]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

## **APÊNDICE C – PLANO DE CURSO 2018 – FILOSOFIA PARA OS 3ºANO (A, B e C) – TURMAS ENVOLVIDAS NO PROJETO**

**UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA - UEFS**

**COMPONENTE CURRICULAR: FILOSOFIA**

**CARGA HORÁRIA – 40 horas**

**SÉRIE: 3º ANO (ENSINO MÉDIO) – 2018**

**PROFESSORA: FRANCISCA ALAÍNE PINHEIRO**

### **OBJETIVO GERAL**

Propiciar aos educandos a vivência e exercício filosóficos a partir do diálogo e do contato com textos filosóficos primários (especialmente Diálogos platônicos); promovendo a reflexão, análise e debate acerca das opiniões e das condições concretas de vida na modernidade; oportunizando e estimulando a aquisição, contextualização e a ressignificação de conhecimentos teóricos filosóficos.

### **COMPETÊNCIAS E HABILIDADES**

- Ler textos filosóficos de modo significativo.
- Ler, de modo filosófico, textos de diferentes estruturas e registros.
- Elaborar por escrito o que foi apropriado de modo reflexivo.
- Debater, tomando uma posição, defendendo-a argumentativamente e mudando de posição face a argumentos mais conscientes.
- Investigação e Compreensão
- Articular conhecimentos filosóficos e diferentes conteúdos e modos discursivos nas Ciências Naturais e Humanas, nas Artes e em outras produções culturais.
- Contextualizar conhecimentos filosóficos, tanto no plano de sua origem específica, quanto em outros planos: o pessoal-biográfico; o entorno sócio-político, histórico e cultural; o horizonte da sociedade científico-tecnológica

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Constituir uma representação de Filosofia a partir da experiência do filosofar e do contato com textos filosóficos, que supere as opiniões fundadas no senso comum.

- Compreender e diferenciar conhecimento de opinião.
- Formular e propor soluções a problemas lógico-teóricos acerca das opiniões vigentes nos diversos campos temáticos abordados.
- Desenvolver uma consciência crítica acerca das opiniões.
- Compreender a importância das questões acerca do sentido e da significação da própria existência e das produções culturais, e de suas conexões; seja com a formação de opiniões pessoais, de ideologias ou de conhecimentos.
- Relacionar o exercício da crítica filosófica com a promoção integral da cidadania e com o respeito à pessoa, dentro da tradição de defesa dos direitos humanos.
- Entender a integração necessária entre a Filosofia e a produção científica, artística, bem como com o agir pessoal e político.
- Servir-se do legado das tradições filosóficas para dialogar com as ciências e as artes, e refletir sobre a realidade e as opiniões constituídas acerca dela.
- Reconhecer o legado da tradição, atentando para a influência das ideologias na constituição dos valores e das opiniões.
- Diferenciar e relacionar, em diversos contextos históricos, temáticas como: ética, moral, política, virtude e ciência.

## **EIXOS TEMÁTICOS / CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

1º BIMESTRE – Linguagem filosófica; Natureza, arte e ação humana; Relações sociais e cidadania

- Filosofia e outros tipos de conhecimento;
- Cotidiano: mídia e alienação;
- O papel do mito no mundo contemporâneo;
- Descartes, Marx e Heidegger: concepções de mundo.
- Antropologia filosófica: natureza, cultura e arte.
- Multiculturalidade e Diversidade cultural.

Questões: o que é filosofia? O que é conhecimento? O que é opinião? O que é identidade? O que é cultura? O que é o belo? O que é o Bem?

Diálogos de Platão - trechos: Fedro / A República / Teeteto / Sofista

2º BIMESTRE – Ética: identidade e alteridade; Natureza, arte e ação humana; Relações sociais e cidadania.

- A relação entre informação, ideologia e poder na sociedade mediatizada;
- Elementos da ação ética: consciência e responsabilidade;
- Identidade e Diversidade Cultural;
- A dimensão ética da obra de arte;
- Política e poder.

Questões: O que é filosofia? O que é conhecimento? O que é opinião? O que é política? O que é ideologia? O que é virtude? O que é cultura? O que é o belo? O que é o Bem?

Diálogos de Platão - trechos: Fedro / A República / Teeteto / Crátilo/ Sofista / Fédon / Defesa de Sócrates/ O banquete.

3º BIMESTRE – Relações sociais e cidadania

- Cidadania, povo e democracia;
- Sociedade e intersubjetividade;
- Ideologia, comunicação e poder: o papel dos meios de comunicação em massa;
- Sociedade e cultura;
- A questão da liberdade;
- Ética da alteridade, desejo e vontade.

Questões: o que é filosofia? O que é conhecimento? O que é opinião? O que é política? O que é ideologia? O que é virtude? O que é cultura? O que é cidadania? O que é liberdade? O que é beleza? O que é o Bem?

Diálogos de Platão - trechos: Fedro / A República / Teeteto / Crátilo/ Sofista / Fédon / Defesa de Sócrates/ O banquete.

#### 4º BIMESTRE – CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SUSTENTABILIDADE; NATUREZA, ARTE E AÇÃO HUMANA.

- Ciência e tecnologia hoje;
- Os meios de comunicação e o desenvolvimento do mundo social;
- As redes sociais no mundo contemporâneo;
- Relação, homem-natureza: desafios, limites e perspectivas;
- A teoria da ação comunicativa (Habermas);
- Questões da Bioética;
- Ciência e Arte;
- Utilidade e importância da arte;
- Filosofia, ciência e senso comum – a questão da opinião e do conhecimento.

Questões: o que é filosofia? O que é conhecimento? O que é opinião? O que é política? O que é ideologia? O que é virtude? O que é cidadania? O que é cultura? O que é liberdade? O que é o belo? O que é o Bem?

Diálogos de Platão - trechos: Fedro / A República / Teeteto / Crátilo / Sofista / Fédon / Defesa de Sócrates/ O banquete.

#### **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

- Aula expositiva dialogada (com ênfase no diálogo; orientação em pesquisas bibliográficas; exibição de vídeos temáticos; desenvolvimento de projeto (PROJETO DE INTERVENÇÃO - APENDICE A, I FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS – APÊNDICE B) e envolvimento em eventos da escola.

#### **RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro de acrílico; pincéis coloridos; data show; computadores; internet; livro didático (adotado); revistas de filosofia (Ciência e vida filosofia – números diversos, de acordo com a necessidade); fotocópias de enxertos com trechos de Diálogos platônicos (de acordo com a necessidade); biblioteca da escola, vídeos diversos, apresentações em slides; entre outros.

## AValiação

- Acompanhamento da frequência (mínimo de 75%), pontualidade e permanência do aluno em sala, durante as aulas;
- Observação e análise da participação efetiva nas aulas e atividades extraclasse;
- Atividades escritas;
- Análise de apresentações de painéis e seminários (conteúdos temáticos específicos - sala) e outros eventos (participação em projetos - escola).

## BIBLIOGRAFIA

### Básica

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. São Paulo: editora Scipione, 2014.

**Mente, cérebro e filosofia**: fundamentos para a compreensão contemporânea da psique. Ano 1. v.1.

PLATÃO. **A República**: diálogos (col. Universidade – v.3). São Paulo: Ediouro, 1970.

\_\_\_\_\_. **Defesa de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural – Victor Civita, 1972. (col. Os Pensadores – v.2).

\_\_\_\_\_. Diálogos **O banquete – Fédon – Sofista – Político**. São Paulo: Abril Cultural – Victor Civita, 1972. (col. Os Pensadores – v.3).

\_\_\_\_\_. Diálogos **Teeteto- Crátilo**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001. 3.ed.

\_\_\_\_\_. **Fedro**. São Paulo; Martin Claret, 2002. (col. A obra prima de cada autor).

\_\_\_\_\_. **Mênnon**. São Paulo; Folha de São Paulo, 2015. (col. Folha grandes nomes do pensamento).

### Complementar

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires Martins. **Filosofando** – Introdução à filosofia (vol. Único). São Paulo: Moderna, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires Martins. **Temas de Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COTRIM, Gilberto. **Filosofia temática** (vol. Único). São Paulo: Saraiva, 2008.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à filosofia** (vol. Único). São Paulo: Ática, 2011.

DIMENSTEIN, Gilberto; STRECKER, Heidi; GIANCANTI, Alvaro Cesar. **Dez lições de filosofia** – para um Brasil cidadão (vol. Único). São Paulo: FTD, 2008.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

LEGUIZAMON, Héctor. **Atlas básico de filosofia**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

## **APÊNDICE D – I FÓRUM FILOSÓFICO UEFS / PROGRAMAÇÃO**

### **UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA -UEFS**

**“Nossa escola, nossa história!”**

#### **I Fórum Filosófico UEFS – Programação**

**Tema: A filosofia e o currículo do ensino médio: do senso comum ao senso crítico.**

#### **Atividades:**

- 7:45 h – Credenciamento.
- 8:00 h – Palestra de abertura: A representação de filosofia na opinião dos discentes do ensino médio: uma intervenção filosófica na Unidade Escolar Firmina Sobreira.
- Prof. Esp. Francisca Alaíne Pinheiro (UEFS) – mestranda do PROF FILOSOFIA UFPI
- 8: 20 h – Exibição de vídeos (Sócrates, Platão e Aristóteles).
- 8:40 h – Exposição de opiniões com apresentação de trabalhos escritos – discentes das turmas 3º A, 3º B e 3º C / 2018.
- 10: 00 h – Lanche filosófico.
- 10:20 h – Diálogo/Critica das opiniões.
- 11:00 h – Palestra de encerramento: Por que a filosofia importa?
- Prof. Esp. Francisca Alaíne Pinheiro (UEFS) – mestranda do PROF FILOSOFIA UFPI.
- 11:10 h – Exibição de filme (curta metragem – Meu amigo Nietzsche).
- 11:25 h Encerramento.

## APÊNDICE E – ATIVIDADE SOBRE A GREVE E A QUESTÃO DA JUSTIÇA

Atividade avaliativa – para as turmas de 3ºano (A, B e C) – 2018

Esta atividade, agora encaminhada a você, compõem o Projeto de pesquisa do mestrado: A representação de Filosofia na opinião dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica na Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS)/ Teresina – Piauí; a que sua turma está vinculada. Ela será utilizada para compor a 3ª nota de filosofia do ano letivo 2018.

**OBSERVAÇÃO 1:** Responda às seguintes questões, de forma livre e sincera; entregue escrita, com identificação (seu nome e sua turma), à pesquisadora responsável Francisca Alaíne Pinheiro (cpf 453931923-04): do dia 20 ao dia 27 de agosto do presente ano letivo (2018).

**OBSERVAÇÃO 2:** Esteja certo da privacidade a sua resposta.

**OBSERVAÇÃO 3:** Pesquise sobre os assuntos/temas envolvidos para fundamentar sua resposta: justiça; greve/movimentos sociais (releia o cap. 4 e leia o cap. 8, do seu livro texto de sociologia); direitos humanos, sociais e políticos. Considere a concepção de justiça. Reveja a leitura das questões sobre justiça, propostas na p.13 do seu livro texto.

**OBSERVAÇÃO 4:** Ao elaborar sua resposta, atente para a estrutura do texto dissertativo-argumentativo (introdução, desenvolvimento e conclusão); para a correção gramatical; e para a coesão e coerência.

**OBSERVAÇÃO IMPORTANTE:** Considere, com atenção, a concepção de justiça em Platão. Reveja a leitura das questões sobre justiça, propostas na p.13 do seu livro texto, e leia o trecho da obra República em anexo.

### Questões

1 – Diante da situação de greve dos professores da rede estadual do Piauí. Considerando as motivações dos docentes (professores) para a greve e os prejuízos para o(a)s discentes (alunos); expresse sua opinião sobre a greve. (elabore um pequeno texto argumentando para justificar sua resposta).

2 – Considerando a ideia de justiça e sua relação com direitos sociais e políticos, como: o direito à greve e o direito à educação (previstos na Constituição Brasileira, na LDBEN 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e no ECA – estatuto da criança e do adolescente). Em sua opinião esta greve é justa? (elabore um pequeno texto argumentando para justificar sua resposta).

### ANEXO

(...)

Adimanto — Certamente. Mas, Sócrates, que tem isso a ver com a investigação a respeito da natureza da justiça?

Sócrates — A justiça é, como declaramos, um atributo não apenas do indivíduo, mas também de toda a cidade?

Adimanto — Sim.

Sócrates — E a cidade não é maior que o indivíduo?

Adimanto — Claro.

Sócrates — Logo, numa cidade, a justiça é mais visível e mais fácil de ser examinada. Assim, se quiserdes, começaremos por procurar a natureza da justiça nas cidades; em seguida, procuraremos no indivíduo, para descobrirmos a semelhança da grande justiça com a pequena.

Adimanto — Estou de acordo.

Sócrates — Porém, se estudarmos o nascimento de uma cidade, não observaremos a justiça aparecer nela, tanto quanto a injustiça?

Adimanto — E possível.

Sócrates — Então, encontraremos mais facilmente o que buscamos?

Adimanto — Sem dúvida.

Sócrates — Portanto, devemos ir até o fim nessa busca? Em minha opinião, não é tarefa fácil. Ponderai-a.

Adimanto — Está ponderado. Podes prosseguir.

Sócrates — O que causa o nascimento a uma cidade, penso eu, é a impossibilidade que cada indivíduo tem de se bastar a si mesmo e a necessidade que sente de uma porção de coisas; ou julgas que existe outro motivo para o nascimento de uma cidade?

Adimanto — Não.

Sócrates — Portanto, um homem une-se a outro homem para determinado emprego, outro ainda para outro emprego, e as múltiplas necessidades reúnem na mesma residência um grande número de associados e auxiliares; a esta organização demos o nome de cidade, não foi?

Adimanto — Exatamente.

Sócrates — Porém, quando um homem dá e recebe, está convencido de que a troca se faz em seu proveito.

Adimanto — Sem dúvida.

Sócrates — Construamos, pois, em pensamento, uma cidade, cujos alicerces serão as nossas necessidades.

Adimanto — Cedo.

Sócrates — O primeiro deles, que é também o mais importante de todos, consiste na alimentação, de que depende a conservação do nosso ser e da nossa vida.

Adimanto — Sem dúvida.

Sócrates — O segundo consiste na moradia; o terceiro, no vestuário e em tudo o que lhe diz respeito.

(...)

PLATÃO. República.

Disponível em: [http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao\\_A\\_Republica.pdf](http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf).

Em 16/08/2018.

# ANEXOS

**ANEXO 1 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA ESCOLA CAMPO DA PESQUISA**

*Escola Firmina Sobreira, uma das instituições de ensino fundadas no início do século XX: expansão da educação laica. Está no bairro Poti Velho*



A UEFS após 2013 – ano do centenário

## ANEXO 2 - REGISTRO FOTOGRÁFICO DO I FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS



Banner.



Momento do credenciamento – assinatura de frequência e recebimento de material



Primeira parte do evento – palestra inicial



Primeira parte do evento – apresentação de vídeos sobre Sócrates, Platão e Aristóteles.



A escuta – momento em que a professora se coloca de lado e deixa os personagens do diálogo (os discentes) apresentarem seus discursos.

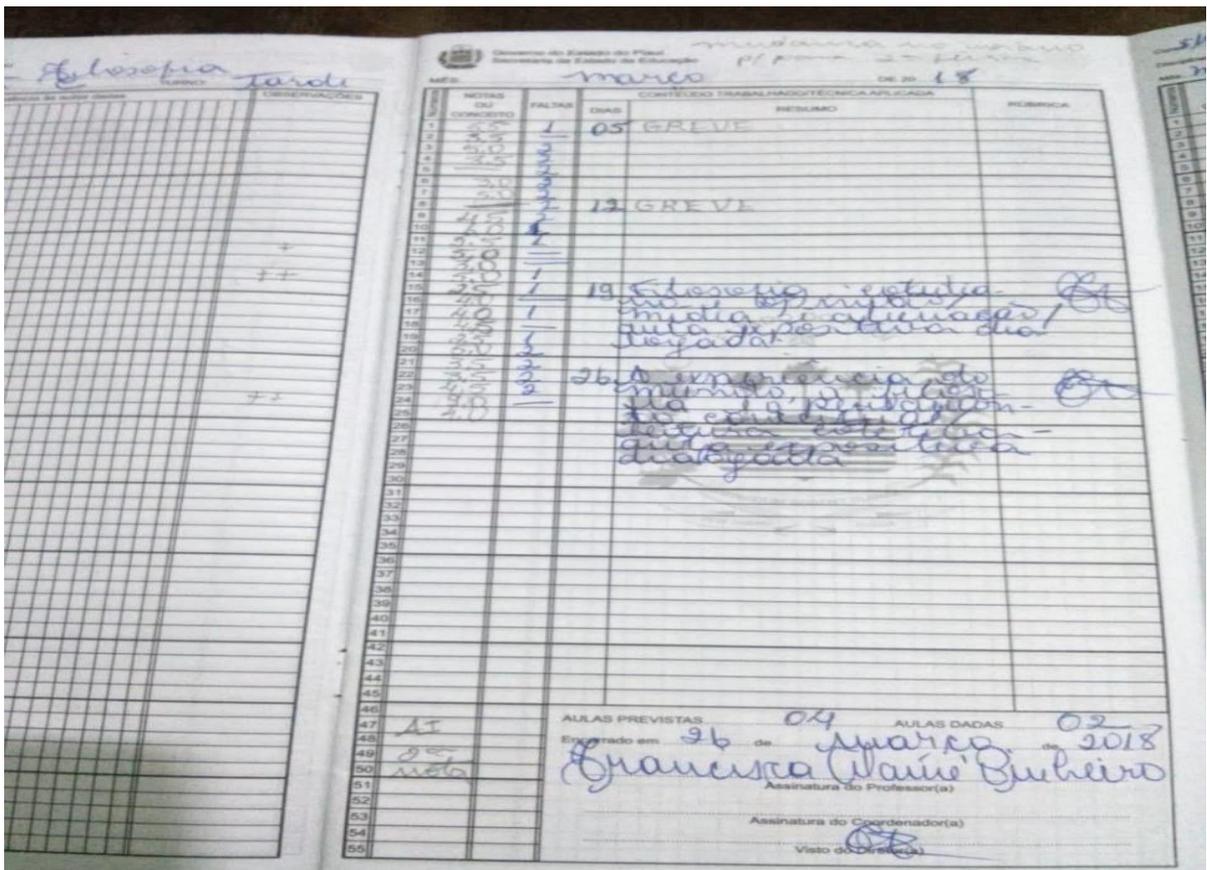


Intervalo – lanche filosófico



Segunda parte do evento – diálogo/discussão de opiniões.

ANEXO – 3 - REGISTRO FOTOGRÁFICO DO DIÁRIO DE CLASSE 3C – AULAS







Governo do Estado do Piauí  
 Secretaria do Estado da Educação  
 DE 20 15

Nome: Medio e  
 Turma: e

Observações: tarde

NOTAS	CONCEITO	FALTA	DIAS	CONTEUDO TRABALHADO	TÉCNICA APLICADA	REMARKS
1			07	A V e outras formas		
2			08	de verbos transitivos		
3			09	intransitivos		
4			10	de verbos transitivos		
5			11	intransitivos		
6			12	de verbos transitivos		
7			13	intransitivos		
8			14	A V e outras formas		
9			15	de verbos transitivos		
10			16	intransitivos		
11			17	de verbos transitivos		
12			18	intransitivos		
13			19	A V e outras formas		
14			20	de verbos transitivos		
15			21	intransitivos		
16			22	de verbos transitivos		
17			23	intransitivos		
18			24	A V e outras formas		
19			25	de verbos transitivos		
20			26	intransitivos		
21			27	de verbos transitivos		
22			28	intransitivos		
23			29	A V e outras formas		
24			30	de verbos transitivos		
25			31	intransitivos		
26			32	de verbos transitivos		
27			33	intransitivos		
28			34	A V e outras formas		
29			35	de verbos transitivos		
30			36	intransitivos		
31			37	de verbos transitivos		
32			38	intransitivos		
33			39	A V e outras formas		
34			40	de verbos transitivos		
35			41	intransitivos		
36			42	de verbos transitivos		
37			43	intransitivos		
38			44	A V e outras formas		
39			45	de verbos transitivos		
40			46	intransitivos		
41			47	de verbos transitivos		
42			48	intransitivos		
43			49	A V e outras formas		
44			50	de verbos transitivos		
45			51	intransitivos		
46			52	de verbos transitivos		
47			53	intransitivos		
48			54	A V e outras formas		
49			55	de verbos transitivos		
50						
51						
52						
53						
54						
55						

AULAS PREVISTAS: 03      AULAS DADAS: 09  
 Encerrado em 31 de Janeiro de 2019  
 Francisco Paulo Juliano  
 Assinatura do Professor(a)  
 Assinatura do Coordenador(a)  
 Visto do Diretor(a)

**ANEXO 4 – CERTIFICADO DO I FÓRUM FILOSÓFICO DA UEFS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PIAUÍ – SEDUC / PI  
UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA – UEFS

I FÓRUM FILOSÓFICO  
A FILOSOFIA E O CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO: DO SENSO COMUM AO SENSO CRÍTICO

**CERTIFICADO**

Certificamos que **YNGRYDY DA SILVA NERY** participou do **I FÓRUM FILOSÓFICO – A filosofia e o currículo do ensino médio: do senso comum ao senso crítico**, realizado no dia **19 de janeiro de 2019**, na **Unidade Escolar Firmina Sobreira – UEFS**, com carga horária total de **10 horas**.

  
\_\_\_\_\_  
Francisca Aiane Pinheiro  
Diretora  
Port. GSE nº 001/2018  
CPF: 423.941.902-04

\_\_\_\_\_  
Aluno (a)

**COORDENAÇÃO**  
Prof.ª Esp. Francisca  
Aiane Pinheiro

**REALIZAÇÃO**  


**APOIO**  
3A / 3B / 3C  
2018

## ANEXO 5 – REGISTRO DE ALGUMAS FALAS DOS PARTICIPANTES NA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM 2017

Uma vez que a filosofia é uma disciplina que trata da busca pela verdade, ela é uma atividade que exige um certo grau de reflexão e análise crítica. Isso significa que o aluno precisa estar preparado para lidar com questões complexas e muitas vezes contraditórias. Além disso, a filosofia é uma disciplina que exige um certo grau de maturidade intelectual e emocional. Portanto, é importante que o professor esteja atento a esses aspectos e ofereça um ambiente de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento do pensamento crítico e a capacidade de argumentação dos alunos.

JP-3B – diagnóstico

A minha opinião sobre a filosofia como conteúdo, principalmente que ela é muito difícil mas como conteúdo por o nome de uma coisa, mas ela não chega ser uma coisa de outro mundo ela é só uma disciplina um pouquinho complicada, mas do pra nós alunos.

Ela como disciplina escolar eu até chego a gostar mas só se eu para pra aprender bem atenção pra que se não eu me entalo toda tentando entender, mas fica tudo tão fácil de entender que a professora explica e quando eu fico parado pra ouvir-la falo sobre o conteúdo que parece ser mais coisa de site cobrega.

Filosofia é um mundo de conhecimento.

Se você conseguiu entender!

IB-3C -diagnóstico

Minha Opinião Sobre filosofia :  
 Como conteúdo e Como disciplina Escolar.

Em minha opinião, filosofia como conteúdo é interessante pois eu me interessava, tinha curiosidade em saber a origem das coisas, e a definição que a filosofia dá e diferente da ciência.

Eu gosto de filosofia como conteúdo, mas quando chega uma disciplina escolar dá um nó na cabeça porque tudo é complicado e nas provas, sobre pouco do tempo só nota baixo.

Filosofia é bom e é ruim ao mesmo tempo.

O ruim da disciplina é porque são muitos textos, e leitura não é o meu forte.

MCC-3C - diagnóstico

Quando eu cheguei no Ensino Médio, uma das coisas que eu mais tinha medo era da matéria Filosofia! Porque quando eu ainda era do Ensino Fundamental muitos amigos meus falavam que era difícil. Porém quando eu cheguei no 1º ano do Ensino Médio, eu vi que era bastante interessante, pois envolve muitos assuntos históricos, sobre as mitologias e ciências, e também porque nos leva bastante a pensar e refletir. A única coisa que eu não gosto na Filosofia é porque é algo bastante complexo e extenso.

JW -3C - diagnóstico

Eu sempre via a filosofia como algo negativo, eu tinha um pré-conceito a respeito dela. Meu primeiro contato com a filosofia aconteceu de acordo com o meu modo de pensar em relação a ela. Mas, ao decorrer do tempo e também dos assuntos sem modestia alguma eu filosofia eu tive uma epífora, um momento muito admirável pra mim, além de estar dentro as minhas matérias preferidas!. Não gosto de todos os assuntos, mas sempre apuro alguma coisa que vou de um modo de pensar que muda, até mesmo o verdadeiro significado de uma palavra. Aprender que se eu não tivera disposto a aprender a mudar minha opinião a respeito da filosofia eu poderia ter um pré-conceito, mas, vi que isso que a filosofia faz: nos leva a refletir e a rever nossos conceitos.

DCS-3A - diagnóstico

Minha opinião é muito positiva quanto a filosofia. Assim que entrei no 1º ano do Ensino Médio, me deparei com Fil. e percebi que fiquei muito confuso com tudo. Não sabia ao certo o porque das coisas, fui obrigado a pensar e a refletir. Filósofos pensam no porque daquilo tudo tentando imaginar como um filósofo. Filosofia foi e é muito importante para meu desenvolvimento pessoal, aprendi com eles o porque do existencial, aprendi a imaginar como eles nos aspectos da existência material e do Espiritual. O meu saber de antes não chega perto do meu saber de hoje, tudo isso por causa da filosofia.

KL- 3C -diagnóstico

## ANEXO 6 - EXEMPLOS DE TRABALHOS ESCRITOS APRESENTADOS NO I FÓRUM FILOSÓFICO UEFS

conferir gênese ao esclarecimento de dúvidas por feitos lógicos, é necessário o processamento do pensamento crítico. Com a mínima compreensão pelo senso comum, é incontestável a presença da Filosofia na aquisição do pensar crítico, na avaliação e julgamento reflexivo, procurando, acima de tudo, fornecer ferramentas para o exercício da habilidade adquirida.

Tratou-se ao diálogo entre os membros a importância silenciada pelos próprios alunos a respeito da Filosofia no ensino. Vejamos bem, para confirmar sua relevância poderíamos mostrar aos ouvintes a inutilidade que é posta pela sociedade, a fim de contradizer as falhas. Alguns poderiam afirmar que a filosofia nunca explicou nada objetivamente, pois ela somente dar propostas de esclarecimentos. Ora, ela é intermediária entre a teologia e a ciência, uma ponte entre o conhecimento e a ignorância, então, a subjetividade é um dos elementos que diferencia a mesma de outras ciências. Como grafava um prelúdio alemão: Não fiques embaixo, não subas muito alto, o mundo é sempre mais belo visto à meia altura. Antemão, para expressar com excelência, a Filosofia nasce na contradição e da diferença de ideias e fundamentos. Para não ficar somente em minhas palavras, o pensador Michel Montaigne afirmaria da seguinte forma "e nunca houve no mundo duas opiniões parecidas, como tampouco dois pelos ou dois grãos. Sua qualidade tem como universal é a diversidade". O exercício e o engajamento filosófico tem como princípio o reconhecimento da diversidade, buscando respostas, elevando-se. Não é uma colocação a respeito do nada, mas, apropriadamente, uma colocação. Ela não é um sistema ou conjuntos de leis. Nem sequer será capaz de existir leis, e se existisse, já não seria o ato de filosofar.

Trecho de trabalho escrito apresentado pela equipe de JP-3B

Segundo Platão, a filosofia surge como espanto diante da publicidade de estranhar, o mundo concebido de forma racional. Cito que esse espanto impulsiona a busca da compreensão do ser enquanto algo e capaz de ser apreciado pelo logos (razão, discurso, palavra) humano.

O sentido do "espanto" numa perspectiva filosófica é a admiração o maravilhoso, quando estamos em situação diferente, inesperada e de ignorância e sobre as coisas que ignoramos. Nos vivemos em mundo onde a sociedade nos apresenta certos tipos de padrões, estéticos, sociais, culturais e quando isso foge do padrão, nos perguntamos como isso é possível.

A filosofia no ensino médio consiste no abrir dos "olhos", pois mostra um mundo o qual não vemos. Portanto tem como objetivo, revelar a sociedade atual em que vivemos num mundo de opiniões, fazer com que façamos parte de um grupo. Cabe também a filosofia a tarefa de fomentar a interdisciplinaridade, integrando as contribuições formativas de todos os componentes curriculares.

### O OBJETIVO DO FÓRUM DE FILOSOFIA:

O fórum teve como objetivo fazer com que os alunos pensassem a respeito da filosofia. Porque ela é tão importante, a filosofia importa porque tem um papel fundamental na nossa formação como indivíduo, tendo como um objetivo de nos fazer pensar, de criticar e questionar.

No meu ponto de vista não vejo a filosofia como parte das "Ciências Humanas", pois, ela transcende ela vai além das minhas expectativas, a filosofia não pode ser um conteúdo a ser decorado por nos estudantes.

FH-3B / LA-3B / BB-3B

Trecho de trabalho escrito apresentado pela equipe de FH-3B

### A importância do ensino de filosofia

Antes de ingressarmos no ensino médio achávamos que a filosofia não tinha importância e que não iríamos precisar dela, mas conforme fomos conhecendo a disciplina percebemos o seu objetivo.

Como alunos do 3º ano do ensino médio após três anos de experiência com a disciplina, percebemos que ela nos proporcionou um exercício de pensamento que as outras disciplinas proporcionaram, daí a importância do ensino de filosofia. Ela também nos ajuda a participar do mundo social ou até mesmo ingressar no ensino superior, porque precisamos ter articulações de pensamentos, selecionar informações e analisar os argumentos que são os requisitos básicos.

Logo, a filosofia tem um importante papel na nossa formação, o seu principal objetivo não é apenas possibilitar a nós alunos um mero enriquecimento intelectual, ela nos faz ter a capacidade para questionar e perguntar, assim não só apenas viver de respostas de outras pessoas de situações variadas.

Gostaríamos que essa disciplina tivesse mais oportunidade de ser aproveitada em sala de aula, pois vimos de perto a sua dificuldade de aproveitamento causada pela pouca carga horária que ela tem.

Trecho de trabalho escrito apresentado pela equipe de YN-3C

## ANEXO 7 - MODELOS DE TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E TERMOS DE ASSENTIMENTO UTILIZADOS

Pág. 1/3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
MENORES DE 18 ANOS**

Seu filho ou curatelado está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo "A representação de Filosofia na opinião dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica na Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS)/ Teresina - Piauí" e que tem como objetivo intervir filosoficamente, a partir do contexto de sala de aula, nas representações acerca da filosofia e de sua importância como componente curricular do ensino médio, recorrentes e disseminados nas opiniões dos discentes, da Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS); tendo por base a aproximação das problemáticas e temáticas, propostas pelos discentes, aos conteúdos filosóficos. Acreditamos que esta pesquisa seja importante porque se no tempo e espaço da sala de aula, o ensino transcorrer de modo que o discente vivencie a filosofia a partir de suas próprias opiniões e questões, por meio do diálogo com os textos de filósofos e com os colegas, tornar-se-á possível o acesso ao conhecimento mais adequado de Filosofia e alguma mudança positiva na representação de Filosofia que, por sua vez, levará a um conhecimento mais amplo e profundo de Filosofia e ao melhor desempenho intelectual e acadêmico dos discentes.

**PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO**

A participação do seu filho ou curatelado no referido estudo será de participar das atividades propostas para as aulas e para a realização do Fórum Filosófico da UEFS.

**RISCOS E BENEFÍCIOS**

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você está sendo alertado de que, da pesquisa a se realizar, seu filho ou curatelado pode esperar alguns benefícios, tais como: mais conhecimento e melhor compreensão acerca da Filosofia, melhor desempenho intelectual (aprendizagem, desenvolvimento de habilidades) e acadêmico (notas melhores). Bem como, também que é possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos em sua participação, tais como conflitos ideológicos (choque com ideias diferentes das que acredita). Para minimizar tais riscos, nós pesquisadores tomaremos as seguintes medidas: : escutar e tratar com respeito e cuidado todas as opiniões, dispensar dos debates sempre que o discente se sentir desconfortável e assim desejar, utilizar o diálogo como método para a busca do conhecimento.

**SIGILO E PRIVACIDADE**

Nós pesquisadores garantiremos a você e a seu filho ou curatelado que as suas privacidades serão respeitadas, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, os identificar, será mantido em sigilo. Nós pesquisadores nos responsabilizaremos pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

**AUTONOMIA**

Nós asseguraremos a você e a seu filho ou curatelado, a assistência durante toda pesquisa, bem como garantiremos seu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação de seu filho ou curatelado. Também informamos que você pode recusar ou retirar o consentimento sobre a participação de seu filho ou curatelado neste estudo a qualquer momento,

UNIDADE ESCOLAR FIRMINA SOBREIRA

INSTITUTO DE PESQUISA

TERESINA - PIAUÍ

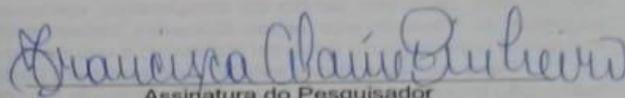
Termo de Assentimento

Pág. 2/2

**USO DE IMAGEM E/OU ÁUDIO** (quando for o caso da imagem e/ou áudio do participante serem utilizados nesta pesquisa)

Autorizo o uso de minha (imagem – áudio – entre outros) para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito a apresentação em eventos da escola UEFS, e como fonte de informações para a elaboração do trabalho escrito do mestrado e/ou outros trabalhos acadêmicos relacionados à temática. Autorizo ainda a destruição do material após o final de 2018, ou sua manutenção (caso seja relevante) em arquivo da UEFS.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do Pesquisador

RUBRICA DO SUJEITO DE PESQUISA

RUBRICA DO PREPARADOR

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo "A representação de Filosofia na opinião dos discentes do Ensino Médio: uma intervenção filosófica na Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS) Teresina - Piauí" e que tem como objetivo intervir filosoficamente, a partir do contexto de sala de aula, nas representações acerca da filosofia e de sua importância como componente curricular do ensino médio, recorrentes e disseminados nas opiniões dos discentes, da Unidade Escolar Firmina Sobreira (UEFS); tendo por base a aproximação das problemáticas e temáticas, propostas pelos discentes, aos conteúdos filosóficos.

Acreditamos que esta pesquisa seja importante porque se no tempo e espaço da sala de aula, o ensino transcender de modo que o discente vivencie a filosofia a partir de suas próprias opiniões e questões, por meio do diálogo com os textos de filósofos e com os colegas, tornar-se-á possível o acesso ao conhecimento mais adequado de Filosofia e alguma mudança positiva na representação de Filosofia que, por sua vez, levará a um conhecimento mais amplo e profundo de Filosofia e ao melhor desempenho intelectual e acadêmico dos discentes.

**PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO**

A sua participação no referido estudo será de participar das atividades propostas para as aulas e para a realização do Fórum Filosófico da UEFS.

**RISCOS E BENEFÍCIOS**

Através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido você está sendo alertado de que, da pesquisa a se realizar, pode esperar alguns benefícios, tais como: mais conhecimento e melhor compreensão acerca da Filosofia, melhor desempenho intelectual (aprendizagem, desenvolvimento de habilidades) e acadêmico (notas melhores). Bem como, também que é possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos em sua participação, tais como conflitos ideológicos (choque com ideias diferentes das que acredita). Para minimizar tais riscos, nós pesquisadores tomaremos as seguintes medidas: escutar e tratar com respeito e cuidado todas as opiniões, dispensar dos debates sempre que o discente se sentir desconfortável e assim desejar, utilizar o diálogo como método para a busca do conhecimento.

**SIGILO E PRIVACIDADE**

Nós pesquisadores garantiremos a você que sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, lhe identificar, será mantido em sigilo. Nós pesquisadores nos responsabilizaremos pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

**AUTONOMIA**

Nós lhe asseguramos a assistência durante toda pesquisa, bem como garantiremos seu livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois de sua participação. Também informamos que você pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.